



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**LEONOR ROSÁRIO LUÍS CARACÓIS**

**ECOLOGIA INTEGRAL.**

**UM DESAFIO NO CONTEXTO DA EMRC.**

**Uma proposta à luz da Unidade Letiva 1 do 6º ano**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**

**Sob orientação de:**

**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Doutor Vítor Manuel Leitão Coutinho**

**Lisboa**

**Ano 2018**

## Índice

ABREVIATURAS .....	5
INTRODUÇÃO .....	6
 CAPÍTULO I - A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA .....	10
1. Breve olhar sobre a tarefa educativa da EMRC .....	10
2. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada .....	14
2.1. Caracterização da escola: o Externato da Luz .....	14
2.2. Caracterização da turma .....	19
3. Percurso realizado .....	21
3.1. Experiência em contexto escolar .....	21
3.2. Experiência em contexto de sala de aula .....	23
3.3. Avaliação do percurso .....	27
4. Unidade Letiva 1 do 6º ano: “A pessoa humana” .....	30
4.1. Análise e pertinência da Unidade Letiva .....	30
4.2. A lecionação da UL: Planificações de nível IV e reflexão sobre as aulas .....	35
5. A questão ecológica na Unidade Letiva 1 do 6º ano .....	60
 CAPÍTULO II – ECOLOGIA INTEGRAL. FUNDAMENTAÇÃO .....	65
1. Contextualização da questão ecológica .....	65
2. Ecologia integral à luz dos relatos da criação .....	74
2.1. Os dois relatos bíblicos da criação .....	74
2.2. O primeiro relato da criação: Gn 1, 1- 2, 4a .....	76
2.3. O segundo relato da criação: Gn 2, 4b- 3, 24 .....	82
3. A categoria “Ecologia Integral” na Laudato Si`: uma visão holística .....	84
3.1. A Encíclica Laudato Si`: principais eixos .....	84
3.2. Uma visão holística .....	94
3.3. Dimensão antropológica .....	97
3.4. Dimensão socioeconómica .....	106
3.5. Conversão integral e ecologia da vida quotidiana .....	116
4. Ecologia integral: desafios educacionais colocados à EMRC .....	122
 CAPÍTULO III- Proposta Pedagógica: Criação de um <i>Foco de Conversão Ecológica Escolar</i> .....	130
1. <i>Focos de Conversão Ecológica Escolar</i> . Apresentação da proposta e objetivos .....	130
2. Criação de um <i>Foco de Conversão Ecológica Escolar</i> a partir da UL 1 do 6º ano .....	132
3. Programa de EMRC e implementação de <i>Focos de Conversão Ecológica Escolar</i> .....	134
4. Itinerário de implementação e Textos de Apoio para Encontros de <i>Foco</i> .....	136
 CONCLUSÃO .....	163
BIBLIOGRAFIA .....	167

*“No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama... E o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos.” (LS 245)*

Um agradecimento especial à minha família que com profundo interesse acompanhou a realização deste trabalho e à família das Carmelitas Missionárias à qual pertenci durante vários anos e onde foi crescendo a minha fé e entrega ao Senhor da Vida.

Um agradecimento que se dirige também aos colegas com quem partilhei este percurso de mestrado, bem como aos professores que em muito nos enriqueceram. Destaco de modo especial os orientadores deste Relatório Final, os professores Juan Ambrosio e Vítor Coutinho que com a sua disponibilidade e sabedoria tornaram possível esta reflexão.

Por último manifesto o meu profundo agradecimento ao Externato da Luz onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada, nas pessoas do seu Diretor, Frei José Silvestre, e do Professor Cooperante, Hélder Silva, que nos acolheram e acompanharam com esmero e dedicação, bem como aos colegas de núcleo, Duarte Fontes e Ana Paula Pereira e alunos do 6º A.

A todos e a todas muito obrigada!

**Resumo.** Expõe-se uma reflexão sobre o desafio que a categoria ecologia integral constitui para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, a qual tem a sua origem na lecionação e análise crítica da Unidade Letiva 1 do 6º ano, “A Pessoa Humana”, realizada no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvida no Externato da Luz em Lisboa.

No atual contexto socioeconómico e cultural e dado o estado de degradação do planeta, a questão ecológica, entendida de forma ampla e holística, surge como uma questão pertinente e inadiável. É este o tema que aqui se desenvolve, abordando-o no âmbito da tradição cristã, sem renunciar à sabedoria dos textos bíblicos e com base na proposta apresentada pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*. Assim, à luz deste documento, expõe-se o tema da ecologia integral nas suas dimensões antropológica, socioeconómica, de vida quotidiana e de apelo a uma conversão integral, apresentando também uma reflexão sobre os desafios educacionais que esta categoria coloca à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Por fim, e como forma de responder a estes desafios, apresenta-se uma proposta pedagógica concreta: a criação de um *Foco de Conversão Ecológica Escolar*.

**Palavras-chave:** Ecologia integral; *Laudato Si'*; Dimensão antropológica; Dimensão socioeconómica; Ecologia da vida quotidiana; Conversão integral; Educação; Prática de Ensino Supervisionada; EMRC; *Foco de Conversão Ecológica Escolar*.

**Abstract.** This dissertation presents a reflection on the challenge that the category of integral ecology represents for the discipline of Catholic Moral and Religious Education, risen during the lecture and critical analysis of the First Unit of the sixth grade curricular program, “The Human Person”, object of the Supervised Teaching Practice, at Externato da Luz, in Lisbon.

In the contemporary social-economic and cultural context, and given the degradation state of the planet, the ecological issue, understood in a broad and holistic manner, appears as a relevant and unavoidable question. Thus is the subject here discussed, under the approach of Catholic tradition, not discarding for this intent, the resource to biblical wisdom and Pope Francis’ proposal, presented in his encyclical *Laudato Si’*. Thereby, in light of this document, the integral ecological issue is exposed in its anthropological and social-economical dimension, showing its relation with everyday life and appeals to ecological conversion, and the educational challenges it offers to the discipline of Catholic Moral and Religious Education. At last, aiming to respond to this very challenge, a specific pedagogical proposal is presented: the creation of a *Focus of Ecological School Conversion*.

**Key-Words:** Integral Ecology, *Laudato Si’*, Anthropologic Dimension; Social-economical Dimension; Ecology of Daily Life; Integral Conversion; Education; Supervised Teaching Practice; CMRE; *Focus of Ecologic School Conversion*.

## ABREVIATURAS

### DO MAGISTÉRIO

CELAM	Consejo Episcopal Latinoamericano
CV	Caritas in Veritate
EG	Evangelii Gaudium
GE	Gravissimum Educationis
GS	Gaudium et Spes
LS	Laudato Si`
RN	Rerum Novarum

### OUTRAS

DSI	Doutrina Social da Igreja
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
ONU	Organização das Nações Unidas
OXFAM	Oxford Committee for Famine Relief
PEI	Programa Educativo Especial
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
TPC	Trabalhos para Casa
UL	Unidade Letiva
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNICEF	United Nations International Children`s

## INTRODUÇÃO

Dado o atual estado do planeta e a enorme crise ecológica que vivemos, os problemas relacionados com o meio ambiente deixaram de ser uma preocupação apenas para os ambientalistas. Assistimos hoje a uma sensibilidade relativamente a este assunto por parte da generalidade dos cidadãos e também da Igreja, assumida ao seu mais alto nível. O Papa Francisco na sua encíclica *Laudato Si` (LS)* faz uma importante chamada de atenção dirigida a “cada pessoa que habita este planeta”<sup>1</sup>, cidadãos, líderes políticos e muito particularmente aos cristãos, deixando claro que este não é um assunto alheio à fé em Jesus e que o seu seguimento implica um cuidado esmerado da nossa casa comum.<sup>2</sup>

O presente Relatório Final tem por base a categoria ecologia integral, conforme a desenvolve o atual Papa no referido documento, procurando apresentar os desafios que esta categoria constitui no contexto da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). A reflexão que aqui se expõe parte da lecionação e análise crítica da Unidade Letiva (UL) 1 do 6º ano, “A Pessoa Humana”, realizada no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) desenvolvida no Externato da Luz em Lisboa.

À luz do paradigma de uma ecologia integral a crise ecológica exige não apenas mudanças exteriores, a nível de sistemas de produção ou sistemas económicos. O Pontífice transmite na *Laudato Si`* a sua convicção de que estas são importantes, mas não suficientes, considerando que “não se pode prescindir da humanidade. Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia.”<sup>3</sup> Assim, entendida a questão ecológica numa perspetiva ampla e holística, não se restringindo às ciências naturais,

---

<sup>1</sup> PAPA FRANCISCO, *Louvado Sejas, Carta Encíclica Laudato Si`, sobre o cuidado da casa comum*, Paulinas, Prior Velho, 2015, 3. De futuro passarei a citar por *LS*.

<sup>2</sup> Cf. *LS* 217.

<sup>3</sup> *LS* 118.

nem tampouco económicas, percebemos a possibilidade deste enfoque contribuir para o enriquecimento substancial de uma Unidade sobre a Pessoa Humana.

Neste contexto torna-se fundamental que as medidas adotadas para impedir os abusos praticados contra a natureza, sejam acompanhadas de uma verdadeira conversão<sup>4</sup>, a qual implica uma mudança de mentalidade, de hábitos, de consciência e de coração. Ora, sabemos que mudanças estruturais a este nível, se queremos que elas se consolidem e enraízem num horizonte temporal de longo prazo, não podem nunca deixar de passar pela educação das novas gerações. Assim o entende o Papa, o qual dedica o último capítulo da *Laudato Si`* à educação e espiritualidade, tendo sido esta também, como sabemos, uma convicção da Igreja ao longo dos séculos, não deixando nunca de dar o seu contributo inestimável no campo educativo. O Concílio Vaticano II vem novamente reconhecer a importância da educação e nela o espaço privilegiado que a escola ocupa:

“Entre todos os meios de educação, tem especial importância a escola, enquanto cultiva atentamente as faculdades intelectuais, desenvolve a capacidade de julgar retamente, introduz no património cultural adquirido pelas gerações passadas, promove o sentido dos valores, prepara a vida profissional, e criando entre alunos de índole e condição diferentes um convívio amigável, favorece a disposição à compreensão mútua [...]”<sup>5</sup>

A nossa época, como todas as outras, tem por diante a tarefa, sempre antiga e sempre nova, de transmitir às novas gerações o que de melhor temos e somos como humanidade e simultaneamente contribuir para a renovação de critérios e mentalidades num contexto de mudança, carregado de novos desafios, contexto este que caracterizamos ao início do segundo capítulo.

---

<sup>4</sup> Cf. *LS* 217.

<sup>5</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a Educação Cristã (Gravissimum Educationis)*, 5, Editorial A. O., Braga, 1987. De futuro passarei a citar por *GE*.



Dedicamos o primeiro capítulo à Prática de Ensino Supervisionada, contextualizando-a, através da caracterização da escola e da turma, e apresentamos o percurso realizado, bem como a leção e análise crítica da Unidade Letiva de referência, a UL 1 do 6º ano, “A Pessoa Humana”. É desta análise que surgem algumas questões pertinentes, nomeadamente a que se refere à questão ecológica, entendida na sua dimensão integral, a qual está na origem da pesquisa teológica e didática que se apresenta neste Relatório Final. É ainda no primeiro capítulo, logo ao seu início, que apresentamos a reflexão sobre a tarefa educativa da EMRC na escola, a qual estamos convencidos que tem um contributo específico a dar no seio de toda a comunidade escolar e na formação das novas gerações.

No segundo capítulo desenvolve-se uma fundamentação da categoria ecologia integral. Começamos para isso por contextualizar a questão ecológica, apresentando uma breve caracterização do contexto social, económico e cultural atual. Seguidamente detemo-nos nos dois relatos bíblicos da criação, nos quais podemos encontrar uma sólida fundamentação para o enfoque ecológico proposto pelo Papa Francisco. Prosseguimos no ponto três com a apresentação breve dos principais eixos da encíclica *Laudato Si'*, desenvolvendo-se em seguida o tema da ecologia integral nas suas dimensões antropológica, socioeconómica, de vida quotidiana e de apelo a uma conversão integral. Dedicamos a última parte deste capítulo a uma reflexão sobre os desafios educacionais que a categoria ecologia integral coloca à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

Constatados e assumidos estes desafios, expomos no terceiro capítulo uma proposta pedagógica concreta no sentido de sensibilizar e dinamizar a comunidade educativa para a questão ecológica, entendida sempre na sua integralidade. Assim, à luz da proposta lançada pela *Rede Cuidar da Casa Comum*, uma rede constituída por diversas entidades da Igreja Católica, apresentamos o projeto de criação de um *Foco de Conversão Ecológica Escolar*. Começamos o capítulo por expor o que são estes *Focos* e os seus objetivos, para seguidamente apresentar a

proposta da sua implementação a partir da UL 1 do 6º ano, “A Pessoa Humana”, sendo, contudo, igualmente explorada a possibilidade dos mesmos se implementarem no contexto de outras Unidades do Programa de EMRC. Por fim expomos o seu itinerário de implementação, bem como seis Textos de Apoio para os encontros de *Foco* a realizar nesse primeiro ano.

Consideramos ser este um projeto que se enquadra na idiossincrasia da disciplina de EMRC, a qual, como sabemos, está chamada a contribuir para a formação integral dos alunos, não apenas através do seu Programa enormemente rico em conteúdos, mas também enquanto disciplina que procura proporcionar espaços de reflexão sobre a realidade e compromisso com a mesma à luz da matriz cristã. João Lourenço expressa-se da seguinte forma:

“Penso que à EMRC cabe uma missão profética não tanto pelo que ensina, mas sim pelo espaço de reflexão, de partilha e de discernimento que pode constituir no quadro da escola de hoje e pelo dinamismo que pode incutir a todos aqueles que se envolvem nesta dinâmica: docentes e alunos.”<sup>6</sup>

É este dinamismo, reflexão, partilha e discernimento acerca da questão ecológica que se pretende lançar na escola através da criação dos *Focos de Conversão Ecológica Escolar*, convencidos, como estamos, que a disciplina de EMRC pode assumir um papel importante na tarefa, cada vez mais urgente e reconhecida por todos como necessária, de cuidar da nossa casa comum. Ao finalizar o mestrado em Ciências Religiosas, especialização em EMRC, procuramos com este Relatório Final dar o nosso humilde contributo nesse sentido.

---

<sup>6</sup> J. LOURENÇO, “Dimensão profética da EMRC, A escola, o docente, o educando. Sinais proféticos da EMRC”, *Revista Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 113.

## CAPÍTULO I - A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

### 1. Breve olhar sobre a tarefa educativa da EMRC na escola

Vivemos tempos em que são muitas e diversas as demandas dirigidas à escola. Pede-se que esta transmita não apenas conhecimento, mas também valores, competências sociais, reforce a autoestima dos alunos, desenvolva o sentido crítico e a criatividade e muitas vezes até que esteja atenta às necessidades básicas de alimentação ou higiene. Tendo em conta estas demandas, a escola hoje não serve apenas para transmitir uma série de conhecimentos e competências técnicas, devendo antes contribuir para um desenvolvimento integral do sujeito. Não se trata apenas de preparar indivíduos para o mercado de trabalho, mas de formar pessoas e cidadãos. Juan C. Tedesco fala de “escola total”, como instituição que se ocupa de “formar não só o núcleo básico do desenvolvimento cognitivo, mas também o núcleo básico da personalidade.”<sup>7</sup>

A Declaração Conciliar *Gravissimum Educationis* (GE), logo no seu primeiro número, reconhece o direito de todos à educação em virtude da sua dignidade de pessoa e explicita o fim da mesma nos seguintes termos: “a verdadeira educação pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades [...]”.<sup>8</sup> Na visão do Concílio a educação da pessoa não visa apenas a sua realização profissional ou pessoal, senão que tem em conta o seu fim último, situando-a, portanto, num horizonte amplo de sentido da vida, sem esquecer o seu contributo para o bem comum. Assim, logo de seguida, o Concílio alerta para a necessidade de educar de modo que, de forma eficaz, se possa contribuir para melhorar a sociedade através de uma participação ativa:

“[...] de tal modo se preparem para tomar parte na vida social, que, devidamente munidos dos instrumentos necessários e oportunos, sejam capazes de inserir-se ativamente nos vários

---

<sup>7</sup>J. TEDESCO, *O novo pacto Educativo*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 1999, 116.

<sup>8</sup> GE 1.

agrupamentos da comunidade humana, se abram ao diálogo com os outros e se esforcem de boa vontade por cooperar no bem comum.”<sup>9</sup>

O atual Papa, enquanto Arcebispo de Buenos Aires, nas suas mensagens às comunidades educativas católicas daquela cidade, inserindo-se nesta linha conciliar, insiste na possibilidade e responsabilidade de construir um mundo diferente: “o único motivo pelo qual temos algo a fazer no campo da educação é a esperança numa humanidade nova, noutra mundo possível. É a esperança que brota da sabedoria cristã, que no Ressuscitado nos revela a estatura divina à qual somos chamados.”<sup>10</sup> Explicita também que “o nosso objetivo não é apenas formar indivíduos úteis à sociedade, mas sim educar pessoas que possam transformá-la!”<sup>11</sup>

Para que a escola cumpra a sua missão de formar integralmente os alunos, é fundamental ter em conta a dimensão religiosa, uma vez que esta é para o ser humano não algo optativo ou acessório, mas estrutural e estruturante. Na sua educação o aluno necessita aceder à dimensão religiosa para que a sua pessoa possa desenvolver-se integralmente e não se veja “atrofiada”. Assim o consideram também os Bispos portugueses, para quem “a EMRC tem como grande finalidade a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida [...]”.<sup>12</sup>

Aprender sobre o fenómeno religioso e as religiões contribui para a abertura a perguntas das quais o ser humano não pode abdicar e menos ainda em culturas como a nossa, marcada pelo que é imediato e passageiro, deixando a terrível sensação de superficialidade e vazio. Uma cultura que necessita, mas não fomenta, a abertura às perguntas especificamente humanas sobre o sentido e finalidade da vida, bem como a questões éticas relevantes. É precisamente aí, numa sociedade e num ambiente educativo que, apesar de todas as demandas que lhe são feitas,

---

<sup>9</sup> GE 1.

<sup>10</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho, 2015, 61.

<sup>11</sup> *Ibidem*, 67.

<sup>12</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica- Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 2006, <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>, 11 (Acedido em 22 de dezembro de 2017).

continua a valorizar sobretudo uma formação técnica, que é fundamental o papel da EMRC, enquanto disciplina que fomenta a abertura a essas grandes questões e recorda uma dimensão maior da educação que está chamada a ter presente os grandes temas da humanidade: o amor, as relações, o sofrimento, o trabalho, o sentido, a sexualidade, a felicidade.<sup>13</sup>

Por outro lado, importa também destacar a pertinência cultural do ensino religioso, uma vez que confere aos alunos ferramentas de leitura e compreensão da história e das civilizações.

Assim o entende e expressa a Declaração de Toledo:

“O conhecimento das religiões e crenças constitui uma componente essencial de uma educação de qualidade. Trata-se de um requisito para entender parte importante da história, da literatura e da arte e pode ser útil para ampliar horizontes culturais e para adquirir uma visão mais profunda da complexidade do passado e do presente.”<sup>14</sup>

Outro aspeto de reconhecida importância prende-se com a capacitação dos alunos para a convivência pacífica num mundo plural. A Comissão Internacional da Educação para o Século XXI, no seu relatório de 1996 à *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), aponta como um dos quatro grandes princípios para a educação, “aprender a viver juntos.”<sup>15</sup> Importa muito, para bem de todos, educar as novas gerações para uma cidadania democrática, participativa e respeitosa. Capacitar para conviver e construir juntos o mundo que habitamos, num contexto de diversidade social, é função do sistema educativo, sendo difícil levá-lo a cabo sem ter em conta a dimensão religiosa que continua hoje a marcar-nos enquanto pessoas, na nossa forma de pensar, viver, conviver e expressar-nos culturalmente. O desconhecimento da cultura e crenças dos outros dificulta a convivência e

---

<sup>13</sup>Cf. J. FRAZÃO CORREIA, “EMRC: profecia e dom, um jeito de ser Igreja”, *Revista Pastoral Catequética* 31-32 (2015) 95- 105.

<sup>14</sup> OSCE/ODIHR, *Principios Orientadores de Toledo sobre la Enseñanza acerca de las Religiones y Creencias en las Escuelas Públicas*, Varsóvia, 2008, <https://www.osce.org/es/odihr/29155?download=true>, 15 (Acedido a 15 de dezembro de 2017).

<sup>15</sup> J. DELORS (Coord.), *Educação um tesouro a descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, UNESCO, Brasília, 1998, [http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a\\_pdf/r\\_unesco\\_educ\\_tesouro\\_descobrir.pdf](http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf), 102 (Acedido em 15 de dezembro de 2017).

alimenta a intolerância e a hostilidade. Por outro lado, sabemos que a mensagem e valores cristãos propiciam a educação para a paz, a igualdade, o respeito pelos outros diferentes de nós e a construção de um mundo melhor para todos. É importante que as escolas assumam esta responsabilidade de formar para a convivência numa sociedade plural, podendo a disciplina de EMRC dar um valioso contributo.

Por último, mencionamos o papel que a escola, e no seu seio a nossa disciplina, está chamada a desempenhar numa outra importante causa, para a qual o Papa Francisco nos vem despertar: a questão ecológica, entendida de forma abrangente, tal como nos é proposta na encíclica *Laudato Si'*, através do paradigma de uma ecologia integral. É este um tema que desenvolveremos longamente ao longo do presente Relatório e que consideramos ser de enorme pertinência, dado o estado de avançado deterioro do planeta e dado tratar-se de uma questão cujas soluções não se compadecem com medidas de curto prazo e meramente técnicas. É um problema de fundo que requiere medidas audazes, de longo alcance, sendo sem dúvida imprescindível para o futuro do planeta e da humanidade a formação das novas gerações. Esta convicção permeia toda a encíclica, de tal modo que o último capítulo é dedicado precisamente à educação e espiritualidade.

Ante o exposto, consideramos, pois, utilizando palavras do Jesuíta José Frazão, que a disciplina de EMRC deve situar-se na escola com a “convicção profunda de que aquilo que nos move é um bem que pode ser reconhecido como bem por outros.”<sup>16</sup> Esta convicção estende-se à presença da disciplina, tanto em estabelecimentos de ensino públicos, como privados, católicos ou não. Seguidamente procedemos à contextualização da Prática de Ensino Supervisionada, a qual se realizou numa escola católica, onde, como veremos, a disciplina tem o seu papel específico.

---

<sup>16</sup>J. FRAZÃO CORREIA, “EMRC: profecia e dom, um jeito de ser Igreja”, 102.

## **2. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada**

A minha Prática de Ensino Supervisionada realizou-se no Externato da Luz, em Lisboa, na turma A do Sexto ano de escolaridade. O núcleo de PES era formado por três professores estagiários: Ana Paula Pereira, Duarte Fontes e Leonor Caracóis. Fomos acompanhados pelo professor cooperante, Hélder Silva, o qual era o Diretor de Turma do Sexto A e Vice Diretor do Externato.

Antes de analisar o percurso realizado, importa apresentar uma breve caracterização da escola e da turma, a qual ajudará a contextualizar esse mesmo percurso.

### **2.1. Caracterização da escola: o Externato da Luz**

O Externato da Luz foi fundado no ano 1958. Situa-se no Largo da Luz nº11, na cidade de Lisboa, paredes meias com o Seminário dos Franciscanos e com uma escola pública. A localização é boa e trata-se de uma escola segura, com ótimas instalações, diversidade de equipamentos e muitos espaços exteriores.

O Externato desenvolve a sua tarefa educativa desde o Pré Escolar até ao 3ºciclo, tendo aproximadamente 760 alunos, 84 docentes e 52 assistentes operacionais. Acolhe alunos oriundos da grande Lisboa, na sua maioria pertencentes a famílias de classe média alta. Salienta-se que a escola é frequentada por um elevado número de crianças e adolescentes com necessidades educativas especiais.

Carateriza-se por ter um corpo docente estável, que desempenha as suas funções com profissionalismo e rigor, o que se tem revelado, entre outras coisas, na motivação da maioria dos alunos para aprender e nos bons resultados das provas externas. Tem uma comunidade educativa empenhada, participativa e cooperante, sendo de destacar o papel dos pais e

Encarregados de Educação. Este empenho e colaboração entre famílias e Externato, torna a instituição bastante familiar.

Identifica-se como uma escola particular católica, seguindo uma espiritualidade franciscana. Procura desenvolver a sua missão formativa e evangelizadora nos diversos contextos sociais e culturais envolventes, como consta no seu Projeto Educativo.<sup>17</sup> É oferta desta instituição a possibilidade de frequência de catequese para toda a comunidade escolar. Ao segundo e terceiro ciclos é oferecida a disciplina “Formação Humana”. Apresenta ainda uma oferta diversificada de clubes, em especial a nível de desporto escolar, música, dança e teatro, bem como outras atividades.

A sua identidade cristã favorece que o Externato seja frequentado maioritariamente por alunos cujos Encarregados de Educação valorizam uma educação humanista e em valores, bem como uma formação académica de qualidade. Contudo, a educação à luz do Evangelho e do idiário franciscano poderá ser valorizada, e até constituir uma prioridade na escolha da escola, por uma percentagem das famílias, mas não parece ser determinante para todas, nem tampouco para a maioria. Este facto constitui um desafio para o Externato, o qual está claramente empenhado em promover a “sua tarefa educativa apoiando-se na visão antropológica e pedagógica cristã e franciscana.”<sup>18</sup> Um desafio que parece ser ganho. De facto, todo o ambiente da escola reflete simplicidade (em linguagem Franciscana “menoridade”), alegria e espírito de fraternidade, elementos tão caros ao carisma franciscano e claramente assumidos no Projeto Educativo<sup>19</sup> como os três grandes valores. Os professores que constituímos o núcleo de estágio pudemos observar com agrado que são valores estruturais não apenas no papel ou a nível

---

<sup>17</sup> Cf. Projeto Educativo do Externato da Luz 2016-2019, [http://externatodaluz.com/site/ficheiros/direcao/projecto\\_educativo.pdf](http://externatodaluz.com/site/ficheiros/direcao/projecto_educativo.pdf), 3 (Acedido em 22 de dezembro de 2017).

<sup>18</sup> *Ibidem*, 3.

<sup>19</sup> Cf. *Ibidem*, 4.



teórico, senão que marcam efetivamente a tarefa educativa, determinando as grandes opções e as pequenas decisões que constituem o dia a dia escolar.

Os primeiros contactos com o Externato permitiram-nos identificar quase de imediato o seu cariz franciscano e a permanência ao longo do ano letivo foi confirmando essa primeira impressão. A simplicidade, a facilidade de acesso à Direção, a proximidade nas relações entre os membros da comunidade educativa, um funcionamento descomplicado, são alguns dos aspetos que rapidamente captamos como parte da cultura da instituição. Apesar de alguns membros da Ordem Franciscana participarem em atividades e celebrações ao longo do ano letivo, importa salientar que toda a equipa educativa é constituída por leigos, sendo que, apenas o diretor, frei José Silvestre Silva, é frade franciscano. É evidente a assimilação do carisma legado por Francisco e Clara de Assis por parte do corpo docente, o qual é sem dúvida, o principal responsável por implementar uma educação conforme o espírito e vivência franciscana. Sendo disto consciente, a Direção do Externato assume como fundamental a formação dos docentes no âmbito da fé cristã e da espiritualidade da Ordem, promovendo com regularidade ações e jornadas de formação, de modo a que cada um deles coloque as “suas melhores aspirações e sonhos, a sua criatividade, o seu trabalho e profissionalismo para consolidar a visão cristã e franciscana do ser humano.”<sup>20</sup>

A visão antropológica franciscana é claramente expressa e assumida no documento “Ide e Ensinai”, no qual se traçam as linhas orientadoras de toda a missão educativa da Ordem. Assim se explicita:

“A pessoa revela-se como um núcleo de relações com a natureza, com os seres humanos, com Deus e consigo mesma, como um ser único e irrepetível em sua essência e existência, como uma

---

<sup>20</sup> OFM, Ide e Ensinai, Diretrizes Gerais para a Educação Franciscana, Roma, 2009, <http://externatodaluz.com/site/ficheiros/direcao/educazionePOR1.pdf>, 4 (Acedido a 27 de maio de 2018).

unidade integral de múltiplas dimensões e como um ser histórico que se constrói no marco da liberdade e da responsabilidade.”<sup>21</sup>

No externato da Luz esta visão antropológica é assumida no Projeto Educativo<sup>22</sup>, havendo a preocupação de promover valores e atividades que cooperem para um desenvolvimento integral do aluno na sua dimensão relacional. Assim, é contemplada como fundamental a promoção de uma relação profunda e saudável com Deus, com os outros, consigo próprio e com a natureza.

O diretor do Externato, frei José Silvestre, é uma presença constante, que marca o dia a dia da instituição. É de salientar o facto de conhecer todos os alunos pelo seu nome e assim se dirigir a eles, bem como todas as famílias, com as quais reúne pessoalmente quando integram a comunidade educativa. Esta presença assídua é visível, por exemplo, no refeitório à hora da refeição, fazendo questão de almoçar com alunos. Percebe-se ser reconhecido, tanto por parte de alunos como por parte do pessoal docente e não docente, como uma figura de autoridade e simultaneamente próxima.

É chamativo que o gabinete partilhado pelo frei Silvestre e pelo Subdiretor Pedagógico e Coordenador do 2º Ciclo, professor Hélder Silva, nosso professor cooperante, se mantenha sempre aberto, estejam eles presentes ou não. Professores e alunos lá se dirigem sem agendamento prévio sempre que necessitam. Consideramos esta prática indício de um ambiente positivo, pouco burocratizado, marcado por uma certa informalidade que contribui para que os pequenos problemas do dia-a-dia escolar se resolvam com rapidez e eficácia.

É ainda de acrescentar que o diretor ou o subdiretor permanecem no Externato durante todo o tempo que este se encontra aberto, sendo um dos dois o primeiro a chegar e o último a sair. A nossa perceção é que esta presença infunde confiança, mas não significa que tudo esteja neles centralizado ou que o Externato não possa funcionar de outra forma. De facto, ao que nos foi

---

<sup>21</sup> *Ibidem*, 3- 4.

<sup>22</sup> Cf. Projeto Educativo do Externato da Luz 2016- 2019, 3.

dado perceber, há uma organização bem articulada e os líderes intermédios (Coordenadores de Ciclo, Coordenadores de Departamento e Diretores de Turma) desempenham um papel importante, interagindo e coordenando-se entre si.

Esta dinâmica é certamente facilitada por se tratar de um colégio de média dimensão e com um corpo docente estável, mas não podemos deixar de reconhecer o papel imprescindível de uma boa liderança, capaz de dinamizar e favorecer o empenho e trabalho conjunto de toda a comunidade educativa, o qual redundará sobretudo em bem dos alunos e na sua educação integral e de qualidade.

Por fim, mencionamos a vantagem de, no contexto educativo português, contarmos com escolas que se distinguem positivamente, não apenas pela sua qualidade pedagógica, mas pela sua específica e peculiar visão cristã da pessoa humana, implementando uma educação em coerência com a mesma. Elas constituem uma riqueza para quem as frequenta, mas certamente também para toda a sociedade. Na legislação, "o Estado reconhece liberdade de aprender e de ensinar, incluindo o direito dos pais à escolha e à orientação do processo Educativo dos filhos."<sup>23</sup> E como refere Arends "permitir que os pais escolham as escolas dos seus filhos desafia o conceito tradicional de ensino público estandarizado."<sup>24</sup>

Relativamente à autonomia conferida às escolas, ela é contemplada a nível de legislação:

"A autonomia pedagógica e organizativa constitui-se como direito conferido às escolas de poderem tomar as suas próprias decisões no domínio da oferta formativa, da gestão de currículos, dos programas e atividade educativa, da avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos, constituição de turmas, gestão de espaço, dos tempos escolares e do seu pessoal."<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Decreto-lei nº 553/80 de 21 de novembro, Artigo 2º- 1, [https://dre.pt/pesquisa/-/search/458182/details/normal?p\\_p\\_auth=sojSk7IV](https://dre.pt/pesquisa/-/search/458182/details/normal?p_p_auth=sojSk7IV) (Acedido em 17 de novembro de 2017).

<sup>24</sup> R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Mc Graw-Hill, Madrid, 2008, 142.

<sup>25</sup> Portaria nº 59/2014 de 7 de março, [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Legislacao/portaria\\_59\\_2014\\_7\\_marco.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Legislacao/portaria_59_2014_7_marco.pdf) (Acedido em 17 de novembro de 2017).

A autonomia do Externato concretiza-se sobretudo no Projeto Curricular, no Projeto Pastoral e no Projeto Educativo, documentos que têm em conta os princípios educativos franciscanos expostos no Documento “Ide e Ensinai.”<sup>26</sup>

## **2.2. Caracterização da turma**

A Prática de Ensino Supervisionada desenvolveu-se na turma A do 6º ano de escolaridade, constituída por 23 alunos, 14 rapazes e 9 raparigas, com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos. Nenhum dos alunos apresentou retenções em anos anteriores, encontrando-se todos eles no ano letivo correspondente à sua faixa etária. Uma das alunas é de nacionalidade indiana e religião hindu, sendo todos os restantes membros do grupo de nacionalidade portuguesa. Tratando-se de uma escola católica a disciplina de EMRC é de frequência obrigatória.

A maioria dos alunos frequenta o Externato desde o início do primeiro ciclo, havendo inclusivamente alguns que o frequentam desde os três anos de idade. Apenas dois alunos se integraram este ano letivo na turma, sendo o primeiro ano que frequentam o Externato. Ambos parecem encontrar-se integrados, tendo sido acolhidos pelos pares.

Um aluno é abrangido por um Programa Educativo Individual (PEI) ao abrigo do DL 3/2008 de 07 de janeiro, o qual está bem integrado e merece por parte dos colegas uma “aceitação ativa”, quer dizer, os pares ajudam-no a ter um comportamento mais adequado, sendo frequentemente advertido pelos colegas para melhorar a sua atitude.

A maioria dos alunos provém maioritariamente da cidade de Lisboa, de um meio socioeconómico médio-alto, deslocando-se para a escola de carro. Uma elevada percentagem dos Encarregados de Educação são licenciados, apresentando uma situação laboral estável. Estes, na sua maioria, demonstram interesse e acompanham a vida escolar dos seus filhos,

---

<sup>26</sup> Cf. OFM, *Ide e Ensinai, Diretrizes Gerais para a Educação Franciscana*.

mostrando-se exigentes com a qualidade do ensino. Verifica-se, pois, um elevado intercâmbio e colaboração entre o Externato e as famílias dos alunos.

A diversidade na turma refletiu-se sobretudo a nível de personalidade, encontrando-nos com alunos mais reflexivos, outros mais extrovertidos e participativos, uns mais despertos para aprender, outros com maior necessidade de ser estimulados no seu processo de aprendizagem. De referir que os dois alunos que apresentam maior diversidade no grupo, o aluno abrangido por um PEI e a aluna hindu, mostraram-se bem integrados, constituindo na realidade um enriquecimento para a turma.

Na generalidade o grupo apresentou um comportamento adequado, com interesse pela escola e pela aquisição de conhecimentos, mostrando-se igualmente muito participativos em sala de aula. Revelaram capacidade de escuta e diálogo, sabendo respeitar a intervenção dos colegas e aquilo que por eles era dito, bem como capacidade de refletir e aprofundar os temas, tendo havido elevadas possibilidades de estimular a reflexão e expressão adequada da mesma. Responderam bem aos desafios lançados, nomeadamente a pensar “fora da caixa”, afastando-se, à sua medida e dentro do que permite a sua faixa etária, de “lugares comuns”. A maioria dos alunos, tal como anteriormente referido, frequenta o colégio já há alguns anos e revelaram bons conhecimentos a nível de cultura geral e religiosa, o qual também contribuiu para enriquecer as aulas, permitindo aprofundar de forma reflexiva e crítica os conteúdos da disciplina.

É notória a assimilação por parte dos alunos do 6º A dos principais valores franciscanos, o qual se reflete sobretudo na simplicidade e ausência de sinais externos de riqueza. Sabendo nós que nesta faixa etária a imagem começa a ter uma grande relevância, valorizando-se o uso de roupas e objetos de marca, é chamativo um certo desprendimento e até desvalorização dos mesmos por parte dos próprios alunos. É igualmente de destacar que tratando-se de uma turma com bons resultados académicos, não se caracterize pela competição pouco saudável, mas sobretudo pela cooperação entre os pares, a qual é claramente estimulada pelos professores.

Concluímos, pois, que o 6ºA se revelou uma turma com elevado interesse por aprender e uma enorme capacidade de fazê-lo de forma cooperativa, o qual possibilitou e favoreceu muito a utilização de métodos de ensino- aprendizagem centrados no aluno, tornando-se eles próprios os protagonistas do seu processo de ensino-aprendizagem. As características da turma foram sem dúvida uma mais-valia para os professores deste núcleo de estágio.

### **3. Percurso realizado**

#### **3.1.Experiência em contexto escolar**

A experiência de lecionação no Externato da Luz foi muito positiva. Nos primeiros dias de estágio circulámos pelos diferentes espaços da escola, tendo sido apresentados pelo professor cooperante tanto a docentes como a não docentes, o qual facilitou que posteriormente a nossa presença não fosse estranha. É a primeira vez que o Externato recebe estagiários no âmbito do mestrado em Ciências Religiosas/ EMRC, notando-se um particular esmero em acolher-nos e acompanhar-nos bem, o qual foi especialmente notório por parte do professor cooperante e do Diretor. Tivemos desde o início a perceção de se tratar de uma escola aberta, havendo uma sincera receptividade à nossa presença.

Exemplo deste bom acolhimento foi a oferta do almoço no refeitório do Externato. Este facto, além de merecer um agradecimento da nossa parte, possibilitou o contacto com outros docentes e alunos fora do contexto de sala de aula. Um ambiente informal, onde se percebe uma interação positiva e descontraída entre os professores. É chamativo que todos almocem ali, havendo à volta do Externato pequenos restaurantes e cafetarias que poderiam constituir uma alternativa. Este facto é, do nosso ponto de vista, indício de um bom ambiente e propicia o cultivo de relações interpessoais dos professores entre si, bem como com os seus alunos e com o pessoal não docente.

Especialmente relevantes, por enriquecerem a experiência em contexto escolar e possibilitarem uma maior inserção no Externato, foram ainda as duas atividades de intervenção na escola realizadas ao longo do ano letivo pelo núcleo de estágio com a colaboração do professor cooperante: a atividade de natal e a atividade da quaresma.

A realização da atividade de natal, proporcionou o trabalho conjunto com as Educadoras do Ensino Pré- Escolar, bem como uma maior inter-relação com os alunos da turma de 6º A. A mesma consistiu em que os alunos desta turma cantassem a canção "Natal na minha Escola" no refeitório e distribuíssem uma mensagem de natal aos mais pequeninos. Os ensaios realizaram-se fora do horário da disciplina e num espaço diferente da sala de aula, propiciando, assim, outro tipo de relação, o qual se revela sempre positivo.

Na quaresma, quase ao final do segundo período, realizou-se uma outra atividade conjunta, em colaboração com a outra professora de EMRC e o departamento de pastoral, intitulada “Vi-te debaixo de figueira” (Jo 1, 48). Esta atividade envolveu toda a comunidade escolar, tendo uma dimensão solidária e de partilha, uma vez que reverteu a favor de um projeto educativo no Bengladesh, para o qual foi solicitada a colaboração do Externato. Considerámos interessante explorar o simbolo bíblico da figueira, pelo que se determinou a construção em tamanho grande desta árvore à entrada da escola, contando para isso com a colaboração dos docentes de Artes. A mesma foi sendo composta por folhas, nas quais cada aluno escreveu uma mensagem retirada do Livro dos Salmos. Debaixo da figueira foi colocada uma caixa onde cada um pôde depositar a sua renuncia quaresmal e desta forma colaborar com o projeto acima mencionado. Esta atividade revelou-se muito interessante, tendo sido significativa a colaboração dos diferentes membros da comunidade educativa e a adesão por parte de alunos e encarregados de educação. Destaca-se com ela a possibilidade de aprofundar, num tempo litúrgico especialmente propício a isso, a dimensão social e solidária da fé cristã.

Em conclusão, podemos dizer que a experiência em contexto escolar se revelou muito interessante e enriquecedora para os membros deste núcleo de estágio. Passamos agora a expor a experiência em contexto de sala de aula.

### **3.2. Experiência em contexto de sala de aula**

A experiência em sala de aula foi francamente positiva. Tenho a percepção de que à medida que o período letivo foi avançando fui progressivamente adquirindo uma maior serenidade, à vontade e confiança a lecionar. Considero ter desenvolvido uma pedagogia essencialmente centrada no aluno, fomentando o diálogo, a participação ativa e discussão em sala de aula. Contudo, também recorri à transmissão de conteúdos através da exposição, o qual avalio positivamente, corroborando a ideia que tenho sobre o papel insubstituível do professor. Cristina Sá Carvalho, referindo-se expressamente à disciplina de EMRC, na apresentação do atual Programa, refere o seguinte:

“É o domínio dos modelos de ensino que mais ajuda aos professores a progredir na qualidade da sua leção. Neste quadro, propomos como nucleares os modelos de ensino designados como Aprendizagem Cooperativa- Investigação em grupo; Discussão em sala de aula; Pedagogia do serviço e Exposição (que sendo centrada no docente, combinada com os demais modelos revela-se muito útil na transmissão da cultura).”<sup>27</sup>

De facto, importa atribuir ao docente, funções de motivador e orientador no processo de ensino-aprendizagem, mas também de transmissor direto, competente e convicto de conhecimento. Será precisamente esse professor competente, ele próprio capaz de pensamento crítico e criativo, quem mais habilitado está para fomentar e desenvolver essas mesmas atitudes nos seus alunos.

---

<sup>27</sup> C. CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014”, *Revista Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 56.



Constrangimento não totalmente superado prendeu-se com a gestão do tempo, tal como fica evidenciado nas reflexões sobre as aulas.<sup>28</sup> Esta gestão foi dificultada pela opção de dar espaço à participação dos alunos. É uma opção que me parece fundamental, pois, contribui para o desenvolvimento da capacidade de reflexão, elaboração de pensamento próprio fundamentado e expressão do mesmo, criando simultaneamente oportunidades para estimular a escuta dos outros e respeito pelo seu pensamento. Esta estratégia adequa-se àquilo que me parece ser um contributo importante da disciplina, tal como mais à frente se desenvolve neste Relatório: a formação de um pensamento crítico e construtivo sobre a realidade. Desta forma procurei não apenas transmitir conteúdos, mas fomentar a reflexão e o diálogo e, sempre dentro do que a própria faixa etária dos alunos permite, contribuir para desenvolver a sua capacidade de pensar sobre as coisas. Algo sobre o qual o então Arcebispo Jorge Bergoglio ao falar de uma educação integral insistia. Importa muito, segundo ele, não apenas transmitir informação, mas educar para a liberdade e capacidade de refletir e olhar criticamente a realidade numa sociedade da informação que nos satura de dados, todos ao mesmo nível. Promover a prática de ouvir diferentes vozes, ajudar a estabelecer critérios valorativos, fomentar a abertura a questionamentos posteriores, evitando o risco de absolutizar-se uma ideia ou opinião por melhor formada que ela esteja, é parte irrenunciável da nossa tarefa enquanto educadores.<sup>29</sup>

Considero, pois, que apesar de se tratar de alunos numa faixa etária baixa é importante estimular não apenas a aprendizagem de conteúdos, mas também a capacidade de pensar sobre eles. Algo que foi sem dúvida uma das minhas preocupações ao longo das aulas lecionadas. Para tal recorri a estratégias tais como a exploração de pequenos vídeos, diálogo aberto ou debate sobre algumas questões, solicitando aos alunos que escrevessem a sua reflexão antes de expô-la aos colegas. Reconheço que esta pedagogia foi possibilitada pela maturidade, capacidade reflexiva

---

<sup>28</sup> Estas reflexões encontram-se mais adiante no ponto 4.2.

<sup>29</sup> Cf. J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 114.

e de assimilação de conteúdos apresentada pela turma e que me surpreendeu, tratando-se duma turma de 6º ano.

Os diálogos estabelecidos com o grupo, as intervenções dos alunos ao longo da aula, foram também uma forma de perceber se estavam a apreender o tema e que aspetos era necessário reforçar. Constituíram, pois, um *feedback* em tempo real que me permitiu ir adaptando estratégias e formas de comunicar àquele grupo concreto com as suas características próprias. Além disso, constituíram uma valiosa fonte de recolha de elementos de avaliação.

Apesar do exposto, reconheço a necessidade de melhorar a própria programação a nível de tempo, bem como a gestão do mesmo no decorrer da aula, pois, é um dos fatores que pode comprometer a qualidade da minha lecionação.

O facto de ter lecionado logo ao início de ano letivo, ainda com pouco conhecimento das características do grupo, pode ter dificultado esta planificação. Considero que o conhecimento da turma, das suas enormes potencialidades a nível de participação ativa, constituiria uma mais-valia para ajustar as programações. Se houvesse a possibilidade de lecionar durante todo o ano letivo creio que teria capacidade de melhorar este aspeto, seguindo na prática o que tantas vezes o professor cooperante, Hélder Silva, referiu: “o menos é mais”. A capacidade de atenção, interesse, participação, comportamento adequado dos alunos, fez-me compreender que não era necessária a utilização de demasiadas estratégias. Sendo estas motivadoras, mesmo que simples, os alunos tinham interesse em aprofundá-las, podendo o professor explorá-las e retirar delas o máximo proveito para alcançar os objetivos definidos em cada aula.

Tal como consta na caracterização da turma, há no 6ºA um aluno referenciado com uma problemática do espectro do autismo e com um Programa Educativo Individual. O seu comportamento, pautado algumas vezes pela agitação e interrupção da professora e colegas, constituiu um desafio, que supôs alguma tensão. Procurei contornar a situação utilizando

diversas estratégias, tais como, dar-lhe a palavra, pedir que aguardasse a sua vez e seguir com o tema ou continuar a aula sem deter nele a atenção, mas nem sempre consegui evitar que a aula fosse perturbada. Relativamente ao seu aproveitamento, uma vez que a dimensão cognitiva não está comprometida, conseguiu alcançar os objetivos da Unidade. De destacar que o restante grupo convive adequadamente com a atitude deste aluno, colaborando com o professor e contribuindo para que o mesmo acabe por adotar uma postura mais correta.

Considero que houve uma adaptação recíproca entre alunos e professora, criando-se uma empatia e um ambiente relacional muito positivo que facilitou o percurso efetuado. Destaco este aspeto como fundamental, pois, creio ter sido determinante na adoção de um estilo de aulas baseado na interação e diálogo, sem ter por isso que renunciar à exposição de conteúdos. Ambiente que fomentou também por parte dos alunos uma atitude participativa, de liberdade em expressar-se, revelando-se essa participação de qualidade e muito pertinente. O ambiente positivo de sala de aula permitiu igualmente o recurso a uma estratégia menos convencional: realização de um tempo de silêncio<sup>30</sup>, proporcionando-lhes experiencialmente um conteúdo fundamental: Deus estabelece connosco uma relação pessoal e nós temos capacidade de abrir-nos à transcendência. Ressalto aqui a importância de correr alguns riscos, sendo conscientes e assumindo que algumas das estratégias podem não ser adequadas, mas abrindo a possibilidade de enriquecer os alunos, sobretudo quando já se conhecem um pouco as características do grupo.

Houve da minha parte uma preocupação em utilizar uma linguagem adequada e próxima, a qual, sem perder o rigor científico que os conteúdos exigiam, facilitou uma boa compreensão por parte dos alunos.

---

<sup>30</sup> Esta atividade foi lançada como um convite, ao qual todos os alunos aderiram. De salientar que a aluna hindu aderiu a ela voluntariamente, tendo posteriormente expressado a sua experiência como positiva, estabelecendo pontos de contacto com a meditação que está habituada a fazer no contexto da sua tradição religiosa.

Menciono, por último, outro aspeto que creio ter beneficiado as aulas e que se prende com a preocupação em estabelecer sempre a relação com o tema da aula anterior, bem seja através de perguntas, uma dinâmica ou correção do trabalho para casa (TPC), de modo a que os conteúdos não aparecessem como estanques, mas fossem percebidos pelos alunos na sua sequenciação e globalidade.

Ao longo do percurso, procurei melhorar a minha prática letiva, tendo em conta a avaliação por parte dos colegas de núcleo e do professor cooperante, bem como dos professores da Faculdade. Assim, aspetos como explicitar os principais conteúdos por escrito, correção no quadro de algumas atividades, a elaboração escrita da síntese, maior clareza nas atividades solicitadas, foram sendo por mim adotados e creio que resultaram numa melhor lecionação, tendo sobretudo em conta a baixa faixa etária dos alunos.

### **3.3. Avaliação do percurso**

O percurso efetuado foi desafiante e simultaneamente de uma enorme riqueza. Uma vez que já há oito anos que não lecionava e quando o fiz, fi-lo noutra país, Espanha, muitas eram as expectativas em relação a este ano de Prática de Ensino Supervisionada. Os sentimentos eram contraditórios: vontade imensa de regressar à educação e do contato direto que se estabelece com os alunos, apreensão quanto ao perfil dos mesmos, que necessariamente seria diferente daquele com o qual me encontrei anteriormente, e receio de ter que lecionar em anos de escolaridade mais baixos, uma vez que sempre o fiz no 9º ano e secundário. A lecionação numa turma de 6º ano constituiu, pois, um desafio. Contudo, uma vez que nas escolas é precisamente nos anos de escolaridade mais baixos onde mais alunos se inscrevem na disciplina, acolhi o desafio como oportunidade de “treinar” vocabulário e estratégias pedagógicas, o qual me poderá beneficiar futuramente, embora tenha suposto durante este ano um esforço suplementar.

Procurei utilizar diferentes recursos pedagógicos (computador, quadro, manual, exposição oral, participação dos alunos, realização de atividades colaborativas), adotar um vocabulário acessível aos alunos, bem como manter o rigor na transmissão dos conteúdos científicos. Conforme recomenda Richard Arens, procurei ir adquirindo um repertório de práticas eficazes, não ficando limitada a um conjunto restrito de práticas.<sup>31</sup> Pois, tal como também ele observa:

“Nenhuma abordagem é consistentemente superior a qualquer outra em todas as circunstâncias. Ao invés, muitas abordagens ao ensino são adequadas, e a seleção de um modelo particular depende dos objetivos do professor, das características de um determinado grupo, e dos valores e expectativas da comunidade.”<sup>32</sup>

A prática letiva faz-nos compreender que assim é. Um mesmo professor recorre a diferentes modelos e estratégias, pois, como todos constatamos, os alunos, os grupos, o contexto, condicionam a dinâmica de ensino-aprendizagem e o que foi implementado com êxito numa turma, pode não ser aplicável noutra. Daí que Arens acertadamente constata que “os professores necessitam de diferentes abordagens para conseguirem alcançar os seus objetivos com diferentes populações de alunos. A utilização de uma abordagem ou método único já não é suficiente.”<sup>33</sup>

O compromisso de enviar a programação de aula sempre atempadamente ao professor cooperante e colegas de núcleo, obrigou a uma certa disciplina, que creio ter sido muito positiva. Tal permitiu a preparação de materiais mais atempada, com menos precipitação e sem a habitual “correria”. Destaco ainda como muito benéfica a possibilidade de ter o *feedback* dos colegas de núcleo e professor cooperante antes de lecionar. As suas sugestões de melhoria ou a confiança transmitida relativamente à programação de cada aula foi sem dúvida uma mais-valia. Além da aquisição ou desenvolvimento de algumas competências, também a própria reflexão sobre a disciplina, os seus objetivos e contributo para a formação integral dos alunos, bem como

---

<sup>31</sup> Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 23.

<sup>32</sup> *Ibidem*, 23.

<sup>33</sup> *Ibidem*, 25.

a reflexão sobre a minha própria experiência letiva, enriqueceu a minha perspetiva e creio que pode traduzir-se numa melhor prática pedagógica.

Como observa Richard Arens, melhorar com os anos de experiência letiva não é algo que esteja assegurado. Alguns professores melhoram e tornam-se com o tempo professores efetivamente mais competentes, mas com outros já assim não é. De facto, para que isso aconteça, é necessário assumir “o ato de ensinar de forma crítica e reflexiva, ser inovadores, abertos e altruístas, estar dispostos a assumir riscos consigo próprios e com os alunos, ser capazes de elaborar juízos críticos sobre o seu próprio trabalho.”<sup>34</sup> É esta a atitude que quero continuar a assumir de forma a tornar-me “progressivamente mais competente mediante a atenção prestada ao meu próprio processo de aprendizagem e ao desenvolvimento das minhas características e competências específicas.”<sup>35</sup>

Destaco também a experiência de lecionar na presença de pessoas que não sejam os alunos, neste caso, colegas de núcleo, professor cooperante e orientadores da Faculdade, o que, apesar de causar algum nervosismo, é também uma oportunidade única de receber um *feedback* direto de docentes que assistem às aulas e não se limitam apenas a conhecer as planificações. Embora exigente, considero ser uma mais-valia assinalável, que permitiu dar-me conta, tanto de potencialidades, como de práticas menos positivas, que mesmo tendo uma atitude reflexiva sobre a minha própria prática pedagógica, nunca alcançaria a detetar. Como acontece em tantos outros âmbitos da vida, também neste, há aspetos que parece que nos estão velados a nós próprios e que são evidentes para os outros.

Face ao exposto, considero que se tratou de um ano exigente, trabalhoso, mas ao mesmo tempo capaz de proporcionar um salto qualitativo na minha prática pedagógica, numa etapa que quero que seja de regresso à educação.

---

<sup>34</sup> *Ibidem*, 28.

<sup>35</sup> *Ibidem*, 28.

#### **4. Unidade Letiva 1 do 6º ano: “A pessoa humana”**

##### **4.1. Análise e pertinência da Unidade Letiva**

A Unidade Letiva de referência desta Prática de Ensino Supervisionada é a primeira das três Unidades Letivas do 6º ano de escolaridade. Uma unidade dedicada à pessoa humana e assim se intitula.

Na Unidade trabalham-se cinco metas, nomeadamente as metas B (Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história), G (Identificar os valores evangélicos), I (Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade), E (Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo) e O (Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo). Assim, desenvolvem-se conteúdos pertencentes aos três Domínios: Domínio 1, Religião e experiência religiosa, através da meta B; Domínio 2, Cultura cristã e visão cristã da vida, através das metas G, I e E e o Domínio 3, Ética e moral, através da meta O.

No 6º ano verificamos que o Domínio 2 é o mais trabalhado, ao qual pertencem 50% das metas, sendo o 1 aquele sobre o qual menos se incide. Uma distribuição que pouco se altera se olharmos para o segundo ciclo na sua totalidade. Tendo em conta que o Domínio 2 é o que tem mais metas associadas (8, por contraposição ao Domínio 1, ao qual estão associadas 4 metas e ao Domínio 3, que correspondem 5 metas) consideramos equilibrada esta distribuição. Contudo, tratando-se do Domínio que mais direta e especificamente engloba os conteúdos relacionados com a fé cristã, importa estar alerta e evitar o risco dos mesmos se converterem em “doutrinação” ou catequização dos alunos, sob pena de empobrecer e desvirtuar o próprio carácter da disciplina. Esta está efetivamente chamada, como bem esclarecem os bispos portugueses, a uma missão diferente da catequese:

“Situada na escola, a EMRC insere-se nas suas finalidades, utiliza os seus métodos e tem uma especificidade própria: o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes.”<sup>36</sup>

Os docentes na sua prática letiva, ao trabalharem as finalidades, metas e conteúdos associados a cada Domínio, devem ter sempre presente e contribuir para que se cumpra esta peculiaridade do ensino religioso na escola, que é também, sem dúvida, a melhor forma de enriquecer os alunos e a própria comunidade escolar.

Relativamente à Unidade Letiva que nos ocupa, tal como foi dito, trabalham-se os três Domínios, revelando-se uma Unidade ampla e rica em conteúdos. O tema “A pessoa humana” abordado desde uma visão antropológica cristã, apresenta a pessoa como um ser integral, nas suas dimensões biológica, social e espiritual. Tratando-se de um tema complexo, considero que a Unidade consegue, sem cair em “simplismos”, transmitir a visão antropológica cristã do ser humano de modo acessível aos alunos desta faixa etária, contribuindo para enriquecer a percepção que têm da pessoa humana em si, mas também de si próprios e daqueles que os rodeiam. A Unidade revela-se, pois, pertinente, permitindo aos alunos contactar com uma visão não redutora do humano, nas suas múltiplas dimensões, apreendendo-as não como dimensões estanques, mas formando uma unidade, aspeto que é sublinhado e, a meu ver, muito acertadamente.

Contudo, à luz da categoria “ecologia integral”, proposta pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*, a qual desenvolveremos ao longo deste Relatório Final, consideramos que a visão antropológica transmitida pode ainda ser enriquecida. A Unidade apresenta as dimensões biológica, social e espiritual do ser humano, sem que haja referência a uma outra dimensão para a qual o Santo Padre nos vem despertar: a dimensão cósmica. Recorda-nos que “nós mesmos

---

<sup>36</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica- Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 8.



somos terra”<sup>37</sup>, pertencemos a um planeta, habitamos uma casa comum. A dimensão de relacionalidade da pessoa humana, estende-se também a estes elementos naturais, dos quais não podemos prescindir e com os quais estamos chamados a manter uma relação saudável, de cuidado e profundo apreço.

Em relação à dimensão espiritual destaco a importância de contribuir para que desde já os alunos percebam esta dimensão como constituinte do ser humano e não apenas como uma opção possível. O então Arcebispo de Buenos Aires, Jorge Bergoglio, sublinhava a importância de assumir uma determinada conceção do ser humano enquanto cristãos, que é diferente de outras. Partimos, pois, de uma verdade sobre o homem que nos é revelada em Cristo e que não é património da Igreja, senão que esta está chamada a promover, contribuindo, assim, para o bem de todos.<sup>38</sup> Ora, é isto mesmo que é oferecido nesta Unidade, a visão antropológica cristã, que, sendo os alunos cristãos ou não, são enriquecidos com uma perspetiva da pessoa humana capaz de fundamentar a sua dignidade. Repare-se que, como alerta o Cardeal Bergoglio, o contrário de uma conceção transcendente do ser humano, não seria tanto uma visão imanente, mas sobretudo “intranscendente”, sem importância, insignificante. E esta é a pior antropologia de todas.<sup>39</sup>

A Unidade prossegue com o tema da autenticidade, sendo fácil estabelecer a conexão com os conteúdos anteriores, aparecendo numa sequenciação lógica. Considero importante nesta faixa etária deter-nos nesta questão, que se presta inclusivamente a ser colocada em relação a si próprios. A possibilidade de abordar aspetos relacionados com aparência, imagem exterior ou modas, aspetos tão sensíveis nesta idade e vividos às vezes de forma tão dramática, constitui uma mais-valia. Contribui para desmistificar ideias e inclusivamente para dar voz a

---

<sup>37</sup> LS 2.

<sup>38</sup> Cf. J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 155.

<sup>39</sup> Cf. *Ibidem*, 159-161.

incomodidades vividas dentro do próprio grupo, o qual pode contribuir muito positivamente para uma maior aceitação pessoal e integração de todos os membros da turma.

Segue-se o tema dos direitos e deveres humanos e das crianças em concreto. Tema que, a meu ver, se enquadra muito bem na Unidade, pois, os direitos de todos e de cada um assentam na dignidade da pessoa humana enquanto tal e essa dignidade ficou explicitada na primeira parte da Unidade com a visão antropológica cristã. Há, pois, uma fundamentação sólida, ficando justificado à partida porquê todos, independentemente das suas qualidades, condição, cultura, género ou qualquer outra característica, todos, absolutamente todos, somos sujeitos de direitos e deveres concretos, iguais e universalmente reconhecidos. Os conteúdos relacionados com os direitos e deveres vêm, pois, concretizar essa dignidade e as consequências que dela advêm.

A eleição desta Unidade Letiva como Unidade de referência prendeu-se com a pertinência da mesma na educação de alunos que se inscrevem num contexto social onde predomina uma visão reducionista do ser humano, tanto por considerá-lo apenas como um elemento mais do ecossistema, em pé de igualdade com todos os outros elementos (algo que ao lecionar a Unidade percebi como muito presente na mentalidade dos alunos, sendo os direitos das pessoas quase equiparados aos direitos dos animais), quer por uma visão economicista do mesmo que o vê de forma instrumental.

Por outro lado, a Unidade contribui também muito positivamente para aprofundar os valores sociais, aspeto destacado pelo atual Papa, ainda enquanto Arcebispo. Chama ele a atenção para a necessidade de potenciar a natural sensibilidade dos jovens ante o sofrimento dos outros, educando para uma solidariedade de fundo e não meramente emotiva, que incorpore o contacto direto com tais realidades e a capacidade de refletir sobre elas e ajuizá-las à luz do Evangelho, fomentando o compromisso de atuar sobre as suas causas.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Cf. J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 115.

Repare-se que na perspectiva da antropologia cristã, a qual acentua a dimensão relacional da pessoa humana e o papel do “tu” na construção do “eu”, não podemos abdicar dos outros, sem que tal nos afete de forma nuclear. Autores como Jon Sobrino, expressam-se com muita clareza:

“O mundo de miséria não afeta o mundo de abundância, pois, este aparta-o de si. A razão para tal, poderia ser que, apartado, não pode questionar e julgar, ao qual, crescemos que tampouco nos pode ajudar a saber quem somos, nem oferecer-nos acolhimento, perdão, esperança, salvação.”<sup>41</sup>

Vivemos, pois, no seio de uma época carregada de novos desafios, na qual a antropologia cristã tem, sem dúvida, um contributo importante a fazer. A convicção de que “o mistério do homem só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente”<sup>42</sup>, leva a que estejamos chamados, nos diferentes âmbitos cívicos e sociais onde nos movemos, a dar o nosso contributo para que a pessoa humana possa realizar o mais genuíno de si. Contributo dado sem imposições nem arrogâncias, mas também sem complexos e com a consciência de ter algo importante a dizer.

Como professores de EMRC, a maioria de nós, no seio de uma escola laica, encontramos aí um espaço não fácil, mas privilegiado, para realizar esse contributo. Contribuir para que os alunos descubram a sua própria identidade e despertar-lhes o que de mais humano têm, desafiando-os a não contentar-se com pouco, a, como dizia Santa Teresa de Jesus, “*no apocar los deseos*” e dar sempre mais de si, mesmo no contexto de uma sociedade que insiste em empequenecer-nos, considerando-nos simplesmente “consumidores”.

É o que com a lecionação desta Unidade Letiva procurei humildemente fazer. A forma de concretizá-lo expõe-se no ponto seguinte, no qual apresento a planificação da Unidade e

---

<sup>41</sup> J. SOBRINO, “Humanizar una civilización enferma”, *Concilium* 329 (2009) 84.

<sup>42</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)* 18, Editorial A. O., Braga, 1987. De futuro passarei a citar por GS.

respetivas programações de aula, bem como uma reflexão crítica sobre a lecionação das mesmas.

#### **4.2. A lecionação da UL: Planificações de nível IV e reflexão sobre as aulas**

A lecionação da Unidade Letiva 1 do 6º ano foi planificada para oito aulas, terminando um pouco antes do final do primeiro período. Trata-se, como veremos, de uma Unidade rica em conteúdos e objetivos, permitindo aos alunos contactar com a visão antropológica cristã, uma visão não redutora do ser humano, apresentando-o nas suas múltiplas dimensões. Os conteúdos relacionados com as dimensões da pessoa, e em concreto a dimensão religiosa, foram priorizados, tal como se evidencia nas planificações que seguidamente apresentamos. Esta opção prende-se com o facto de se considerar que são conteúdos nucleares e que fundamentam os restantes temas da Unidade, nomeadamente o chamamento à autenticidade, a vocação pessoal, os direitos humanos e a ação das organizações que lutam por um mundo melhor. Além disso, os alunos apenas na disciplina de EMRC contactam com os conteúdos relacionados com a dimensão religiosa da pessoa, dimensão estrutural e estruturante do humano.

Optei por seguir a sequenciação de objetivos e conteúdos proposta no Programa da disciplina, exceto no que se refere ao objetivo 6, “Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o carácter pessoal da relação de Deus com cada ser humano”, e ao conteúdo “Deus estabelece com todos uma relação pessoal: Sl 139”, os quais decidi introduzir no contexto da dimensão religiosa da pessoa humana.

Tendo sido inicialmente previstas nove aulas para a lecionação da Unidade e tendo sido suprimida uma devido às reuniões intercalares, exigindo a reformulação da planificação, optei por suprimir os últimos conteúdos: “Como ser pessoa e dar condições para que todos sejam pessoas”. Tendo em conta a globalidade da Unidade e dado o constrangimento de tempo, considerei preferível priorizar os restantes conteúdos, uma vez que estes, bem como o objetivo

a eles associado, “promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é”, foram de alguma forma trabalhados no tema da autenticidade e dos direitos humanos.


Apresentamos seguidamente a planificação de cada aula, bem como uma reflexão crítica sobre a sua lecionação.

6º Ano - Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana

Lição nº 4

Aula nº 1: 03/10/17

Sumário: Início da Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana. Quem é a pessoa? A pessoa de São Francisco de Assis. Realização de um acróstico.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m.	Recursos	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quem é a pessoa?</li> <li>- Uma unidade irrepetível</li> <li>- Um ser em relação com os outros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento e sumário.</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quadro</li> <li>- Caderno do aluno</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Chuva de ideias</b> sobre as características que distinguem a pessoa humana dos outros seres vivos. A professora escreve no quadro o que vai sendo dito.</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quadro</li> </ul>	Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas ( <b>ANEXO 1</b> )
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Exposição</b> sobre a pessoa humana enquanto ser inserido numa comunidade e enquanto unidade corpo- espírito (com base num <i>Power Point</i>).</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador e projetor</li> <li>- <i>Power Point</i> (<b>ANEXO 2</b>)</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introdução à pessoa de <b>São Francisco de Assis</b>.</li> </ul>	5 min.		
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Realização de um acróstico</b>, em grupos de dois, no qual os alunos colocam características de São Francisco. Para tal, devem basear-se nas duas perguntas do TPC (“Quem foi São Francisco?” e “Quem é para mim São Francisco de Assis?”)</li> </ul>	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quadro</li> <li>- Caderno do aluno</li> </ul>	Realização da atividade
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Recolha oral da atividade</b>, reconhecendo em São Francisco as características de uma pessoa humana plena e feliz e por isso um modelo para nós hoje.</li> </ul>	10 min.		Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas ( <b>ANEXO 1</b> )
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Síntese:</b> A pessoa humana vive inserida numa determinada comunidade e é uma unidade corpo- espírito. São Francisco foi uma pessoa humana plena e feliz.</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caderno do aluno</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>TPC:</b> ler pág. 12 e 13. Responder à questão “O que é uma Encíclica?”</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manual do aluno- P. 12 e 13</li> </ul>	

## **Reflexão sobre a aula nº 1**

Foi a primeira aula por mim lecionada, pelo que comecei por acolher o grupo e referir, de forma breve, as normas de funcionamento, salientando serem as já estipuladas pelo professor da disciplina.

Uma vez que o Externato da Luz é uma escola Franciscana e dia 4 de outubro, dia seguinte à aula, se celebrava o dia de São Francisco de Assis, foi-nos indicado pelo professor cooperante a importância de tê-lo em conta nesta aula. Decidi, então, introduzir a Unidade sobre a pessoa humana, apresentando São Francisco como modelo.

Introduzi o tema com uma chuva de ideias sobre as características que distinguem a pessoa dos restantes seres vivos. Verificou-se uma participação muito ativa e simultaneamente ordenada por parte dos alunos, à exceção do aluno que se encontra referenciado com uma problemática do espectro do autismo e abrangido por um Programa Educativo Individual.

Seguidamente, partindo da chuva de ideias, a qual fui recolhendo no quadro, expus, com base num *Power Point*, o tema da pessoa enquanto ser inserido numa comunidade e como uma unidade corpo-espírito. Neste contexto introduzi a figura de São Francisco de Assis, apresentando-a como uma pessoa humana integrada.

Propus aos alunos a realização a pares de um acróstico com as características ou elementos (históricos, sociais, familiares, etc.) relacionados com São Francisco. A atividade foi realizada com interesse, verificando-se uma boa cooperação nos grupos e capacidade de realizar atividades conjuntas sem grande desordem na sala. Destaco positivamente o empenho e participação ativa do aluno abrangido por um PEI na realização da atividade, tendo conseguido estabelecer uma atitude colaborativa com a colega de grupo.

Seguiu-se a recolha oral da atividade, dando oportunidade para que todos os grupos participassem e destacando as características de São Francisco enquanto pessoa humana, inserida numa comunidade concreta. Num último momento reforcei as ideias principais da aula.

Em geral o grupo mostrou-se muito participativo e atento. O aluno abrangido por um PEI, durante o decorrer da aula, por diversas vezes se levantou e interrompeu, embora quase sempre para se referir ao tema que estava a ser dado. Da minha parte, procurei contornar a situação utilizando diversas estratégias, mas nem sempre consegui evitar que a aula fosse perturbada. De destacar que o restante grupo convivia adequadamente com a atitude deste aluno, colaborando com o professor e contribuindo para que o mesmo acabe por adotar uma postura mais correta. Reconheci, contudo, a necessidade de eu própria ir encontrando estratégias para que o seu comportamento fosse mais adequado.

A aula decorreu conforme o planificado, tendo podido realizar o que tinha previsto. Senti-me com relativa serenidade, tendo, contudo, a preocupação de controlar o tempo. Avalio positivamente as estratégias utilizadas, embora pudesse ter tirado maior proveito da atividade realizada pelos alunos (acróstico), tendo a perceção que a recolha da mesma se tornou um pouco monótona. Recorri à utilização de diferentes recursos pedagógicos (computador, quadro, exposição oral, participação dos alunos, atividade colaborativa realizada a pares) e penso ter utilizado um vocabulário acessível aos alunos, sem perder por isso o rigor na transmissão dos conteúdos científicos.

Pelo acima exposto, considero que os objetivos da aula foram alcançados, conseguindo-se de forma natural e até enriquecedora, conjugar a introdução da Unidade com a figura de São Francisco.




**6º Ano - Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana**

**Lição nº 5**

**Aula nº 2: 10/10/17**

**Sumário:** A capacidade humana de expressar sentimentos e pensamentos (visualização e exploração de um vídeo). Dimensões da pessoa- construção conjunta de um esquema. A dimensão Biológica.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m.	Recursos	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.  2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa, valorizando a relação com o transcendente.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dimensão física: corpo, fisiologia.</li> <li>• Dimensão emocional: emoções e sentimentos.</li> <li>• Dimensão social: a relação com os outros.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento e sumário.</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quadro</li> <li>- Caderno do aluno</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perguntas sobre o tema da aula anterior, e resposta à questão “O que é uma Encíclica?” (TPC da aula anterior)</li> </ul>	5 min		Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas (ANEXO 1)
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visualização de um vídeo: Robot.</li> </ul>	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador e projetor</li> <li>- Vídeo (ANEXO 3)</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividade exploratória do vídeo: responder no caderno às seguintes questões: o que nos distingue de um robot? Que vantagens tem o robot em relação a nós? Porque é que o robot gostaria de ser humano?</li> </ul>	8	Caderno do aluno	Realização da atividade
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Resposta oral às questões e reflexão sobre a grandiosidade de ter um corpo, ter sentimentos e poder expressá-los. Exemplificar com as imagens da pág. 14 do Manual- realização da atividade.</li> </ul>	10	- Manual do aluno- P. 14	Realização da atividade
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dinâmica sobre as dimensões da pessoa humana: os alunos colocarão as palavras que previamente lhes foram entregues na respetiva dimensão (biológica, social e espiritual), construindo assim um esquema. Desenvolvimento do tema por parte da professora, dando maior ênfase à dimensão biológica.</li> </ul>	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Folhas com palavras chave (ANEXO 4)</li> <li>- Bostic</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura por parte de um aluno do diálogo do Miguel e da Maria- Pág. 15 do Manual.</li> </ul>	2 min.	- Manual do aluno- P. 15	Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas (ANEXO 1)
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Síntese: A pessoa humana tem a capacidade de expressar os seus sentimentos e pensamentos. É formada por três dimensões: biológica, social e espiritual. Biologicamente somos seres complexos, únicos e irrepetíveis.</li> </ul>	3 min.	- Caderno do aluno	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• TPC: ler pág. 12 e 13. Responder à questão “O que é uma Encíclica?”</li> </ul>		- Manual do aluno- P. 12 e 13	

## **Reflexão sobre a aula nº 2**

Comecei por acolher os alunos e escrever o sumário no quadro, pedindo-lhes que o copiassem para os seus cadernos. Em seguida fiz algumas perguntas relacionadas com a aula anterior, o que permitiu fazer a transição com o tema da presente aula.

Seguidamente visualizámos um pequeno vídeo que denominei “Robot”, o qual foi explorado através de algumas perguntas que os alunos responderam por escrito, dispondo de um tempo de reflexão pessoal, que me pareceu importante proporcionar, antes do diálogo de turma. Penso que se conseguiu o objetivo de refletir sobre a grandiosidade de sermos humanos, complexos, com sentimentos e não seres meramente produtivos, o qual foi ainda reforçado com a realização de uma atividade do Manual.

Seguiu-se uma breve introdução sobre as dimensões da pessoa humana e uma dinâmica em torno ao tema. Coloquei o nome das três dimensões (escritas em cartolina) no quadro e repartí “palavras-chave” pelos alunos. Os mesmos foram convidados a colar as palavras na dimensão correspondente. Construiu-se, assim, um esquema, o qual pedi aos alunos que copiassem para os seus cadernos. Com base neste esquema, bem vivível e com diferentes cores, expus brevemente o tema das três dimensões, reforçando a unidade do ser humano e sublinhando na aula de hoje a dimensão biológica. O tempo dedicado a esta dimensão foi pouco, uma vez que já tínhamos falado da dimensão corporal e por considerar que o acento deve ser colocado na dimensão religiosa. Terminámos fazendo oralmente uma breve síntese sobre o aprendido.

Considero que a aula decorreu conforme o planificado, não tendo apenas sido possível realizar a última atividade, leitura de um diálogo do Manual. Pessoalmente senti-me mais serena e com maior à vontade em sala de aula. Penso que para tal também contribuiu o comportamento dos alunos, sobretudo do aluno abrangido por um Programa Educativo Individual, o qual se mostrou

mais sereno e com um comportamento adequado. Tive durante a aula a percepção dos alunos estarem a adaptar-se a mim enquanto professora e à minha forma de lecionar.

O grupo mostrou-se participativo e interessado, aderindo às atividades propostas, com exceção de um aluno, o qual não tinha material e se desculpou com esse facto para não realizar as atividades propostas. Dirigi-me pessoalmente a ele por duas vezes, sugerindo-lhe que realizasse as atividades em folha de rascunho, mas sem sucesso. Combinamos que verificaria o seu caderno na aula seguinte.

Procurei utilizar uma linguagem adequada e próxima, o qual creio ter sido conseguido, possibilitando uma boa compreensão do tema por parte dos alunos. Destaco ainda como positiva a utilização de recursos variados (vídeo, quadro, dinâmica de elaboração do esquema, Manual, atividades escritas por parte dos alunos e exposição) e adequados.


Como aspetos a melhorar considero importante dedicar mais tempo à síntese final, sendo esta registada pelos alunos, a qual pode servir-lhes para reter os principais aspetos transmitidos. Considero também que, uma vez que o comportamento do aluno abrangido por um PEI foi mais adequado, devo exigir-lhe um pouco mais, não contentando-me com o facto de não perturbar a aula.

6º Ano - Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana

Lição nº 6

Aula nº 3: 17/10/17

Sumário: As dimensões social e espiritual da pessoa humana. Debate

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m.	Recursos	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.  2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa, valorizando a relação com o transcendente.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Dimensão intelectual: inteligência, imaginação, razão</li> <li>Dimensão moral e volitiva: distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso</li> <li>Dimensão emocional: emoções e sentimentos</li> <li>Dimensão social: a relação com os outros</li> <li>Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa (corpo, inteligência, emoção, vontade, afetividade)</li> <li>Dimensão religiosa:               <ul style="list-style-type: none"> <li>Filiação divina e primado da criação</li> <li>Capacidade de amar e de perdoar</li> <li>Capacidade de se interrogar sobre a existência</li> <li>Capacidade criativa e de vivência da liberdade</li> <li>Capacidade de se abrir à transcendência</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento e sumário.</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Quadro</li> <li>Caderno do aluno</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Perguntas sobre a aula anterior.</b> Repartem-se novamente as palavras-chave das dimensões social e religiosa, pedindo aos alunos que as coloquem na dimensão a que correspondem.</li> </ul>	5 min	<ul style="list-style-type: none"> <li>Folhas com palavras chave (ANEXO 4)</li> <li>Bostic</li> </ul>	Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas (ANEXO 1)
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Breve exposição</b> sobre as dimensões social e religiosa, com base nas palavras do esquema.</li> </ul>	5 min.		
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Atividade:</b> metade da turma pensa e regista no seu caderno aspetos positivos da sociedade que nos ajudam a viver e ser melhores; a outra metade regista aspetos negativos.</li> </ul>	5 min.	- Caderno do aluno	Realização da atividade
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Debate.</b> A professora reforço da ideia que somos seres sociais; crescemos em sociedade e estamos chamados a contribuir para melhorá-la.</li> </ul>	5 min.	- Quadro	Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas (ANEXO 1)
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Atividade sobre a Dimensão Espiritual:</b> leitura da pág. 22 e resposta à pergunta: Porque é importante a relação com Deus?</li> </ul>	5 min.	- Manual do aluno- P. 22	
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Posta em comum.</b> Diálogo.</li> </ul>	5 min.		
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Atividade:</b> Manual- Pág. 23.</li> </ul>	5 min.	- Manual do aluno- P. 23	Realização da atividade
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Síntese:</b> As dimensões biológica e social são essenciais, mas a pessoa só se completa na dimensão espiritual.</li> </ul>	5 min.	- Caderno do aluno	

### **Reflexão sobre a aula nº 3**

Comecei por acolher os alunos e registrar o sumário no quadro, pedindo-lhes que o copiassem para os seus cadernos. Em seguida fiz algumas perguntas relacionadas com o tema da aula anterior e repartí novamente as “palavras-chave” das dimensões que na presente aula desenvolvemos (social e espiritual) por alguns alunos. Os mesmos foram convidados a ir ao quadro e colá-las na dimensão correspondente. Desta forma, foi feita a ponte com o tema da aula anterior e lançado o tema da presente.

Partindo do esquema elaborado, expus os aspetos principais das dimensões social e espiritual. Posteriormente metade dos alunos foram convidados a pensar e registrar nos seus cadernos aspetos positivos da sociedade e a outra metade foi convidada a pensar e registrar aspetos negativos que necessitam ser melhorados.

Seguiu-se um diálogo muito participativo, no qual foi notória a capacidade de reflexão e expressão da maioria dos alunos. Neste diálogo, senti dificuldade em gerir o tempo, pois, a qualidade e pertinência das participações justificava que se prolongasse um pouco para além do previsto. Optei por esta estratégia por considerar que fomenta a capacidade de reflexão pessoal e de atenção ao mundo que nos rodeia, além de estimular a capacidade de valorizar a realidade e simultaneamente ter sobre ela um olhar crítico.

Procurei, com base nas participações feitas pelos alunos, acentuar o carácter social do ser humano, a imprescindibilidade da sociedade para o seu desenvolvimento enquanto pessoa, bem como a responsabilidade de todos nós em contribuir para melhorá-la.

O prolongamento do diálogo implicou a alteração das estratégias previstas para o restante tempo de aula. Assim, após expor os elementos principais da dimensão espiritual, a pergunta sobre a importância da relação com Deus, foi objeto de respostas espontâneas e não registo escrito, como inicialmente previsto. Uma vez mais surpreendeu a profundidade das respostas de alguns

alunos, demonstrando uma compreensão dos conteúdos lecionados. Terminámos fazendo uma breve síntese, a qual foi ditada e devidamente registada pelos alunos.

A turma manteve na generalidade uma atitude de interesse e participação. O aluno abrangido por um PEI adotou uma atitude adequada, seguindo as orientações dadas.

Reconheci o não cumprimento dos tempos estabelecidos e a impossibilidade de realizar todas as atividades programadas, contudo, creio que se cumpriram os objetivos previstos para esta aula, a qual teve o seu seguimento na aula seguinte com o aprofundamento da dimensão espiritual.


Considero que estou a conseguir comunicar bem com o grupo, com um vocabulário acessível e recorrendo a exemplos concretos, práticos, que contribuem para uma melhor compreensão dos conteúdos, aspeto que inicialmente me causava alguma preocupação. Considero ainda ter conseguido criar empatia com os alunos, sendo vantajoso o espaço dado às suas participações, a escuta e registo das mesmas no quadro, bem como a própria postura de circular pela sala e manter com eles um contacto visual, o qual beneficia essa empatia.

6º Ano - Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana

Lição nº 7

Aula nº 4: 24/10/17

Sumário: A dimensão espiritual: vida interior e capacidade de amar. Experiência de silêncio. Audição e exploração de uma canção.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m.	Recursos	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.  2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa, valorizando a relação com o transcendente.  6. Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dimensão intelectual: inteligência, imaginação, razão</li> <li>• Dimensão moral e volitiva: distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso</li> <li>• Dimensão religiosa: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Filiação divina e primado da criação</li> <li>- Capacidade de amar e de perdoar</li> <li>- Capacidade de se interrogar sobre a existência</li> <li>- Capacidade criativa e de vivência da liberdade</li> <li>- Capacidade de se abrir à transcendência</li> </ul> </li> <li>• Deus estabelece com todos uma relação pessoal</li> </ul>	• Acolhimento e sumário	5 min.	- Quadro - Caderno do aluno	
			• <b>Experiência de silêncio e oração</b> , com a orientação da professora- <b>Salmo 138</b> .	5 min	- Pautas para a experiência de silêncio ( <b>ANEXO 5</b> )	Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas ( <b>ANEXO 1</b> )
			• <b>Diálogo</b> com os alunos sobre a experiência realizada. Reflexão sobre a importância de cultivar a vida interior e a relação com Deus.	5 min.		
			• <b>Correção do TPC:</b> Atividade da Pág. 23.	5 min.	- Manual do aluno- P. 23	Realização da atividade
			• <b>Audição e visualização do vídeo clip “Ensina-me a amar”</b> de Anselmo Ralph.	3 min.	- Computador e projetor - Vídeo clip ( <b>ANEXO 6</b> )	Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas ( <b>ANEXO 1</b> )
			• <b>Exploração da letra da canção</b> (entregue aos alunos em fotocópia para que a coletem nos cadernos). Construção de uma tabela com duas colunas, colocando numa o que é amor e na outra o que não é.	7 min.	- Fotocópias com letra da canção “Ensina-me a amar” ( <b>ANEXO 7</b> )	Realização da atividade
			• <b>Posta em comum. Reflexão</b> sobre a importância de desenvolver a dimensão religiosa, a qual nos capacita para amar. O papel imprescindível de Deus nessa capacitação.	5 min.		Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas ( <b>ANEXO 1</b> )
			<b>1Cor 13, 1-8:</b> leitura do texto (entregue aos alunos em fotocópia para que coletem nos cadernos).	5 min.	- Fotocópias com texto de 1Cor 13 ( <b>ANEXO 8</b> )	Realização da atividade
			• <b>TPC:</b> Completar a tabela, sublinhando as similitudes com a letra de Anselmo Ralph.	5 min.		
			• <b>Síntese:</b> A dimensão espiritual proporciona ao ser humano a possibilidade de amar e relacionar-se com Deus e com os outros.		- Caderno do aluno	

## **Reflexão sobre a aula nº 4**

Comecei por acolher os alunos e registar o sumário no quadro, pedindo-lhes que o copiassem para os seus cadernos. Iniciámos em seguida uma dinâmica de silêncio e recolhimento, na qual os alunos foram convidados a participar, verificando-se uma adesão por parte de todos. Fui dando orientações, de forma a facilitar uma experiência de silêncio, interiorização e encontro pessoal com Deus. O grupo aderiu muito positivamente, seguindo as indicações que lhes iam sendo dadas e apenas dois alunos mantiveram uma atitude pouco adequada, o que dificultou a experiência a uma terceira aluna. Em seguida foram convidados a partilhar a experiência e refletir sobre a importância da vida interior. A dinâmica foi ressaltada como positiva, expressando os alunos sentimentos de paz, serenidade, encontro, desabafo e alegria. De salientar a partilha da aluna hindu, a qual expressou a sua experiência como positiva, estabelecendo pontos de contacto com a meditação que está habituada a fazer no contexto da sua tradição religiosa. Um dos alunos partilhou não ter sentido nada e ter mandado Deus embora, o qual também possibilitou um pequeno diálogo sobre a liberdade de não querer relacionar-nos com Ele.

Ao planificar a aula tinha consciência de se tratar de uma dinâmica que poderia desenvolver nos moldes em que o fiz, por encontrar-nos no contexto de um colégio católico, onde a quase totalidade dos alunos professa a fé cristã, sendo contudo consciente da presença da aluna hindu. Tratou-se de uma dinâmica que foi proposta à turma, dando-lhes a possibilidade de não aderir a ela. Além disso, era igualmente consciente de se tratar de uma dinâmica arriscada, pois, os alunos poderiam não aderir, mas penso que valeu a pena correr o risco e proporcionar-lhes experiencialmente um conteúdo fundamental: Deus estabelece connosco uma relação pessoal e nós temos capacidade de abrir-nos à transcendência.

Seguidamente escutámos e assistimos ao vídeo clip da canção “Ensina-me a amar” de Anselmo Ralph, tendo sido distribuída aos alunos a letra da mesma para que a colassem nos seus




cadernos. Explorámos a letra, tendo para isso os alunos construído uma tabela, colocando numa das colunas o que é o amor e noutra o que não é amor. Desta forma, foi possível explorar a dimensão religiosa, enquanto capacidade de amar e perdoar. Por fim foi distribuído aos alunos o texto de 1Cor 13, 1-8 para que colassem igualmente nos seus cadernos e como TPC, completassem a tabela sobre o que é e não é o amor.

A meu ver a aula decorreu conforme previsto, não tendo apenas sido realizada a leitura do texto bíblico entregue aos alunos, o qual foi feito na aula seguinte. Os objetivos eram ambiciosos, uma vez que decidi juntar os objetivos 1, 2 e 6, os quais creio terem sido alcançados. Destaco como particularmente positivo o diálogo constante com o grupo e a possibilidade dos alunos se expressarem.

Considero arrojada a dinâmica inicial e avalio-a muito positivamente, tendo em conta o objetivo pretendido (compreensão de que Deus mantém connosco uma relação pessoal). Em relação às restantes estratégias adotadas penso terem sido oportunas. Reconheço a necessidade de fazer uma melhor gestão do tempo, sendo, contudo, consciente que ela é dificultada pela opção de dar espaço à participação dos alunos, da qual não quis abdicar, até porque a mesma revelou-se de muita qualidade e sem dúvida uma mais-valia para a assimilação dos conteúdos. Exige, pois, da minha parte, uma maior atenção e capacidade de equilíbrio na gestão das diferentes estratégias planificadas.

**Sumário:** Nascemos para ser felizes: autenticidade e fidelidade a si próprio e a Deus. Elaboração de uma carta.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m.	Recursos	Avaliação formativa
G. Identificar os valores evangélicos	3. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa.</li> <li>• A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação)</li> <li>• A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros,...)</li> <li>• Procurar a coerência entre o que se é e o que aparenta ser</li> <li>• Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade</li> <li>• A aceitação de si mesmo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento e sumário</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quadro</li> <li>- Caderno do aluno</li> </ul>	Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas (ANEXO 1)
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Correção do TPC</b> (tabela sobre o amor)</li> </ul>	5 min		
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Exposição</b>, com base num <i>Power Point</i>, sobre a autenticidade humana.</li> </ul>	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador e projetor</li> <li>- <i>Power Point</i> (ANEXO 9)</li> </ul>	Realização da atividade
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atividade: escrever carta</b> a um colega aleatoriamente escolhido. Entrega de papel de carta com indicação dos tópicos que a mesma deve conter. As cartas são colocadas em envelopes e postas numa “caixa de correio”, sendo recolhidas pela professora. Serão entregues aos destinatários na seguinte aula.</li> </ul>	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Envelopes contendo papel de carta (ANEXO 10)</li> <li>- “Caixa de correio” (ANEXO 12)</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Sopa de letras:</b> atividade da Pág. 26. Correção.</li> </ul>	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Manual do aluno- P. 26</li> </ul>	Realização da atividade
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Síntese:</b> Todos os seres humanos queremos ser felizes. Para isso é muito importante ser pessoas autênticas, fiéis a nós próprios e a Deus.</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caderno do aluno</li> </ul>	

## Reflexão sobre a aula nº 5

Comecei por acolher os alunos, registrar o sumário no quadro e simultaneamente lê-lo, pedindo-lhes que o copiassem para os seus cadernos, o qual foi feito com rapidez e ordem. Em seguida corrigimos o TPC, procedendo à leitura do texto de 1Cor 13, entregue na aula anterior e que servia de base à atividade. Verifiquei com agrado que a quase totalidade dos alunos tinha o texto colado no caderno ou devidamente anexado ao mesmo, tal como lhes tinha indicado, tendo igualmente realizado a atividade. A correção do TPC serviu de “ponte” entre o tema anterior e o que foi lecionado nesse dia, pelo que em seguida apresentei, apoiando-me num *Power Point*, o tema da autenticidade humana. De referir que os alunos se mantiveram atentos e interessados, revelando capacidade de escuta e atenção.

Após esta exposição, propus a “atividade da carta”: distribui pelos alunos envelopes contendo uma folha na qual se indicava o nome de um dos colegas e os itens de uma carta. Cada um escreveu ao colega que aleatoriamente lhe calhou, começando todos por escrever uma frase do Manual e destacada no *Power Point* (“cada pessoa vale pelo que é e não pelo que tem”), devendo em seguida indicar os aspetos pelos quais considera o colega uma pessoa autêntica e aspetos que pensa que ele pode melhorar para ser uma pessoa mais feliz.

Com esta atividade pretendeu-se que os alunos verificassem que o tema da autenticidade se aplica na prática, na nossa forma de viver quotidianamente, podendo ser detetada em nós próprios e nos outros. Procurei também sublinhar que ela é tão importante que condiciona a possibilidade de sermos felizes, daí que para falar dos aspetos menos positivos de cada colega, tenha optado pela frase “para que sejas cada vez mais feliz acho que...”.


A atividade gerou alguma excitação nos alunos, mas rapidamente se concentraram e a iniciaram. Terminada a mesma, colocaram a carta numa caixa de correio por mim elaborada, o que também lhes agradou. Tal como expliquei aos alunos no início da dinâmica, as cartas seriam

lidas por mim, sendo consideradas como uma atividade. As mesmas foram devidamente entregues aos seus destinatários na aula seguinte.

A atividade foi realizada com entusiasmo e interesse por parte de todos os alunos, inclusive pelo aluno abrangido por um PEI. À medida que iam terminando, propus a realização da sopa de letras da página 26 do Manual, descobrindo palavras que caracterizam uma pessoa autêntica e as que caracterizam uma pessoa não autêntica, elaborando um esquema com as mesmas. Corrigimos a atividade e terminámos registando a síntese. Nesta última atividade, tanto na sua realização, como na correção, os alunos estiveram mais inquietos, sendo difícil captar a sua atenção. O aluno abrangido por um PEI levantou-se várias vezes, tendo eu alguma dificuldade em gerir a sua agitação. É um aluno que constituiu um permanente desafio e procura de melhores estratégias.

Considero que a aula se desenvolveu de acordo com o planificado, tendo sido alcançados os objetivos da mesma. As estratégias utilizadas revelaram-se oportunas e adequadas, o que contribuiu para reforçar a ideia de ser importante alternar momentos de exposição e escuta por parte dos alunos com atividades nas quais eles participem mais ativamente. Sublinho também um maior à vontade da minha parte em sala de aula, o qual se foi refletindo inclusive na forma como circulava por entre os alunos e me aproximava deles.

**Sumário:** Direitos e deveres da pessoa humana. Elaboração de cartazes.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m.	Recursos	Avaliação formativa
G. Identificar os valores evangélicos.	4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O ser humano é dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade:</li> <li>- A Declaração Universal dos Direitos do Homem;</li> <li>- A Convenção sobre os Direitos da Criança.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acolhimento e sumário</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quadro</li> <li>- Caderno do aluno</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Visualização de um pequeno vídeo</b> sobre Direitos Humanos.</li> </ul>	3 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador e projetor</li> <li>- Vídeo (ANEXO 13)</li> </ul>	Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas (ANEXO 1)
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Diálogo exploratório</b> sobre o vídeo.</li> </ul>	10 min.		
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Exposição</b> com base num <i>Power Point</i> e diálogo com os alunos sobre os Direitos Humanos, seus avanços e retrocessos. A ONU e a UNICEF.</li> </ul>	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador e projetor</li> <li>- <i>Power Point</i> (ANEXO 14)</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Atividade:</b> em grupos de dois, <b>elaboração de um cartaz</b> sobre um Direito Humano ou um Direito das crianças, indicado pela professora.</li> </ul>	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recortes de revistas</li> <li>- Folhas A3</li> </ul>	Elaboração dos cartazes
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Síntese:</b> Todos os seres humanos temos direitos e deveres. É muito importante conhecê-los e respeitá-los.</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caderno do aluno</li> </ul>	Preenchimento da grelha de Registo de Trabalho de Grupo-cartazes (ANEXO 15)
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrega das cartas da aula anterior.</li> </ul>	2 min.		
			<b>TPC:</b> Terminar de preparar a apresentação do cartaz à turma.			

## **Reflexão sobre a aula nº 6**

Comecei por acolher os alunos, registrar o sumário no quadro e simultaneamente lê-lo, pedindo-lhes que o copiassem para os seus cadernos. Coloquei algumas questões sobre a aula anterior e fui registrando no quadro o que é “ser uma pessoa autêntica”, fazendo a transição entre o tema anterior e o da aula sobre os direitos humanos, introduzindo desta forma o tema. Os alunos mostraram-se capazes de recordar bem a matéria, participando com interesse.

Seguiu-se a visualização de um pequeno vídeo sobre os direitos humanos, no qual era enunciado o primeiro: “Todos nascemos livres e iguais”. Sendo de curta duração, optei por colocá-lo duas vezes, de forma a que os alunos captassem bem a mensagem. A continuação estabeleceu-se um diálogo exploratório do vídeo. Explorámos as principais diferenças que caracterizam os seres humanos e que durante séculos têm sido motivo de discriminação. Os alunos participaram com muito interesse, fazendo intervenções adequadas e mostrando, como se tornou habitual nesta turma, a pertinência destes diálogos. Concluímos que a enorme diversidade entre os seres humanos não justifica a existência de diferenças a nível de direitos e deveres, sendo, nesse sentido, todas as pessoas iguais.

Seguidamente expus, com base num *Power Point*, o tema dos direitos humanos e dos direitos das crianças, os seus avanços e retrocessos, bem como o papel da Organização das Nações Unidas (ONU) e da *United Nations International Children's Emergency Fund* (UNICEF) na defesa dos mesmos. Ao longo da exposição fui simultaneamente estabelecendo um diálogo com os alunos. A turma manteve-se em silêncio, adotando na sua maioria uma atitude atenta e participativa, revelando uma vez mais a sua capacidade de escuta e atenção. De referir que o aluno abrangido por um PEI manteve igualmente uma atitude correta, realizando inclusivamente algumas intervenções, que revelaram estar a assimilar os conteúdos.

Posteriormente propus a elaboração de cartazes em grupos de dois. Cada grupo trabalhou um dos direitos humanos ou dos direitos das crianças, previamente selecionados por mim e distribuídos aleatoriamente. No cartaz tinham que colocar um *slogan*, uma imagem e ações que promovam esse Direito. A imagem era escolhida pelos alunos de entre os recortes de revistas que levei.

Os alunos aderiram com interesse à atividade, contudo, o tempo revelou-se manifestamente insuficiente, não tendo os grupos concluído o cartaz. Pedi, pois, que o terminassem em casa e preparassem para a seguinte aula a apresentação à turma.


A meu ver foram alcançados os objetivos da aula, parecendo-me as estratégias adotadas adequadas. Evidencio como positiva a minha exposição, na qual creio ter conseguido articular com clareza os principais aspetos do tema. Igualmente positiva foi a interação estabelecida com o grupo, a sua atenção e participação ativa, a qual favoreceu a apreensão dos conteúdos, assim como a recolha de elementos de avaliação. Contudo, refletindo à *posteriori* sobre os conteúdos transmitidos, considero que a categoria “dignidade humana” deveria ter sido melhor explorada, aproveitando também para apresentar o fundamento dessa dignidade e introduzir, assim, a dimensão transcendente. Por outro lado, o tempo dedicado à elaboração de cartazes foi insuficiente, tendo a própria programação sido desadequada, uma vez que apenas previ 10 minutos para a mesma. Assim, os alunos dispuseram de pouco tempo, não tendo sido possível concluí-los em sala de aula. No final foi difícil conseguir a atenção do grupo para a elaboração da síntese, pois estavam envolvidos na realização dos cartazes; teria sido preferível fazê-la antes de iniciar os trabalhos de grupo, uma vez que os mesmos pressupõem sempre alguma dispersão.

6º Ano - Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana

Lição nº 10

Aula nº 7: 21/11/17

Sumário: A dignidade humana. Direitos e deveres da pessoa humana. Apresentação de cartazes. Organizações de apoio à pessoa.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m.	Recursos	Avaliação formativa
<p>G. Identificar os valores evangélicos. I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade</p>	<p>4. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.</p> <p>5. Conhecer organizações católicas que trabalham pela promoção da dignidade humana.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>O ser humano é dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade: <ul style="list-style-type: none"> <li>A Declaração Universal dos Direitos do Homem;</li> <li>A Convenção sobre os Direitos da Criança.</li> </ul> </li> <li>Organizações que lutam pela construção de um mundo onde todos tenham condições de existência dignas.</li> <li>A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: à família; ao bem-comum; à educação.</li> <li>O contributo da Igreja Católica nos cuidados de assistência, de saúde e de educação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acolhimento e sumário</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Quadro</li> <li>Caderno do aluno</li> </ul>	
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Exposição</b> sobre a Dignidade Humana e o seu fundamento Transcendente, com base num desenho elaborado no quadro.</li> </ul>	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Quadro</li> </ul>	<p>Observação direta. Preenchimento da grelha de observação de aulas (<b>ANEXO 1</b>)</p>
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Apresentação de algumas Organizações da Igreja</b> Católica de apoio à pessoa: Cáritas, Santa Casa da Misericórdia; Escolas Católicas.</li> </ul>	10 min.		
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Apresentação por parte dos alunos dos cartazes</b> sobre Direitos Humanos. Os mesmos irão sendo colocados em lugar visível na sala de aula.</li> </ul>	10 min.	- Bostic	<p>Preenchimento da grelha de Registo de Trabalho de Grupo-cartazes (<b>ANEXO 15</b>)</p>
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Revisões para a ficha de avaliação.</b></li> </ul>	10 min.	- Caderno do aluno	
			<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Síntese:</b> Deus é o fundamento da dignidade humana. Esta dignidade confere Direitos e Deveres a todos os Seres humanos. Na Igreja há muitas Organizações que se dedicam a defender e promover os direitos dos mais pobres.</li> </ul>	5 min.		
			<p><b>TPC:</b> preparar-se para a ficha de avaliação.</p>			



## **Reflexão sobre a aula nº 7**

Comecei por acolher os alunos, registrar o sumário no quadro e simultaneamente lê-lo, pedindo-lhes que o copiassem para os seus cadernos. Retomei o tema da aula anterior sobre direitos e deveres da pessoa, expondo de forma simples, com base num desenho da figura humana elaborado no quadro, a categoria “dignidade humana” e o seu fundamento transcendente, uma vez que percebi ter sido um aspeto importante pouco explorado na aula anterior, sendo pertinente por isso desenvolvê-lo um pouco mais.

Seguidamente, e em diálogo com os alunos, apresentei brevemente algumas organizações de apoio à pessoa: Cáritas, Santa Casa da Misericórdia e Escolas Católicas. Relacionámos o apoio prestado por estas organizações com a promoção de direitos humanos concretos. Durante a exposição e diálogo, uma vez mais, os alunos tiveram um comportamento muito adequado, demonstrando a sua capacidade de atenção, participação e interesse pelos temas, o que constituiu sem dúvida uma mais-valia e favoreceu o processo de ensino-aprendizagem.

Seguiu-se a apresentação dos cartazes iniciados na aula anterior e que os alunos terminaram em casa (à exceção de um dos grupos). É de salientar a capacidade expositiva da maioria dos alunos e a forma colaborativa como decorreu a apresentação, intervindo sempre os dois ou três elementos constituintes do grupo. A turma manteve uma atitude adequada, o qual facilitou as apresentações. Devo dizer ainda que a maioria dos cartazes estavam bem elaborados, contendo os elementos indicados pela professora. O aluno abrangido por um PEI manteve durante a minha exposição e a apresentação de cartazes dos colegas uma atitude correta, mostrando-se, contudo, mais difícil de gerir o seu comportamento durante a apresentação do cartaz do seu grupo.

Registo como constrangimento a limitação de tempo, o qual impossibilitou a apresentação do trabalho por parte de alguns grupos. Mantive com estes um pequeno diálogo ao final da aula,

transmitindo-lhes a possibilidade de fazerem as suas apresentações na semana seguinte, após a realização da ficha de avaliação. Antes de terminar a aula revi brevemente os principais temas lecionados e que foram avaliados na ficha de avaliação da semana seguinte. A síntese realizou-se apenas oralmente, sem que os alunos a registassem nos cadernos, o qual avalio como negativo. Como aspetos positivos assinalo a exposição inicial, realizada em diálogo com o grupo, e a apresentação de cartazes por parte dos alunos.


Concluo reconhecendo que necessito melhorar a própria programação a nível de tempo, bem como a gestão do mesmo no decorrer da aula.

6º Ano - Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana

Lição nº 11

Aula nº 8: 28/11/17

Sumário: Realização da ficha de avaliação. Apresentação de trabalhos de grupo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	 45m.	Recursos	Avaliação formativa
Todas as definidas para esta Unidade Letiva.	Todos os definidos para esta Unidade Letiva	Todos os definidos para esta Unidade Letiva	• Acolhimento	5 min.		
			• Realização da <b>ficha de avaliação</b> .	30 min	- Fichas de avaliação	Ficha de avaliação
			• Conclusão da <b>apresentação por parte dos alunos dos cartazes</b> sobre Direitos Humanos.	8 min.		Preenchimento da grelha de registo de trabalho de grupo-cartazes ( <b>ANEXO 15</b> )
			• Sumário.	2 min.	- Quadro - Caderno do aluno	

## **Reflexão sobre a aula nº 8**

Comecei por acolher os alunos e distribuir a ficha de avaliação, o qual decorreu com rapidez e ordem. A sua realização decorreu num ambiente de silêncio e concentração por parte dos alunos, os quais quando lhes surgia alguma dúvida me chamavam.

Nesta ficha de avaliação nenhum aluno obteve a qualificação de Muito Reduzido ou Reduzido e apenas dois alunos obtiveram a qualificação de Médio, situando-se os restantes no Elevado e Muito Elevado, sendo inclusivamente esta a classificação obtida pela maioria.

Os resultados indicam que os conteúdos relacionados com as dimensões da pessoa, a autenticidade e os direitos e deveres humanos foram bem assimilados. É de realçar a sua capacidade de relacionar conceitos e de reflexão sobre os conteúdos lecionados, a qual creio ter sido estimulada nas aulas. A questão na qual os alunos apresentaram maiores dificuldades foi a relacionada com as organizações da Igreja Católica de apoio aos mais necessitados, refletindo nitidamente o pouco tempo dedicado a estes conteúdos em sala de aula.

Nos últimos dez minutos da aula, os três grupos que faltavam apresentaram o trabalho sobre direitos humanos. Apesar de terem terminado a ficha de avaliação, os alunos estavam serenos, decorrendo as apresentações com qualidade e atenção por parte do grupo. Ao final registei o sumário no quadro, pedindo aos alunos que o copiassem para os seus cadernos. Optei por fazê-lo ao final da aula, para iniciar mais rapidamente a ficha de avaliação, sem que os alunos tivessem que utilizar o caderno e em seguida guardá-lo novamente, o qual penso que foi mais eficaz.

Os alunos colocaram ainda os cartazes nas paredes da sala, ficando assim expostos para que todos pudessem mais atentamente ver os trabalhos dos colegas e acessíveis também aos restantes professores.

Considero que a aula decorreu muito bem, tendo o grupo realizado a ficha com seriedade e concentração. O acolhimento creio ter sido importante, tendo contribuído para serenar os alunos e transmitir-lhes segurança e confiança na sua capacidade de responder bem às questões da ficha.

Também considero ter sido importante dispor de tempo para a apresentação dos trabalhos de grupo. Ao programar temi que os alunos estivessem excessivamente agitados ou cansados após a realização da ficha, mas tal não aconteceu, possibilitando uma boa apresentação dos cartazes.

### **5. A questão ecológica na Unidade Letiva 1 do 6º ano**

Após termos exposto o percurso efetuado na lecionação da Unidade Letiva 1 do 6º ano e respetiva reflexão sobre o mesmo, aparece como evidente a riqueza desta Unidade sobre a pessoa humana, tendo sido, contudo, detetada a carência da dimensão ecológica, tal como é entendida pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato Si`*.

O ser humano situa-se atualmente no mundo e na natureza como explorador, retirando dela tudo o que pode para rentabilizar economicamente, o qual gera uma rutura e degradação da nossa casa comum. Isabel Varanda expressa-o bem através de uma imagem:

“[A relação com a terra] evoluiu na lógica do quantitativo, do cálculo, do proveito, como se o homem tivesse diante de si a galinha dos ovos de ouro. Só tendo olhos para os ovos, esqueceu-se da galinha. E na voraz espiral da ganância, querendo mais e mais ovos, mata a galinha. Moral da história: fica sem ovos e fica sem a galinha.”<sup>43</sup>

Trata-se de uma realidade que não podemos ignorar, até porque são evidentes e já padecemos as consequências provocadas por essa forma do ser humano se situar no meio que o envolve. O Papa Francisco reflete sobre esta problemática na encíclica *Laudato Si`*, documento que ele

---

<sup>43</sup> I. VARANDA, “A salvação ecológica”, Cadernos nº 11, Instituto São Tomás de Aquino (2001), 108.

próprio insere na Doutrina Social da Igreja (DSI)<sup>44</sup>, uma vez que a questão ecológica, tal como é enfocada, afeta a questão antropológica e social. Nesta encíclica é denunciada uma ecologia superficial e proposta uma ecologia integral, no contexto de uma visão abrangente da realidade. Nele encontramos alusões explícitas aos anteriores pontificados<sup>45</sup>, bem como a referência aos princípios próprios da DSI (dignidade humana, destino universal dos bens, direitos humanos e dos povos e bem comum), havendo claramente uma linha de continuidade. Contudo intuímos também uma radical novidade na forma holística e interconectada de entender uma realidade que é complexa, o que nos leva a questionar se o Papa Francisco não apresentará também princípios mais próprios do seu magistério.

Assim, à luz do magistério do atual Papa e em concreto da categoria “ecologia integral” proposta na encíclica *Laudato Si'*, perguntamo-nos como inserir a dimensão da terra, da pertença a um planeta, a uma casa comum como parte do nosso ser pessoa. Na Unidade Letiva 1 do 6º ano fica evidenciada a pertença a uma determinada cultura e sociedade, ao abordar a dimensão social da pessoa humana, mas cremos pertinente evidenciar esta outra pertença fundamental, situando a pessoa no seu único habitat possível: esta nossa terra ameaçada. Seria oportuno evidenciar esta pertença ao planeta terra na visão antropológica apresentada na Unidade? Intuímos que esta pode ser enriquecida à luz do conceito ecologia integral.

Frequentemente pensa-se a ecologia desde os problemas estritamente relacionados com o meio-ambiente, poluição, biodiversidade, recursos naturais ou extinção de espécies. Mas tal é claramente reducionista desde o ponto de vista da Doutrina Social da Igreja e em concreto da encíclica *Laudato Si'*. A categoria “ecologia integral” recorda-nos a importância de uma ecologia que se inscreve nas ciências biológicas, mas também na antropologia, nas ciências sociais e na teologia, deixando claro que os elementos humanos e não humanos se implicam e

---

<sup>44</sup> Cf. *LS* 15.

<sup>45</sup> Cf. *LS* 3- 6.

relacionam mutuamente, não sendo indiferentes um ao outro: cuidar de uns é proteger os outros.

Como nos recorda Gabriel Falcão:

“A relação do homem com o mundo não é acidental ou mesmo arbitrária, na medida em que não pode não estar no mundo, a terra que pisa, o ar que respira, o alimento que o sustenta. Tudo isto é mundo com que se relaciona em elemento constitutivo da identidade humana. Esta verdade apodítica é também uma nota que reclama a integralidade da ecologia. Ambiente e homem são, por isso, duas realidades interligadas.”<sup>46</sup>

Até agora o adjetivo “integral” era utilizado para falar de um humanismo aberto à transcendência, à dimensão espiritual e no sentido de não excluir-se nenhuma das dimensões do ser humano. Ora, de agora em diante, à luz da *LS*, não podemos excluir dessas dimensões a pertença ao nosso planeta, conscientes, como bem sublinha o Papa, de que “nós mesmos somos terra”<sup>47</sup>. Assim, “integral” não só assume o sentido mencionado, como se amplia, incluindo inclusivamente um horizonte de cuidado (da pessoa, das comunidades, da casa, dos recursos e do meio- ambiente). Recupera-se um horizonte ecológico e económico.<sup>48</sup>

Por outro lado, ao abordar-se nesta UL o tema da pessoa humana na sua dignidade transcendente, deixando explicito, no dizer do Arcebispo Jorge Bergoglio, que o que o ser humano é ultrapassa uma dimensão natural ou social, que há um laço que nos liga ao Divino, estamos também explicitando que “cada um é único. Todos importam, total e singularmente.”<sup>49</sup> Esta dimensão transcendente não nos afasta do mundo e das suas coisas, mas permite reconhecer a sua profundidade. De aí fazer sentido, através desta UL, “contribuir para uma nova sabedoria ecológica que entenda o lugar do homem no mundo e que respeite o próprio homem, que é parte do mundo.”<sup>50</sup>

---

<sup>46</sup> G. FALCÃO, “Ecologia integral, ecologia do homem”, *Itinerarium* 214 (2016) 20.

<sup>47</sup> *LS* 2.

<sup>48</sup> Cf. *LS* 37.

<sup>49</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 159.

<sup>50</sup> *Ibidem*, 161.

Da mesma forma, integrar este conceito numa perspetiva dos direitos humanos e das crianças, conteúdos também centrais da UL, parece pertinente, redundando numa visão mais ampla que não desliga a qualidade de vida e direitos de todos e de cada um dos seres humanos, da sua relação com a terra e com o cuidado que com ela tenhamos. De facto, dado o estado do nosso planeta, pode, de agora em diante, fazer pouco sentido falar de direitos humanos sem apelar e integrar o conceito de ecologia e uma ecologia integral. Em relação aos direitos das crianças, mostra-se especialmente pertinente na medida em que sem o cuidado da casa comum o seu futuro fica comprometido.

Pelo atrás exposto, percebemos que falar de ecologia integral envolve tanto a questão antropológica (primeira parte da Unidade), como socioeconómica (segunda parte da Unidade-Direitos Humanos), numa visão holística, nada reducionista da ecologia. De aí que um tema que à partida nada teria que ver com a presente Unidade Letiva, possa merecidamente ser nele desenvolvido, enriquecendo-a.

Como indicava a professora Cristina Sá Carvalho, o Papa Francisco, no pouco tempo de pontificado até à apresentação do novo programa, obrigou já à introdução de novos conteúdos.<sup>51</sup> Não é pois, estranho que volvidos mais quatro anos de fecundo magistério, outros conteúdos resultem incontornáveis e tenham necessariamente que ser tidos em conta no Programa da disciplina.

Questionamo-nos também quanto à possibilidade de fomentar nas nossas escolas espaços onde se promova e ensaie uma modificação nas mentalidades e hábitos quotidianos no sentido de um estilo de vida mais acorde com o paradigma da ecologia integral. Tendo em conta a interpelação lançada pelo então Arcebispo de Buenos Aires, Jorge Bergoglio, surge-nos a pergunta sobre a possibilidade de procurar novas formas de alimentar-nos, festejar, descansar, revalorizar o

---

<sup>51</sup> Cf. C. CARVALHO, “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014”, 45.



gratuito.<sup>52</sup> Será possível, através da criação de um *Foco de Conversão Ecológica Escolar*<sup>53</sup>, caminhar nessa direção, sensibilizando toda a comunidade escolar para a importância e possibilidade real de assumir estilos de vida diferentes, mais saudáveis e atentos à sustentabilidade e cuidado da nossa casa comum? Acreditamos que sim, daí que a criação de um desses *Focos* seja o contributo concreto, a nível de proposta pedagógica, apresentado neste Relatório Final no seu terceiro capítulo. No capítulo que se segue apresentaremos a fundamentação teórica da categoria ecologia integral, a qual está na raiz da proposta de criação desse *Foco*.

---

<sup>52</sup> Cf. J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 162.

<sup>53</sup> Os *Focos de Conversão Ecológica Escolar* são concebidos como uma adaptação à realidade escolar da proposta lançada pela *Rede Cuidar da Casa Comum* no seu sítio na internet, [www.casacomum.pt](http://www.casacomum.pt), de criação de *Focos de Conversão Ecológica* em diferentes âmbitos eclesiais. Consistem em pequenos grupos que visam sensibilizar e dinamizar a comunidade educativa para a questão ecológica, conforme é entendida pelo Papa Francisco na *LS*. Esta proposta é desenvolvida no Capítulo III deste Relatório Final.

## **CAPÍTULO II – ECOLOGIA INTEGRAL. FUNDAMENTAÇÃO**

Neste capítulo procuramos fundamentar a categoria ecologia integral, a qual, tal como se evidenciou no capítulo anterior dedicado à Prática de Ensino Supervisionada, consideramos poder enriquecer a Unidade Letiva 1 do sexto ano, dedicada à pessoa humana.

Começamos por apresentar uma breve caracterização do contexto social, económico e cultural atual, de forma a constatar a pertinência do enfoque ecológico proposto pelo Papa Francisco. Seguidamente procuramos fundamentar a categoria ecologia integral à luz dos dois relatos bíblicos da criação, de cuja leitura atenta e adequada podemos extrair, como veremos, importantes ensinamentos. No ponto 3, tendo sempre como referência a encíclica *Laudato Si'*, cujos principais eixos se apresentam de forma breve, desenvolve-se o tema da ecologia integral nas suas dimensões antropológica, socioeconómica, de vida quotidiana e de apelo a uma conversão integral. Por último, no ponto 4, é exposta uma reflexão sobre os desafios educacionais que esta categoria coloca à disciplina de EMRC.

### **1. Contextualização da questão ecológica**

Consideramos pertinente caracterizar, ainda que brevemente, o contexto económico, social e cultural atual, por estar convencidos que as grandes questões da humanidade e concretamente a questão ecológica, apenas se pôde analisar de forma contextualizada e interligada com diferentes aspetos da vida social e humana.

A encíclica *Laudato Si'* alerta precisamente para esta interligação e necessidade de abordar a questão ambiental de forma não separada do funcionamento da economia e da sociedade. É especialmente pertinente neste sentido o número 139:

“As razões, pelas quais um lugar se contamina, exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade. Dada a amplitude das mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e

independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.<sup>54</sup>

Assistimos, desde inícios do séc. XX até à década de 70, a uma redução das desigualdades, tanto a nível global, como no interior de muitos países, de tal forma que nos anos 60 viveu-se um otimismo quanto às possibilidades de desenvolvimento para todos. A partir da década de 70, inverte-se essa tendência e as desigualdades começam novamente a aumentar. Analisando os anos mais recentes, vejamos os dados de 2010 e 2015 publicados pelo banco Credit Suisse no seu *Global Wealth Report 2015* (Relatório da Riqueza Global)<sup>55</sup>, um dos relatórios mais fiáveis a este nível.

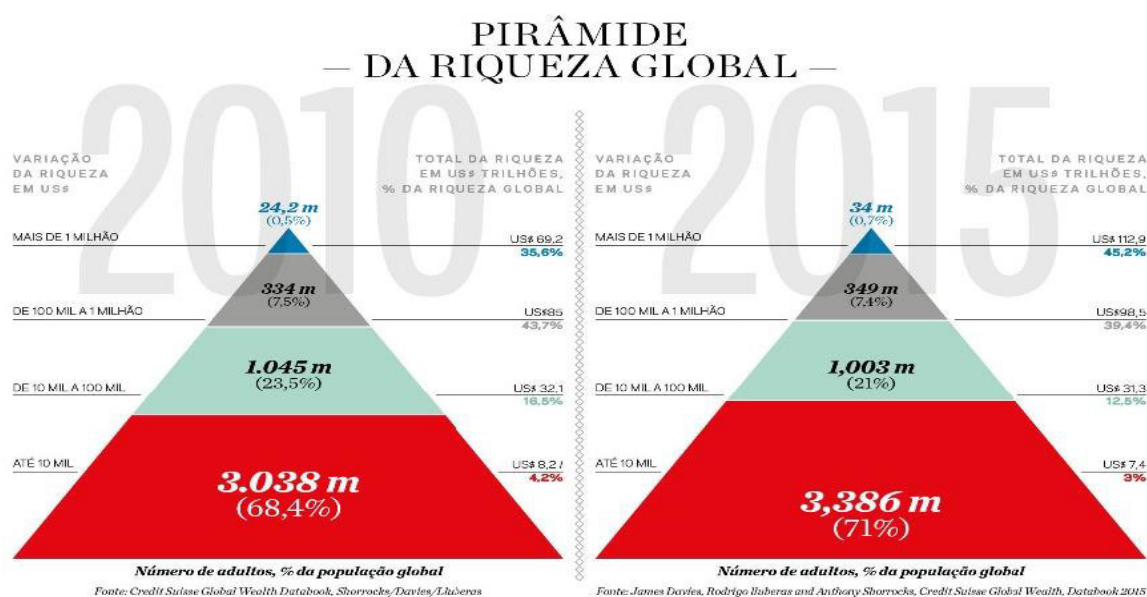


Figura 1<sup>56</sup> – Pirâmide da Riqueza Global

<sup>54</sup> LS 139.

<sup>55</sup> Cf. Banco Credit Suisse, *Global Wealth Report 2015* (Relatório da Riqueza Global), Switzerland, 2015, <https://publications.credit-suisse.com/tasks/render/file/?fileID=F2425415-DCA7-80B8-EAD989AF9341D47E>. (Acedido em 9 de janeiro 2018).

<sup>56</sup> Cf. <http://www.cartaeducacao.com.br/carta-capital/desigualdade-sem-limites/> (Acedido em 9 de janeiro 2018).

De notar que entre 2010 e 2015:

- A percentagem de adultos na base da pirâmide (com menos de 10 mil dólares líquidos) aumentou de 68% para 71%; e em contrapartida a sua fatia no bolo da riqueza mundial desceu de 4,2% para 3%. Repare-se então que 71% da população mundial possui 3% da riqueza global.
- A percentagem de população no topo da pirâmide aumentou de 0,5% para 0,7%; a sua fatia no bolo aumentou de 35,6% para 45,2%; quer então dizer que 0.7% da população possui 45,2% da riqueza mundial.

Ainda segundo o relatório do Credit Suisse:

- Em 2010, os 50% mais pobres possuíam pouco menos de 2% dos ativos mundiais. Em 2015, essa metade mais pobre, ficou ainda mais depauperada: agora possui menos de 1% da riqueza planetária.
- 2015 foi o primeiro ano, desde que há estatísticas, em que 1% da população mundial, possui tanta riqueza como os restantes 99% da população global (1% da população possui metade do valor total de ativos).

Este relatório mostra, pois, uma sociedade global cada vez mais próxima dos padrões de desigualdade de finais do século XIX e mais distante daqueles atingidos pelos países desenvolvidos nos anos que se seguiram à II Guerra mundial.

O relatório da *Oxford Committee for Famine Relief* (OXFAM) de 2017<sup>57</sup> apresenta dados ainda mais expressivos deste mundo cada vez mais desigual:

- As oito pessoas mais ricas do mundo têm tanto dinheiro como a metade mais pobre do planeta.

---

<sup>57</sup> Cf. Relatório da *Oxford Committee for Famine Relief* (OXFAM), janeiro de 2017, [https://d1tn3vj7xz9fdh.cloudfront.net/s3fs-public/file\\_attachments/bp-economy-for-99-percent-160117-es.pdf](https://d1tn3vj7xz9fdh.cloudfront.net/s3fs-public/file_attachments/bp-economy-for-99-percent-160117-es.pdf), 2- 3 (Acedido em 09 de janeiro 2018).

- O crescimento dos rendimentos dos 50% mais pobres foi zero nas últimas três décadas, enquanto os rendimentos dos 1% mais ricos cresceram mais de 300 %.
- Em 2015/16 as 10 maiores empresas do mundo tiveram receitas superiores às de 180 países juntos.

Assistimos, pois, a um incremento das desigualdades, constituindo este um dos principais problemas e desafios da humanidade, o qual, não é de nenhum modo alheio ao problema ecológico. Assim o constata igualmente o recente documento conjunto da Congregação para a Doutrina da Fé e do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral:

“Mesmo que o bem-estar económico global tenha certamente crescido ao longo da segunda metade do século XX, com uma medida e uma rapidez nunca experimentada antes, ocorre porém constatar que ao mesmo tempo aumentaram as desigualdades entre os vários países e no interior dos mesmos. Além disto continua a ser ingente o número de pessoas que vivem em condições de extrema pobreza.”<sup>58</sup>

Segundo o Papa Francisco os pobres são precisamente os mais afetados, os que sofrem as piores consequências da degradação ambiental, constituindo este um dos eixos da Encíclica *Laudato Si`*. No número 25 o Papa especifica:

“Muitos pobres vivem em lugares particularmente afetados por fenómenos relacionados com o aquecimento, e os seus meios de subsistência dependem fortemente das reservas naturais e dos chamados serviços do ecossistema como a agricultura, a pesca e os recursos florestais. Não possuem outras disponibilidades económicas nem outros recursos que lhes permitam adaptar-se aos impactos climáticos ou enfrentar situações catastróficas, e gozam de reduzido acesso a serviços sociais e de proteção.”

---

<sup>58</sup> Congregação para a Doutrina da Fé e Dicastério para o Serviço do desenvolvimento Humano Integral, *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones, Considerações para um discernimento ético sobre alguns aspetos do atual sistema económico-financeiro*, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20180106\\_oeconomicae-et-pecuniariae\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180106_oeconomicae-et-pecuniariae_po.html), 5 (Acedido em 08 de junho de 2018).

Por outro lado, se os dados económicos são pertinentes, revelando uma realidade social extremamente preocupante, já pudemos sobejamente constatar que a globalização não é um fenómeno apenas económico, mas plural, afetando as tradições religiosas, o modo de crer, de pensar, viver, os valores dos indivíduos e de cada indivíduo. De facto, assistimos atualmente a profundas e rápidas alterações que afetam os modos de vida, trabalho e a sociedade no seu todo.

Sendo a pessoa um ser social, acolhida à nascença numa determinada comunidade, sem a qual não poderia sobreviver e a partir da qual inicia o seu percurso neste mundo, as transformações que nela ocorrem, afetam o sujeito e interferem na forma como este se entende a si próprio e, portanto, na sua própria identidade. Juan Ruiz de la Peña faz notar que a pessoa humana, além da herança genética, recebe também uma herança cultural. Recorrendo a uma imagem sugestiva recorda que há para o ser humano um “duplo período de gestação: o intrauterino (no seio materno) que transmite a herança genética e o extrauterino (na sociedade) que transmite a herança cultural.”<sup>59</sup> Esta longa gestação cultural influencia, de forma profundíssima, a própria personalidade e identidade.

Ignazio Sanna, teólogo italiano, deteta, no contexto deste mundo globalizado, uma transformação das coordenadas de espaço e tempo que estão na base da construção da identidade pessoal. A redefinição do significado de espaço, modifica a perceção da proximidade e da distância, de tal modo que este autor fala de um “homem peregrino” que progressivamente se converte em “nómada” e um “*homo sapiens*” que se transforma em “*homo economicus*”.<sup>60</sup>

A identidade de cada pessoa é, pois, marcada pela pertença a uma comunidade concreta, com a sua tradição religiosa, com uma história particular, a partilha de uma língua e de um património cultural. Ora, o que acontece nos nossos dias, é que esse processo identitário é posto em causa pela globalização e a revolução biotecnológica. Assistimos a um debilitamento de algumas

---

<sup>59</sup> Cf. J. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios, Antropologia Teológica Fundamental*, Sal Terrae, Cantabria, 1998, 204.

<sup>60</sup> Cf. I. SANNA, *L'Identità aperta, il cristiano e la questione antropologica*, Queriniana, Brescia, 2006, 7- 10.

esferas tradicionais de integração social, tal como a família, a escola, a Igreja ou o bairro, que geralmente garantiam a construção de uma história comum e a partilha de valores e princípios, o qual conduz a uma descomposição dos laços e do tecido social. No dizer do sociólogo polaco, Zygmunt Bauman, as pessoas hoje “sentem-se em casa em muitos sítios, mas em nenhum em particular. São tão ligeiras, ágeis e voláteis como o comércio e as finanças cada vez mais globalizadas que as sustentam na sua existência nómada.”<sup>61</sup>

Verifica-se um eclipse da dimensão social, o qual conduz a uma sobrevalorização da dimensão subjetiva. Uma sociedade cuja comunicação em rede criou, na expressão de Ignazio Sanna, “eremitas em massa”.<sup>62</sup> Relegam-se para segundo plano os aspetos relacionados com a vida em comum, sendo mínima, para a maioria dos cidadãos, a atenção dispensada aos assuntos da *polis*.

Alguns estudiosos, entre eles Zygmunt Bauman, falam de uma “sociedade moderna líquida”, na qual assistimos ao “desaparecimento das utopias centradas na sociedade e, em geral, da própria ideia de «sociedade boa»”.<sup>63</sup> Ao mundo exterior é-lhe atribuído apenas um valor instrumental. Nesta “modernidade líquida, as condições de atuação dos seus membros mudam antes que as formas de agir se consolidem em hábitos e em determinadas rotinas.”<sup>64</sup> Neste contexto as pessoas cada vez mais “dominam e praticam a arte da vida líquida: aceitação da desorientação, a imunidade à vertigem e a adaptação ao mareio, a tolerância a uma ausência de itinerário e de direção e a indeterminação da duração da viagem.”<sup>65</sup>

Assistimos, pois, a uma necessidade de estar em permanente movimento, necessidade de novidade, acompanhada de uma certa despreocupação com o futuro, assumindo-se a precariedade e a instabilidade como valores. Parece haver, sobretudo por parte dos mais jovens, uma cada vez maior tolerância à fragmentação, aumentando a sua capacidade para viver na

---

<sup>61</sup> Z. BAUMAN, *Vida líquida*, Paidós, Barcelona, 2006, 12.

<sup>62</sup> I. SANNA, *L'Identità aperta*, 17.

<sup>63</sup> Z. BAUMAN, *Vida líquida*, 2.1

<sup>64</sup> *Ibidem*, 9.

<sup>65</sup> *Ibidem*, 12.

desordem e na desarticulação. Valores como a lealdade, a fidelidade a um projeto ou a uma relação, a perseverança ou a estabilidade, vão perdendo força. A vida líquida caracteriza-se por constantes novos começos. Uma sociedade privada de certezas, indefinida, reduzida a questões técnicas, sem uma hierarquia de valores estabelecida, com uma identidade modelada pelo consumo e pelo provisório.

É neste sentido que Zygmunt Bauman caracteriza o ser humano atual utilizando a expressão “*homo eligens*”, alguém que está continuamente chamador a eleger e não aquele que de facto elegeu. É esse o único núcleo identitário que se manterá e fortalecerá: “um eu permanentemente impermanente, completamente incompleto, definitivamente indefinido [...] E autenticamente inautêntico”<sup>66</sup>. A identidade pessoal torna-se progressivamente múltipla e variável, uma identidade “conjugada em plural”. “Hoje não se é o que se foi ontem, nem se pode saber o que se será amanhã”.<sup>67</sup>

Ignazio Sanna fala de um “homem modular”, servindo-se da imagem de um armário que se compra por módulos e se monta por partes, podendo assumir diferentes formas. Tal como o armário, também o “homem modular” não tem uma forma pré-estabelecida, mas uma infinidade de possíveis formas, mantendo-se cada uma delas apenas por um tempo, consoante a necessidade e o próprio interesse. Trata-se, pois, de um ser dotado de qualidades mutáveis e descartáveis, no fundo um homem sem essência.<sup>68</sup> Um ser que se “monta e desmonta”, que se modela a si próprio e fá-lo com vistas à realização de uma série de tarefas e nessa volatilidade é capaz de conviver com as suas próprias ambivalências e contradições. Predomina o desenraizamento e a estranheza.

Por outro lado, ainda que no seio de uma sociedade “líquida”, sem a solidez de outrora, não cessou a procura de um sentido profundo para a vida e para a morte, uma procura que continua

---

<sup>66</sup> *Ibidem*, 49.

<sup>67</sup> I. SANNA, *L'Identità aperta*, 23.

<sup>68</sup> Cf. *Ibidem*, 31.



associada à dimensão transcendente da vida. Contrariamente ao que muitas vezes se pensa, Deus não desapareceu das nossas sociedades, o que sim sucede, é uma enorme alteração nos modos de crer. Em palavras de Teresa Messias:

“A mutação no sentido do sagrado [...] não corresponde a uma perda de sensibilidade ou de abertura ao transcendente, ao religioso ou a uma relação com Deus. Não é Deus que desaparece da sociedade nem é o mistério profundo do homem e do mundo que se ausenta da experiência humana. Antes se altera e amplia o quadro de referência em que é feita a busca de sentido, a crença, a descoberta de Deus, a prática e experiência espiritual e /ou religiosa”.<sup>69</sup>

O religioso parece ter extravasado as fronteiras das religiões e encontra-se hoje não ausente, mas disseminado, pululando pelas diversas esferas do viver humano. As Igrejas esvaziam-se, mas o Sagrado continua presente na vida dos indivíduos e dos povos, abrindo brechas de luz e possibilitando o que aos nossos olhos, tantas vezes míopes, pareceria impossível.

A grande maioria dos sociólogos deteta um “acelerado processo de transformação social, político, económico e cultural, único na história, caracterizado pela desconstrução das macro configurações globais formais de sentido da modernidade.”<sup>70</sup> Contudo, nem todos coincidem na análise que fazem, revelando-se alguns bastante mais pessimistas que outros. Canteras Murillo, professor da Universidade Complutense de Madrid, sem deixar de assinalar algumas características preocupantes desta “revolução cultural” a que assistimos, reconhece aspetos positivos relacionados sobretudo com o surgimento de um sistema de valores assente na “expressiva sinceridade do quotidiano”.<sup>71</sup> Sistema de valores este que os sujeitos assumem não por imposição ou por herança, mas de uma forma mais consciente e assente numa experiência pessoal que lhe confere uma autenticidade e genuinidade novas. Assim se expressa o autor:

---

<sup>69</sup> T. MESSIAS, “Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis”, *Communio- Revista Internacional Católica* 1 (2012), 117.

<sup>70</sup> A. CANTERAS MURILLO, “Los nuevos modos de crer de los jóvenes: una interpretación sociológica”, *Estudios de Juventud*, 53 (2001) 12.

<sup>71</sup> *Ibidem*, 18.

“Longe, pois, de ficar passivamente sumidos no desencanto de uma sociedade em crise e sem sentido como afirmam alguns, estaríamos ante um momento histórico caracterizado pela mudança [...] Em prol da regeneração de um novo universo de sentido muito mais diverso, genuíno e autêntico, construído agora desde baixo [...]”<sup>72</sup>

Uma maior sensibilidade ecológica é hoje também uma característica das nossas sociedades. Com todas as ambivalências que o Papa Francisco deteta na *LS*, não deixa contudo, de ser assinalável uma preocupação com o meio ambiente por parte da sociedade civil e de várias entidades sociais. Na maioria das escolas é evidente a sensibilidade e posta em prática de estratégias que fomentam uma educação ecológica. De igual modo, a par de opções de vida pessoais assentes na sobriedade e num estilo de vida simples, brotam do seio da sociedade civil iniciativas e associações que visam a difusão e implementação de um novo paradigma ecológico, numa linha que, em maior ou menor medida, se aproxima do paradigma de ecologia integral proposto pelo Papa Francisco. Destaco no nosso país, a rede “*Cuidar da Casa Comum*” que envolve diversas entidades e na qual no deteremos na última parte deste Relatório.

É neste contexto económico, social e cultural que temos que lidar com o problema ecológico e convém tê-lo em conta, pois, como refere o Papa Francisco “não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social.”<sup>73</sup> Atravessamos tempos complexos, carregados de ambivalências e simultaneamente de potencialidades e é neste tempo, que é o nosso, que o Papa Francisco se pronuncia sobre um dos grandes problemas atuais, procurando aprofundar a reflexão desde a matriz cristã e apontar caminhos que somos chamados a percorrer com determinação e esperança.

---

<sup>72</sup> *Ibidem*, 18.

<sup>73</sup> *LS* 48.

## **2. Ecologia integral à luz dos relatos da criação**

A Bíblia, enquanto Palavra de Deus revelada, é sempre, para a comunidade crente, o fundamento sólido para toda e qualquer reflexão acerca da realidade que nos envolve. Nos livros Sagrados não se encontram muitos dos problemas sociais e éticos atuais, por exemplo, o problema ecológico, mas uma análise hermenêutica dos textos que, sem desrespeitar o seu sentido original, faça “falar a Bíblia”, superando o que nela é dito literalmente, permite extrair critérios fundamentais para uma leitura crente e profunda da realidade. É o que seguidamente nos propomos fazer, procurando iluminar e fundamentar a proposta de uma ecologia integral. Centraremos a atenção nas narrações da criação do livro do Génesis, as quais, como afirma o Papa Francisco, “contêm, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua realidade histórica”.<sup>74</sup>

### **2.1. Os dois relatos bíblicos da criação<sup>75</sup>**

Pertencendo nós a um contexto profundamente diferente e distanciado no tempo é fundamental uma aproximação ao contexto dos textos bíblicos, bem como perceber qual o seu género literário, pois, caso contrário, podemos incorrer em erros graves de interpretação, como aliás, são disso testemunha as erróneas interpretações feitas precisamente sobre os relatos da criação, gerando mal entendidos, uma distorcida imagem de Deus criador e do papel atribuído ao ser humano na criação, bem como bloqueios no diálogo entre fé e ciência. Questões estas que continuam a ser pertinentes, parecendo, ainda hoje, não estar completamente resolvidas.

Os três primeiros capítulos do Génesis inserem-se na unidade literária de Gn 1- 11. Estes onze capítulos formam um conjunto literário que aborda o tema das origens do mundo e da humanidade. Tratam-se de narrações que são fruto de uma “uma reflexão prolongada de Israel sobre os grandes problemas e os factos essenciais da humana existência (uma reflexão

---

<sup>74</sup> LS 66.

<sup>75</sup> Neste capítulo baseamo-nos na análise hermenêutica desenvolvida pelo biblista Armindo Vaz.

iluminada pela fé em Deus)”.<sup>76</sup> Ao contar as origens, remetendo-as a um tempo mítico primordial, Israel procura não só explicar o passado, mas também, e sobretudo, compreender-se melhor a si próprio, explicar o presente e o próprio futuro. É como se o que acontece depois se compreendesse melhor, vendo o que aconteceu ao princípio. Repare-se que a mentalidade do homem bíblico é substancialmente diferente da atual. Quando narra, não pretende descrever exatamente, factualmente, como aconteceram as coisas, mas sim encontrar o sentido da existência presente, o qual foi definido no princípio.

Nestes primeiros capítulos da Bíblia é estabelecida uma ponte entre a história das origens e a história de Israel enquanto povo eleito. Sobretudo em Gn 10 (tábua das nações) e na genealogia (Gn 11, 10-32), Abraão é ligado genealogicamente ao homem primordial e na sua descendência efetiva-se a primordial bênção divina. A bênção inicial repete-se depois do dilúvio, assim como o mandato de reproduzir-se e encher a terra (1,28; 9,1.7).<sup>77</sup> Verificamos, pois, que a história das origens está intimamente interligada à história salvífica de Israel, dando-lhe sentido.

Relativamente ao contexto, situamos ambos os relatos no Antigo Próximo Oriente, região onde viveu o povo bíblico. Na opinião de vários biblistas, entre eles Armindo Vaz, é proveitoso confrontá-los com outros textos de características semelhantes dessa mesma zona, pois, tal nos possibilita aceder a significações que de outra forma seriam difíceis de alcançar.<sup>78</sup> Ora, analisando os mitos de origem do Antigo Próximo Oriente, encontramos várias semelhanças entre eles e os relatos bíblicos da criação, sendo especialmente evidentes os pontos de contacto com os mitos de origem da Mesopotâmia, mas num contexto de fé monoteísta.<sup>79</sup> Além desta, verificam-se também outras influências de povos da região, tais como os Fenícios e os Egípcios, pois “as concepções cosmogónicas dos Fenícios substancialmente não se distinguem das dos

---

<sup>76</sup> A. VAZ, “A Bíblia e as origens” in *As origens da vida*, Semanas de Estudos Teológicos, Faculdade de Teologia, UCP, Rei dos Livros, Lisboa, 1997, 156.

<sup>77</sup> Cf. *Ibidem*, 101- 159.

<sup>78</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>79</sup> A. VAZ, *Em vez de «história de Adão e Eva»: o sentido último da vida projetado nas origens*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2011, 357- 358.

Mesopotâmios e acusam forte influência egípcia.”<sup>80</sup> Sem que deva causar-nos nenhuma estranheza, constatamos, então, que as características das narrações bíblicas da criação, são similares às dos relatos de origem do contexto cultural, literário e religioso em que nasceram, o qual se evidencia pela sua organização, lógica narrativa e finalidade e devem interpretar-se à luz destes outros relatos.

Percebemos à partida que as narrações do Génesis não são textos científicos e, portanto, ao contrário destes, não procuram descrever de forma objetiva e factual os começos do universo e da humanidade. Tal como essas outras narrações, também os relatos bíblicos são mitos de origem, este é o seu género literário, o qual é determinante à hora de interpretá-los. Repare-se que esta conclusão não os desautoriza, senão que contribui a que lhe reconheçamos o seu devido valor. O facto de não se tratar de uma narração historiográfica, não significa que o mito seja uma mera ficção, pelo contrário, “é uma forma de comunicar uma verdade.”<sup>81</sup> É uma forma de exprimir a fé, e, portanto, inseparável dessa dimensão religiosa, na qual é impossível olhar e entender o mundo e o ser humano sem uma profunda referência a Deus. Situamo-nos na ordem da procura de sentido e o mitógrafo encontra-o em Deus.<sup>82</sup> Assim, entendemos que “a do mito é a linguagem da fé e do profundo sentido das coisas”<sup>83</sup> e é como textos religiosos e antropológicos que estes relatos devem ser entendidos. Desta forma, o próprio mundo e suas coisas ganham significatividade. No caso concreto dos primeiros capítulos do Génesis, o seu autor procura “compreender em profundidade o sentido da vida humana e do mundo.”<sup>84</sup>

## **2.2. O primeiro relato da criação: Gn 1, 1- 2, 4a**

O texto do primeiro capítulo do Génesis é sóbrio, ritmado, litânico, esquemático, circular, com simetrias e paralelismos, mas também com ruturas, como recurso para transmitir a mensagem

---

<sup>80</sup> A. VAZ, “A Bíblia e as origens”, 107.

<sup>81</sup> A. Vaz, “Ecologia integral a partir de Gn1”, *Theologica* 51 (2016) 55.

<sup>82</sup> Cf. *Ibidem*, 66.

<sup>83</sup> *Ibidem*, 55.

<sup>84</sup> *Ibidem*.

pretendida. A narração inicia e termina praticamente com as mesmas palavras, o qual significa que forma uma unidade bem delimitada: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (1,1); “Esta é a história dos céus e da terra, quando foram criados” (2,4a).<sup>85</sup>

Armindo Vaz, relativamente à estrutura literária do texto, ressalta a sua estrutura simétrica: “os seres criados na segunda parte do corpo da narração correspondem simetricamente aos da primeira parte.”<sup>86</sup> O sol e a lua criados no 4º dia estão em paralelismo e orientados para a luz do dia e a escuridão da noite, criados no 1º dia; os peixes e as aves criados no 5º dia povoam aquilo que foi criado no 2º dia, as águas e o firmamento; os animais terrestres e o ser humano criados no 6º dia estão associados à terra e às plantas.<sup>87</sup> Esta simetria aparece de forma clara, colocando a primeira parte da narração em paralelismo com a segunda:

Primeira parte da narração	Segunda Parte da narração
1º Dia: “Deus disse: Haja luz... E Deus separou a <b>luz</b> e as <b>trevas</b> ...”	4º Dia: “Deus disse: Que haja <b>luzeiros</b> no firmamento do céu para separar o dia e a noite... Deus fez os <b>dois luzeiros maiores</b> : o grande luzeiro como poder do dia e o pequeno luzeiro como poder da noite...”
2º Dia: “Deus disse: Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das <b>águas</b> ... E Deus chamou ao firmamento <b>Céu</b> ...”	5º Dia: “Deus criou as grandes serpentes do mar e todos os <b>seres vivos</b> que rastejam e que fervilham <b>nas águas</b> segundo a sua espécie, e as <b>aves</b> aladas...”
3º Dia: “Deus disse: Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar e que apareça o continente, e assim se fez. Deus chamou ao continente <b>terra</b> ... Deus disse: Que a terra verdeje de verdura: ervas que deem semente e <b>árvores frutíferas</b> ...”	6º Dia: “Deus disse: Que a terra produza seres vivos segundo a sua espécie: <b>animais</b> domésticos, répteis e feras... Deus disse: Façamos o <b>homem</b> à nossa imagem, como nossa semelhança...”

<sup>85</sup> Cf. A. COUTO, *Pentateuco, caminho da vida agraciada*, Coleção de Estudos Teológicos, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, 212.

<sup>86</sup> A. Vaz, “Ecologia integral a partir de Gn1”, 58.

<sup>87</sup> Cf. *Ibidem*.

Esta estrutura simétrica da narração, na qual “as coisas criadas nos três últimos dias simbólicos preenchem os espaços criados nos três primeiros dias”<sup>88</sup>, permite-nos afirmar, sem trair o texto, que Génesis 1 aponta para uma “visão totalizante do mundo”<sup>89</sup>, favorecendo a compreensão das realidades criadas como interligadas, interdependentes e fazendo parte de um todo, sendo Deus o criador de tudo o que existe. O texto evoca uma harmonia e relação entre tudo o que foi criado, ressaltando a “interdependência e solidariedade global de todos os elementos da natureza.”<sup>90</sup> É-nos, desta forma, transmitida pelo autor bíblico uma ideia de totalidade e interligação que favorece a perspectiva de uma ecologia integral, “ao ligar e contemplar miticamente as coisas e o ser humano no ato da criação divina.”<sup>91</sup>

O relato orienta-se para a criação do ser humano. A linguagem altera-se, ganhando uma maior solenidade e contribuindo, assim, para acentuar a sua centralidade relativamente aos outros seres. É utilizado o plural, evocando a assembleia dos deuses: “Deus disse: **Façamos** o ser humano à **nossa** imagem” (1, 26). E só ele é “imagem e semelhança de Deus” (1, 26). Os outros seres são ordenados para ele, único ser inteligente, responsável, capaz de diálogo, de amar e reconhecer a beleza e sentido de toda a criação. Sublinha-se, pois, a dignidade do ser humano, homem e mulher, mas este, aparecendo como o mais importante, está em estreita relação com os outros seres, também eles abençoados por Deus. De facto, também sobre eles é pronunciada a aprovação divina; Armindo Vaz esclarece:

“O humano integra-se numa cadeia de seres: não por cima deles, mas como elo de ligação entre todos [...] É elo intermédio entre eles e Deus. Eles são o mundo do ser humano e são para ele. Mas aparecem em toda a sua autonomia e função própria.”<sup>92</sup>

---

<sup>88</sup> A. VAZ, “Espiritualidade bíblica da criação para uma ecologia integral: desafios da *Laudato Si*”, <http://casacomum.pt/wp-content/uploads/2018/03/EcologiaBiblia-Macau-pArmVaz.pdf>, 5 (Acedido a 21/05/2018).

<sup>89</sup> A. Vaz, “Ecologia integral a partir de Gn1”, 54.

<sup>90</sup> *Ibidem*, 57.

<sup>91</sup> *Ibidem*, 62.

<sup>92</sup> A. VAZ, “Espiritualidade bíblica da criação para uma ecologia integral: desafios da *Laudato Si*”, 10.

Centramo-nos agora no versículo 28, talvez aquele cuja interpretação tem gerado mais polémica, particularmente nos temas relacionados com ecologia: “E Deus abençoou-os e disse-lhes: crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam pela terra.”

Interpretado à luz das coordenadas mentais próprias do nosso tempo, tão marcadas por uma visão utilitarista, instrumental e pragmática do mundo e suas coisas, este versículo pode ter propiciado uma forma meramente utilitária de entender e relacionar-se com a natureza, concebendo-a quase como um “armazém de recursos” ao dispor e em função exclusiva das necessidades do ser humano. Uma vez mais, constatamos a necessidade de uma interpretação que tenha em conta a mentalidade e contexto da época na qual a narração foi escrita, uma sociedade agrária, onde “a indicação para exercer «domínio» sobre os seres da terra funcionava como aval divino para cultivar a natureza, vista como criada, e para- com a fertilidade da terra- manter de forma sustentável a vida, humana e não humana.”<sup>93</sup> Longe, pois, estava o hagiógrafo de, com este mandato, oferecer uma legitimação para todas as formas de abuso e exploração que nos últimos tempos temos vindo a exercer sobre a nossa casa comum.

O Papa Francisco na encíclica *Laudato Si`* reconhece que esta má interpretação possa efetivamente ter acontecido e rejeita-a de forma categórica:

“Foi dito que a narração do Génesis, que convida a «dominar» a terra (cf. Gn 1, 28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretámos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do facto de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas.”<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> *Ibidem*, 8-9.

<sup>94</sup> *LS* 67.



O “domínio” é preciso entendê-lo como cuidado do mundo e não como um mandato que confere ao homem o direito de explorar a terra como senhor despótico. Trata-se, antes, de se “tornar servidor e colaborador do Senhor do céu e da terra, isto é, com- criador [...]”.<sup>95</sup> Deus ao criar manifesta o seu amor, logo, sendo o homem criado à sua imagem e semelhança, está chamado a ser como esse Deus de amor e não de domínio e poder autoritário. Armindo Vaz explicita bem o sentido deste versículo 28:

“É uma forma de interpretar a sua missão funcional e o lugar de primazia que ocupa entre os seres [...] Dizer ser humano *criado* como o resto do mundo inscreve nele uma limitação ao seu eventual afã de domínio descontrolado e de exploração desordenada. A *relação de domínio* que Gn1, 26-31 atribui ao ser humano relativamente aos animais e à natureza é de convivência e reconhecimento do valor intrínseco dela [...] O «dominai» aparece como Palavra de Deus criadora, portanto *performativa*: realiza o que significa, inspira ao homem e à mulher a vocação de humanizarem o cosmo com sabedoria e de não abusarem dele como exploradores.”<sup>96</sup>

Podemos, pois, concluir que no relato bíblico e em concreto no versículo 28, Deus não incita o ser humano a submeter e explorar a terra e os restantes seres vivos, mas sim a responsabilizar-se pelos restantes seres da criação, cuidando deles de forma pacífica e afável.

A obra da criação recebe o seu acabamento com “o sétimo dia” (2, 2.3). António Couto chama a atenção para o facto da referência a este sétimo dia aparecer sempre com artigo, sendo além disso, referido três vezes (2, 2a.2b.3a), como que a vincar a sua importância, de tal modo que toda a criação parece estar “voltada para este dia, marcado pelos verbos «descansar» (*shabat*), «abençoar» (*barak*) e «santificar» (*qadash*), também patentes no mandamento acerca do sábado.”<sup>97</sup>

O sétimo dia aparece como dia de “um duplo repouso: de Deus, que suspende a sua criação para a entregar ao homem; do homem, que é interpelado a suspender o determinismo do seu ser

---

<sup>95</sup> A. COUTO, *Pentateuco, caminho da vida agraciada*, 221.

<sup>96</sup> A. Vaz, “Ecologia integral a partir de Gn1”, 60.

<sup>97</sup> A. COUTO, *Pentateuco, caminho da vida agraciada*, 224.

de necessidade para se tornar com-criador.”<sup>98</sup> É, assim, atribuído sentido ao descanso sabático, tempo privilegiado para louvar o Criador e contemplar e cuidar a sua criação, sentido este que hoje em dia temos perdido tanto. De notar ainda, como nos recorda a *Laudato Si`* no número 68, que o descanso sabático não é proposto apenas para o ser humano, mas também para as restantes criaturas, para o boi e para o jumento (Ex 23, 12), o qual torna evidente que a Bíblia não propõe um antropocentrismo exagerado. São iluminadoras as palavras do economista cristão Luigini Bruni:

“A lei do sétimo dia diz-nos que os animais, a terra, a natureza, não têm valor apenas em relação a nós, humanos. Valem também em si mesmos. A terra e o lago devem ser respeitados, e, portanto, devemos deixá-los repousar fora do nosso império e do nosso instinto possessivo. Não só porque os seus frutos serão, assim, mais sãos e melhores para nós. Devem ser respeitados pelo seu valor intrínseco e pela sua dignidade, que deveríamos reconhecer e não ultrajar [...].”<sup>99</sup>

Podemos concluir que Génesis 1, ao apresentar o ser humano com uma dignidade superior ao resto da criação, não lhe confere, de nenhum modo, o direito a explorá-la ou usá-la de forma abusiva; pelo contrário, criado à imagem e semelhança de Deus, o ser humano é o seu representante, devendo zelar por todos e cada um dos seres e elementos por Ele criados. Como referem os bispos de América Latina num documento recente no qual procuram discernir a realidade à luz da *LS*, “a sua missão é governar a natureza, fazendo presente o poder de Deus, quer dizer, servindo, cuidando, respeitando, sarando, através do respeito das leis que o Criador inscreveu na sua criação (cf. Prov 3,19).”<sup>100</sup>

---

<sup>98</sup> *Ibidem*, 224.

<sup>99</sup> L. BRUNI, *À procura de novas palavras para uma economia humana*, Cidade Nova, Abrigada, 2017, 91- 92.

<sup>100</sup> Carta Pastoral del Consejo Episcopal Latinoamericano (CELAM), *Discípulos misioneros custódios de la casa común, discernimiento a la luz de la encíclica Laudato Si`*, <http://iglesiasymineria.org/wp-content/uploads/2018/03/CARTA-PASTORAL-CELAM-2018.pdf>, 65 (Acedido em 05 de maio de 2018).

### 2.3. O segundo relato da criação: Gn 2, 4b- 3, 24

O segundo relato da criação põe o seu foco na origem do ser humano (Gn 2,7), deixando para um plano secundário a criação dos restantes seres e elementos da natureza. A humanidade é criada por Deus do pó da terra, sendo por Ele modelada. Uma imagem que já se encontra nos mitos mesopotâmicos, nomeadamente no *Enuma Elish* e no poema de *Atra-hasis*, contudo, detetam-se diferenças significativas, como dá conta António Couto:

“Nestes textos mitológicos, porém, e bem ao contrário do que sucede no Génesis, a argila é amassada juntamente com o sangue e os restos dos principais deuses maus (Kingu no *Enuma Elish*, Wê-ila no *Atra-hasis*), aliados de Tiamat. A criação da humanidade surge assim como uma necessidade de os deuses limparem o mal do seu seio. A humanidade é má por natureza (mal natural e não mal moral), porque criada com os restos de deuses maus. A humanidade não é senão o mal varrido da esfera divina [...].”<sup>101</sup>

No relato do Génesis o ser humano não surge por necessidade, mas por graça e liberdade. Não é um ser mau por natureza, mas bom e próximo de Deus, no qual Ele insufla o seu próprio sopro de vida (2, 7). Há pois, uma visão antropológica e ontológica positiva, que distingue o relato bíblico de outras narrações do Próximo Oriente.

Na descrição da origem do ser humano o autor bíblico recorre a um jogo de palavras, ao qual a exegese atribui um profundo significado: o *Adam* tem origem na *adamah*. Como explicita Armindo Vaz referindo-se a esse jogo de palavras:

“Serve ao narrador para pôr organicamente o «homem» em conexão fonética e etimológica com o «solo cultivável», qual matriz geradora e para o fazer depender dele, de forma articulada e complexa a vários níveis (literários e sonoros) e em várias relações, agarradas de forma coesa a vários pontos da narração: numa relação de origem- proveniência (2,7), de finalidade (para cultivar o solo e [...] se alimentar a partir dela: 2,5. 15; 3, 17- 18, 23) e de destino (até a ela voltar: 3, 19).”<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> A. COUTO, *Pentateuco, caminho da vida agraciada*, 226- 227.

<sup>102</sup> A. VAZ, *Em vez de «história de Adão e Eva»: o sentido último da vida projetado nas origens*, 86.

Desta forma o mitógrafo explicita a fundamental relação do homem com o seu ambiente, uma relação que aparece não como optativa, mas nuclear, da qual não pode prescindir para a sua própria sobrevivência.

No versículo 15 do capítulo 2 o narrador especifica que o homem é colocado no jardim do Éden para o “cultivar e guardar”, ficando claro o convite não apenas a retirar dele o que necessita para a sua sobrevivência, mas também a zelar responsavelmente por tudo o que nele existe. A *Laudato Si* esclarece, que “enquanto «cultivar» quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, «guardar» significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza.”<sup>103</sup> Assim, ao ser humano, é-lhe reconhecida a sua ascendência sobre as restantes criaturas, mas não lhe é de modo algum conferido o poder de governar despoticamente sobre elas, sendo-lhe sim atribuída a função de cuidá-las com esmero e responsabilidade.

Em Gn 2, 19 Deus modela os animais do solo e leva-os ao homem para que lhes dê nome. Embora partindo da mesma origem, este não se identifica com os animais, distinguindo-se daquilo que nomeia, isto é, não se reconhece neles. É de notar que lhes dá nome, mas não entra em comunicação com eles. É só em Gn 2, 23, com a criação da mulher, que “se ouve por primeira vez a voz humana no cenário da criação [...] Apareceu a mulher e adveio ao homem a palavra”.<sup>104</sup> São versículos que sublinham a especial dignidade do ser humano, homem e mulher, a qual também hoje devemos legitimamente reconhecer, de modo a não cair num biocentrismo redutor e desadequado inclusivamente para responder à crise ecológica que atravessamos.

Tendo em conta o exposto, percebemos que a meditação dos relatos bíblicos “torna-nos mais conscientes de quem somos e da nossa intrínseca ligação à terra.”<sup>105</sup> Longe de favorecer um

---

<sup>103</sup> LS 67.

<sup>104</sup> A. COUTO, *Pentateuco, caminho da vida agraciada*, 238- 239.

<sup>105</sup> A. Vaz, “Ecologia integral a partir de Gn1”, 67.

antropocentrismo despótico, impulsam-nos, como pessoas humanas, a assumir a responsabilidade que nos é confiada pelo próprio Deus de cuidar da nossa casa comum. Em palavras de Armindo Vaz:

“[Se a fé bíblica] confessa um Deus (Senhor) do mundo, é lógico procurar um mundo de Deus e tratá-lo com desvelo, como sendo de Deus e como o próprio Deus o trataria. Se o mito vê tudo o que existe como tendo origem em Deus, põe-lhe o selo de «respeitável» e o pedido de «tratar com cuidado».”<sup>106</sup>

Para a pessoa humano a ligação à terra, habitar o mundo criado não é uma opção, senão que faz parte daquilo que é por essência, pois, não pode não o habitar, não pode deixar de estar profundamente interligado com todos os elementos e seres criados e é esta verdade que nos recordam os textos bíblicos da criação. Sugerem-nos, como bem salienta o Papa Francisco, que “a existência humana se baseia em três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra.”<sup>107</sup> Uma terra que, como claramente evidenciam os relatos do Génesis, “existe antes de nós e foi-nos dada”<sup>108</sup> para ser casa comum, casa onde a vida de todos seja possível, potenciada e cuidada.

Concluímos, pois, que se evidencia a pertinência dos relatos bíblicos da criação na fundamentação de uma ecologia integral, categoria que seguidamente procuraremos apresentar nas suas diferentes dimensões à luz da encíclica *Laudato Si`*.

### **3. A categoria “*Ecologia Integral*” na *Laudato Si`*: uma visão holística**

#### **3.1. A Encíclica *Laudato Si`*: principais eixos**

A encíclica *Laudato Si`* faz parte do Magistério Social da Igreja, tal como se explicita no seu número 15. Dedicado ao tema ecológico, trata-se de um documento em absoluta sintonia com

---

<sup>106</sup> *Ibidem*, 66.

<sup>107</sup> *LS* 66.

<sup>108</sup> *LS* 67.

o Magistério do Papa Francisco, reconhecendo-se nele temas centrais do seu pontificado. O seu pensamento sobre a questão ecológica aparece em total coerência com o seu pensamento social, económico, político, antropológico, teológico ou filosófico. A própria reflexão sobre a Igreja e a forma como esta deve situar-se no mundo, uma “Igreja em saída”<sup>109</sup>, capaz de proximidade e diálogo, evitando qualquer tipo de autorreferencialidade, uma Igreja pobre e com os pobres, permeia toda a encíclica.

Apresenta, como veremos mais adiante, uma visão ampla da problemática ecológica, vinculando-a estritamente com a realidade social, sendo os pobres e as consequências por eles padecidas com as mudanças climáticas, uma das preocupações centrais do documento. Esta opção preferencial pelos mais carenciados é efetivamente uma marca do seu pontificado, o qual parece ter sido profeticamente solicitado pelo cardeal Cláudio Hummes, arcebispo emérito de São Paulo, quando no momento da sua eleição lhe pediu que não se esquecesse dos pobres.<sup>110</sup> E efetivamente assim tem ocorrido, sem que seja diferente neste documento.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), documento programático do seu pontificado, a preocupação com os excluídos e a rejeição de uma economia que não faz senão aumentar o seu número, uma “economia que mata”<sup>111</sup> leva o Papa Francisco a expressar com veemência um “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social.”<sup>112</sup> Além disso, verificamos que nas suas homilias, mensagens, documentos, assim como nos seus gestos, viagens e visitas, há uma clara opção pelos mais pobres, os mais doentes, os menos capazes, os mais pequeninos. E é também nestas mesmas coordenadas que é colocada a questão ecológica:

---

<sup>109</sup> Cf. PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, Paulinas, Prior Velho, 2013, 20. De futuro passarei a citar por EG.

<sup>110</sup> Cf. [http://snpcultura.org/cardeal\\_que\\_pedi\\_u\\_ao\\_papa\\_para\\_nao\\_se\\_esquecer\\_dos\\_pobres\\_fala\\_quatro\\_anos\\_pontificado.html](http://snpcultura.org/cardeal_que_pedi_u_ao_papa_para_nao_se_esquecer_dos_pobres_fala_quatro_anos_pontificado.html) (Acedido a 13 junho 2018).

<sup>111</sup> Cf. EG 53.

<sup>112</sup> EG 53.

“toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos.”<sup>113</sup>

Esta permanente referência e preocupação pelos pobres para alguns autores “constitui o aspeto mais original da encíclica: «unir o grito da terra e o grito dos pobres»”.<sup>114</sup> Estes são, pois, apresentados como as principais vítimas da crise ecológica atual: “a deterioração do meio ambiente e da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta.”<sup>115</sup> Nesta mesma linha as enormes desigualdades aparecem igualmente vinculadas ao problema ambiental. A ação depredadora dos países desenvolvidos tem consequências terríveis para todos, mas mais diretamente para os habitantes dos países em desenvolvimento. O Papa alerta para o facto de haver “uma verdadeira «dívida ecológica», particularmente entre o Norte e o Sul.”<sup>116</sup>

A Encíclica *Laudato Si`* consta de 246 números, estruturando-se em seis capítulos e uma introdução (LS 1- 16):

Cap. I: aborda os principais sintomas da crise ecológica. Trata-se de um “ver” que apreende a realidade desde os dados da ciência, mas agudiza o olhar, tornando-o mais profundo ao captar essa mesma realidade de uma forma filosófica e sobretudo contemplativa, assente na fé.

Cap. II: justifica o contributo que a fé cristã pode oferecer no âmbito da problemática ecológica, destacando a sabedoria contida nas narrações bíblicas, as quais constituem a fonte a partir da qual se constitui o pensamento cristão sobre as realidades criadas.

Cap. III: após ter exposto os sintomas da crise e a perspectiva cristã sobre a criação, debruça-se sobre as raízes dessa crise, procurando ir ao fundo da questão, sem se deter num olhar

---

<sup>113</sup> LS 93.

<sup>114</sup> J. SANCHEZ- ROMERO, M. ARROYO, “La teología de la encíclica *Laudato Si`*”, in A. GALINDO (coord.), *Loado seas mi Señor y Ecología integral, Comentarios a la encíclica Laudato Si` del Papa Francisco*, Universidad pontificia de Salamanca, Salamanca, 2016, 55.

<sup>115</sup> LS 48.

<sup>116</sup> LS 51.

superficial que apenas vê o que está à vista, isto é, os sintomas. Um desejo que advém não apenas de querer apreender a realidade na sua complexidade para poder aportar soluções válidas, mas também e sobretudo, da exigência de uma fé que pede discernir os acontecimentos à luz do Evangelho de Jesus Cristo.

Cap. IV: propõe uma ecologia integral, a qual integra diferentes dimensões interligadas entre si: ecologia ambiental, económica e social, cultural e ecologia da vida quotidiana.

Cap. V: oferece algumas linhas de orientação e ação. Propõe o diálogo entre os vários estamentos políticos (internacional, nacional, local), entre política, economia, religião e ciência.

Cap. VI: Sublinha a importância de uma educação e espiritualidade ecológicas.

Desde o início, e sobretudo em *LS 16*, o último número da introdução, o Papa faz questão de explicitar os eixos que percorrem toda a encíclica. Pela sua clareza, vale a pena citá-los:

- A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta.
- A convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo.
- A crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia.
- O convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso.
- O valor próprio de cada criatura e o sentido humano da ecologia.
- A necessidade de debates sinceros e honestos.
- A grave responsabilidade da política internacional e local.
- A cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida.

Assomam, pois, desde o princípio, os acentos que caracterizarão todo o documento e que poderíamos resumir na íntima relação entre o problema ambiental e a injustiça socioeconómica; a interligação entre todas as coisas; a necessidade de superar um desajustado paradigma



tecnocrático e antropocêntrico e a proposta de uma ecologia integral, que envolve diferentes estamentos, desde o quotidiano ao nível internacional, no contexto de um necessário cuidado da nossa casa comum.

A encíclica assume um estilo direto, concreto, não se perdendo em complicadas abstrações ou teorias, bem ao modo a que o atual Papa já nos habituou. Sem simplismos, nem falsos otimismo, tem um objetivo claramente positivo: “unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar.”<sup>117</sup>

O seu tom é de esperança, ficando patente em vários momentos que “sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas.”<sup>118</sup> E o tom de um documento é importante, pois, como menciona Sinivaldo Tavares, frade franciscano, recorrendo ao pensamento de Paul Ricoeur:

“O tom é dimensão constitutiva do conteúdo de um texto e, portanto, de fundamental importância para a compreensão de seu sentido. Em suma, o tom de um texto seria aquilo que o anima, uma espécie de hálito vivificador.”<sup>119</sup>

É, pois, de destacar, além do seu conteúdo, este tom esperançoso da *LS*, o qual não compromete a consciência explícita da grave situação ecológica atual e uma atitude crítica ante os sintomas e as raízes da mesma, tão claramente assinaladas no documento pontifício. A denúncia de diferentes elementos constitutivos da sociedade e cultura modernas, os quais não são alheios à crise ecológica e social que hoje padecemos, é igualmente explícita. Sabemos que nem sempre é fácil conjugar esperança e crítica, mas Francisco consegue-o, combinando “textos extremamente críticos em relação à presente situação com textos de bela poesia”.<sup>120</sup> Quiçá aqui resida parte importante da sua força e caráter interpelador, uma vez que tem a capacidade de

---

<sup>117</sup> *LS* 13.

<sup>118</sup> *LS* 61.

<sup>119</sup> S. TAVARES, “Evangelho da criação e ecologia integral: uma primeira receção da *Laudato Si*”, *Perspectiva Teológica* 48 (2016) 61.

<sup>120</sup> *Ibidem*, 61.

despertar-nos para a beleza da criação e simultaneamente interpelar-nos ante a grave situação da mesma. É, assim, um documento que convida à reflexão, à ação e à esperança ou como diz Isabel Varanda “é um manifesto de «vida boa» para todas as criaturas. É um manifesto de não resignação e de não passividade. É um manifesto de responsabilidade [...]”<sup>121</sup>

A problemática ecológica não é nova na Doutrina Social da Igreja e a *LS* recolhe o pensamento pontifício sobre esta questão disperso em diferentes documentos de diferente valor doutrinal. A esta problemática foi-lhe dada uma particular atenção por parte dos últimos dois pontífices, João Paulo II e Bento XVI. São João Paulo II abordou o tema de forma clara na Mensagem do dia mundial da Paz de 1990, intitulada “Paz com Deus Criador, paz com toda a Criação”. Nela é interessante verificar como a questão ecológica aparece já vinculada ao problema da pobreza, afirmando-se que “não se obterá nunca o justo equilíbrio ecológico, se não forem primeiro enfrentadas diretamente as formas estruturais de pobreza existentes no mundo.”<sup>122</sup> De igual modo, chama também a atenção para a necessidade de olhar para a crise ecológica de modo abrangente, sendo claramente insuficiente reduzir o problema a questões técnicas, uma vez que o mesmo manifesta uma crise moral e só atendendo a essa dimensão se poderão encontrar soluções sólidas.<sup>123</sup>

O Papa Bento XVI na carta encíclica *Caritas in Veritate* (CV) muito enriquece o pensamento social da Igreja, alertando para a necessidade de uma caridade que assenta na verdade e que é o princípio fundamental não só das microrelações, mas também das macrorelações,<sup>124</sup> isto é, das que dizem respeito à *res* pública. Uma caridade que supera a justiça, mas que não existe nunca sem ela.<sup>125</sup> Neste documento recorda que o ambiente natural “foi dado por Deus a todos,

---

<sup>121</sup> I. VARANDA, “Laudato Si. «Não Somos Deus. A Terra Existe Antes De Nós E Foi-Nos Dada» (Ls §67)”, 37.

<sup>122</sup> PAPA JOÃO PAULO II, *Mensagem para o dia mundial da Paz, Paz com Deus Criador, paz com toda a Criação*, 1 janeiro 1990, [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19891208\\_xxiii-world-day-for-peace.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html), 11 (Acedido a 13 de junho de 2018) .

<sup>123</sup> Cf. *Ibidem* 6- 9.

<sup>124</sup> Cf. PAPA BENTO XVI, *Caridade na Verdade*, Paulinas, Prior Velho, 2009, 2-3. Futuramente passarei a citar por CV.

<sup>125</sup> Cf. CV 6.

constituindo o seu uso uma responsabilidade que temos para com os mais pobres, as gerações futuras e a humanidade inteira.”<sup>126</sup> E numa linha que vemos agora desenvolvida pelo Papa Francisco, alertava, já há uns anos atrás, que “os deveres que temos para com o meio ambiente estão ligados com os deveres que temos para com a pessoa considerada em si mesma e em relação com os outros; não se podem exigir uns e espezinhar os outros.”<sup>127</sup> O reconhecimento desta realidade, insiste Bento VI, “chama a sociedade atual a uma séria revisão do seu estilo de vida [...] É necessária uma real mudança de mentalidade que nos induza a adotar novos estilos de vida [...]”<sup>128</sup>, algo a que com tanta veemência somos convidados na *LS*.

Sem que possamos, pois, ignorar o pensamento do Magistério anterior, o qual certamente motivou a reflexão do atual Pontífice, não podemos por outro lado deixar de reconhecer na *LS* a primeira encíclica dedicada por inteiro ao tema ecológico e também o primeiro documento em que este se desenvolve e é refletido de forma sistemática por parte de um Papa. Além disso, fá-lo desde uma perspetiva nova, introduzindo a categoria de ecologia integral.

Os bispos de América Latina pronunciam-se da seguinte forma em relação à encíclica:

“Com este importante documento o Sumo Pontífice continua desenvolvendo a Doutrina Social da Igreja, enriquecendo-a com um olhar desde a ecologia integral, que involucra aspetos ambientais. Às relações fundamentais com Deus, conosco próprios e com o próximo acrescenta a relação com o entorno [...]”<sup>129</sup>

O estilo de comunicação próximo, com uma enorme capacidade de empatia próprio do atual Pontífice, permite ao leitor captar algo mais que frias constatações ou dados objetivos acerca da situação ambiental e social que vivemos. O Papa capta, por detrás dos dados, o enorme sofrimento de muitos pobres e da própria terra e assim o consegue transmitir. Leonardo Boff

---

<sup>126</sup> CV 48.

<sup>127</sup> CV 51.

<sup>128</sup> CV 51.

<sup>129</sup> Carta Pastoral del Consejo Episcopal Latinoamericano (CELAM), *Discípulos misioneros custódios de la casa común, discernimento a la luz de la encíclica Laudato Si'*, 24.

destaca que Francisco “lê os dados afetivamente (com inteligência sensível ou cordial) [...]”<sup>130</sup>, o qual enriquece e impregna de vitalidade a própria informação acerca da realidade.

Este autor, que há anos pensa e escreve sobre o tema, considera que “é a primeira vez que um Papa aborda o tema da ecologia no sentido de uma ecologia integral (portanto, para além da ecologia ambiental) de forma tão completa.”<sup>131</sup> Também Isabel Varanda reconhece que este documento constitui “um marco singular e daqui para a frente incontornável no Magistério Social da Igreja e nas agendas mundiais e locais: políticas, ecológicas, culturais, sociais e pessoais.”<sup>132</sup>

A encíclica *LS*, inserindo-se, pois, como já anteriormente foi referido, na DSI e sublinhando os seus principais valores e princípios, introduz, contudo, um outro princípio, que talvez possamos considerar um contributo específico deste Pontífice: o princípio da comunhão universal, da interligação entre tudo e todos, conferindo unidade à realidade. Um princípio que permeia a totalidade do documento, apresentando-se especialmente nos números 89- 92 e que enriquece enormemente a reflexão ecológica, conferindo-lhe um carácter integral. Assim o entende António Martins:

“Inserir a compreensão da ecologia numa dimensão sistémica e relacional constitui a grande inovação trazida pela encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si'*, que o distingue dos anteriores Papas e inaugura uma nova compreensão na doutrina social da Igreja. Esta compreensão ecológica, sistémica e relacional apresenta uma inteira compatibilidade com a conceção cristã de criação enquanto acontecimento trinitário e relacional [...]”<sup>133</sup>

---

<sup>130</sup> L. BOFF, “La Magna Charta de la ecologia integral: el grito de la tierra y el grito de los pobres”, in L. BOFF, A. ZANOTELLI, G. GIRAUD, C. GIACARDI, M. MAGATTI, G. COSTA, *Cuidar de la madre tierra, comentário a la encíclica Laudato Si'*, San Pablo, Madrid, 2015, 5.

<sup>131</sup> *Ibidem*, 5.

<sup>132</sup> I. VARANDA, “Laudato Si. «Não Somos Deus. A Terra Existe Antes De Nós E Foi-Nos Dada» (Ls §67)”, 37.

<sup>133</sup> A. MARTINS, “Para uma ecologia integral- Acentuações de *Laudato Si'*”, in J. PINHO (Coord.), *Eu vim para que tenham vida, A vida que brota de Deus no acontecer da História*, Coleção Fátima Estudos, Volume 10, Santuário de Fátima, 2017, 176.

A seriedade e ênfase com que é abordada a questão ecológica e introduzida plenamente no pensamento social da Igreja, leva-nos a perceber que a partir de agora a ecologia não pode constituir para a comunidade cristã uma moda passageira. O jesuíta Tatay Nieto, pronuncia-se da seguinte forma:

“Responde em profundidade a uma revolução interna no que se refere a uma nova toma de consciência, de re-contextualização do pensamento social católico e de ampliação de miras para a *praxis* eclesial. Francisco parte da centenária e fecunda tradição da Doutrina Social da Igreja para ampliá-la e inserir nela a preocupação pela sustentabilidade [...]”<sup>134</sup>

O documento surge num momento particularmente pertinente em que somos obrigados a reconhecer o elevado estado de degradação do planeta, cujas consequências já padecemos em larga escala e padecem sobretudo, tal como alerta o Papa, os mais pobres e as zonas mais empobrecidas do mundo. Talvez por isso, e pela riqueza do documento em si, há quem afirme que “trata-se sem dúvida do documento do magistério mais importante da Igreja Católica desde o Concílio Vaticano II até hoje.”<sup>135</sup>

Há na *LS* um convite a adotar um enfoque pluridimensional, propondo um diálogo interdisciplinar e a diferentes escalas sobre a nossa casa comum, como meio de encontrar soluções globais e efetivas aos complexos e graves problemas existentes. Apela a uma visão ampla, que não se deixe aprisionar por questões pequenas e limitadas, sempre capaz de reconhecer e procurar um bem maior. Um diálogo amplo é, pois, apresentado como o caminho para fazer frente à atual situação do planeta, uma vez que a realidade é complexa e tudo está interligado, sendo imprescindível contar com diferentes perspetivas para encontrar caminhos e soluções viáveis e eficazes. A realidade não é “parcelada”, mas um todo, que pede a confluência

---

<sup>134</sup>J. TATAY NIETO, “De la cuestión social a la cuestión socio- ambiental, Implicaciones de *Laudato Si`* para la DSI”, in H. SANZ (ed.), *Cuidar de la tierra, cuidar de los pobres, Laudato Si` desde la teología y con la ciencia*, Sal Terrae, Cantabria, 2015, 169.

<sup>135</sup>G. GIRAUD, “*Laudato Si`*: Un llamamiento decisivo”, in L. BOFF, A. ZANOTELLI, G. GIRAUD, C. GIACARDI, M. MAGATTI, G. COSTA, *Cuidar de la madre tierra, comentário a la encíclica Laudato Si`*, San Pablo, Madrid, 2015, 31-32.

de vários saberes. É neste contexto que encontramos um impulso claro ao diálogo entre ciência e fé.

Não podemos prescindir das ciências naturais e técnicas, assim como não podemos dispensar as ciências sociais e tampouco a filosofia e a teologia. Todos estes âmbitos do saber, sem confundir-se, são importantes para aceder a um conhecimento mais profundo e integral da realidade. Para se poder avançar na procura de um conhecimento comprometido com o bem comum requer-se, portanto, muita investigação científica e técnica, mas requer-se igualmente muita reflexão filosófica, ética e teológica. Como sublinha Isabel Varanda “o ser humano não se contenta com o quê da vida; busca o porquê. Por isso, a investigação sobre o que é a vida e o que é o mundo sempre esteve, e está cada vez mais, ligada à interrogação sobre o que significa a vida e o que significa o mundo.”<sup>136</sup> O próprio documento é expressão de um diálogo fecundo, tendo Francisco a preocupação de recolher citações dos seus predecessores, mas também de diferentes conferências episcopais, de pensadores católicos e não católicos e especialistas em diferentes áreas. Por este e outros motivos considera Isabel Varanda que se trata de um documento democrático:

“É uma encíclica democrática também no apelo à ação, que dirige a todos os cidadãos do mundo e na confiança que expressa na sua capacidade. Toda a família humana é chamada a uma nova consciência e a uma solidariedade mais profunda em favor do ambiente. Porque a questão ecológica diz respeito a todos, afeta a todos e solicita todos para uma tomada de consciência prática daquilo que, como indivíduo e como comunidade, me é devido fazer, me é possível fazer e decido fazer [...] na medida em que dá voz à criação.”<sup>137</sup>

Seguidamente aprofundaremos a visão holística da categoria ecologia integral presente na *LS* e já aqui mencionada.

---

<sup>136</sup> I. VARANDA, “A ecologia como chave hermenêutica da criação e da evolução”, *Theologica* 45 (2010) 460.

<sup>137</sup> I. VARANDA, “Laudato Si. «Não Somos Deus. A Terra Existe Antes De Nós E Foi-Nos Dada» (Ls §67)”, 39.

### 3.2. Uma visão holística

No capítulo IV da encíclica *Laudato Si`* o Papa desenvolve explicitamente o tema da ecologia integral. Preside a esta categoria a ideia de que tudo está relacionado, de que todas as realidades se interpenetram e influenciam reciprocamente e daí a importância de ter uma visão ampla e global da realidade. Supera-se uma visão composta por realidades estanques e separadas entre si. O que acontece num sítio, num determinado âmbito ambiental ou social influi, de forma mais ou menos direta, noutros âmbitos ambientais e sociais.

Uma vez entendida a realidade como um todo complexo, constituída por múltiplos aspetos intimamente relacionados, o Papa propõe uma ecologia integral, que vai mais além da dimensão ambiental à qual estamos habituados, envolvendo, além desse, muitos outros campos: económico, social, cultural, espiritual e também a vida quotidiana. Demarca-se, pois, de uma visão redutora, estritamente preocupada com a questão ambiental, não podendo por isso considerar-se a *LS* como sendo exclusivamente uma «encíclica verde». Assim o expressa Leonardo Boff:

“O documento pontifício, o primeiro do Magistério a assumir uma visão sistémica, holística e integral, não se trata, como erroneamente se disse, de uma encíclica verde. Tem a ver com uma ecologia integral que aborda de forma articulada e sempre interdependente o ambiental com o social, com o mental, com o cultural, com o quotidiano e com o espiritual.”<sup>138</sup>

A questão ecológica é, então, apresentada com um carácter abrangente, interpretando-se de uma forma holística, associada aos grandes problemas de fundo da humanidade, tais como a injustiça, as desigualdades, a ambição desmedida e a falta de solidariedade: “não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social.”<sup>139</sup>

---

<sup>138</sup> L. BOFF, “O desafio ecológico à luz da *Laudato Si`* e da COP21 de Paris”, Revista Eclesiástica Brasileira (REB)- Ecoteologia 76, 301 (2016) 29.

<sup>139</sup> *LS* 48.

Tendo como pilar a interligação de todos os elementos da realidade, podemos enunciar como principais traços deste novo paradigma:<sup>140</sup>

- A necessidade de integrar e articular tanto a relação da pessoa com Deus, como consigo própria, com os outros seres humanos e com a criação no seu conjunto.
- A solução para os problemas de fundo da humanidade não se encontra em respostas urgentes e parciais, requerendo-se todo um novo pensamento, paradigma socio- económico, estilo de vida e espiritualidade.
- A ciência e a técnica necessitam ser eticamente orientadas, uma vez que não é certa a sua neutralidade axiológica, senão que, como diz Caamaño López, “ditos meios estão vinculados a um determinado sentido do mundo e do ser humano [...] A técnica necessita a ética”<sup>141</sup>. Importa, pois, que todo este progresso seja posto ao serviço de um desenvolvimento integral e sustentável e sobretudo ao serviço de quem mais precisa.
- Necessidade de uma adequada antropologia, sendo denunciado o antropocentrismo moderno. Sem retirar a centralidade da pessoa humana, a ecologia integral reclama, contudo, o respeito e o valor intrínseco de todos os seres criados e não apenas o seu valor instrumental.
- A estreita vinculação entre as questões ambientais e sociais, sendo o acento colocado na justiça social e na opção pelos pobres.
- Necessidade de uma conversão ecológica, a qual implica uma mudança no estilo de vida e nas instituições da sociedade. Afeta, pois, a vida quotidiana e as pequenas decisões do dia-a-dia, requerendo-se uma transformação pessoal e de hábitos.

---

<sup>140</sup> Cf. J. CAAMAÑO LÓPEZ, “La encíclica *Laudato Si`* y la teología moral”, in H. SANZ (ed.), *Cuidar de la tierra, cuidar de los pobres, Laudato Si` desde la teología y con la ciencia*, Sal Terrae, Cantabria, 2015, 141- 168.

<sup>141</sup> *Ibidem*, 158.



- Importância de uma educação que favoreça comportamentos responsáveis e contribua para criar uma espécie de “cidadania ecológica”. Como diz Caamaño López:

“Uma educação que dê prioridade ao desenvolvimento de virtudes e horizontes de referência que deem sentido a tudo quanto fazemos, virtudes que nos tirem da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade, para abrir-nos aos outros e ao meio ambiente; que nos façam ver e considerar responsabilmente o impacto das nossas ações fora de nós próprios.”<sup>142</sup>

Tendo em conta o exposto, e dada a interligação entre tudo, é clara a corresponsabilidade de todos por tudo o que existe e pelo nosso destino comum. Uma corresponsabilidade que tem que se refletir em ações concretas, quotidianas, que não dizem respeito apenas a alguns, aos especialistas ou aos políticos, mas a todos e cada um dos cidadãos e instituições da sociedade. Tampouco se trata de levar a cabo ações pontuais, senão de assumir um compromisso ético quotidiano que requer mudança de atitudes e hábitos.

Nesta corresponsabilidade é decisivo o papel da escola como instituição que promove processos educativos em linha com o paradigma da ecologia integral. Isto significa que não podemos restringir-nos a uma educação para a reciclagem ou simplesmente para não poluir. A encíclica coloca-nos nas mãos um desafio muito maior, o desafio de educar para um estilo de vida sóbrio, simples, diminuindo as necessidades energéticas e a produção de resíduos, com uma maior capacidade tanto para a solidariedade com os mais pobres, como para apreciar a beleza da criação. Trata-se de educar, e a disciplina de EMRC está chamada a dar o seu contributo específico, para uma nova consciência, promover uma nova forma de nos relacionarmos com o meio ambiente e com os outros seres humanos, assumindo o dever de cuidar a criação com pequenas ações quotidianas que conformem um estilo de vida.

A ecologia integral proposta pelo Papa Francisco contrapõe-se, pois, a uma “ecologia *light*”, a qual é por ele denunciada: “cresce uma ecologia superficial ou aparente que consolida um certo

---

<sup>142</sup> *Ibidem*, 164.

torpor e uma alegre irresponsabilidade [...] Este comportamento evasivo serve-nos para mantermos os nossos estilos de vida, de produção e consumo.”<sup>143</sup>

Neste contexto podemos dizer que o bem comum é um princípio fundamental da ecologia integral<sup>144</sup>, o qual, num mundo tão marcado pelas desigualdades, “se torna imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres.”<sup>145</sup> Este tradicional princípio da DSI, exposto na Constituição *Gaudium et Spes* (GS) como compreendendo “o conjunto das condições de vida social que permitem aos indivíduos, famílias e associações alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição”<sup>146</sup>, é recuperado num horizonte mais amplo, com uma perspectiva cósmica e de justiça intergeracional e assim o explicita o Papa nos números 159- 162 da LS. Trata-se de corresponsabilizar-se pelo bem de todos e de tudo, incluindo as gerações futuras e o cuidado do nosso planeta.

Embora, como vimos, a categoria ecologia integral esteja constituída por diferentes âmbitos, todos eles imbricados uns nos outros, estabelecendo entre si vasos comunicantes, focaremos agora a atenção nas dimensões que consideramos ser as mais pertinentes no âmbito deste Relatório Final: dimensão antropológica, socioeconómica, ecologia da vida quotidiana e conversão integral, as quais desenvolveremos nos pontos seguintes.

### **3.3. Dimensão antropológica**

O paradigma de uma ecologia integral presente na encíclica LS abarca uma proposta antropológica, que é também ela integral, isto é, um novo humanismo, que tenha em conta todas as dimensões da pessoa humana, sem esquecer a relação com a criação. No capítulo três em que analisa a raiz humana da crise ecológica, expressa com clareza a sua convicção quanto à imprescindibilidade de um novo paradigma antropológico: “não se pode prescindir da

---

<sup>143</sup> LS 59.

<sup>144</sup> Cf. LS 156.

<sup>145</sup> LS 158.

<sup>146</sup> GS 74.

humanidade. Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia.”<sup>147</sup>

O Papa apresenta, à luz da Revelação, uma imagem do ser humano positiva, “criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus”<sup>148</sup> e possuidor de uma “dignidade especial”<sup>149</sup>. Um ser que ocupa um lugar específico neste mundo<sup>150</sup> e a quem foi dado o encargo de cuidar e intervir na criação, contribuindo para o seu progresso. Um ser humano que, “dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador.”<sup>151</sup>

Paralelamente a este olhar positivo sobre a pessoa humana que percorre o documento, o Pontífice deteta, por outro lado, um antropocentrismo exagerado, a ponto do “ser humano se declarar autónomo da realidade e se constituir dominador absoluto, desmoronando-se as próprias bases da sua existência.”<sup>152</sup> Este desvio tem consequências graves, pois, ao colocar-se no centro de tudo quanto existe, dá “prioridade absoluta aos seus interesses contingentes e tudo o mais se torna relativo”<sup>153</sup> e desta forma pode “acrescentar novos males, novas causas de sofrimento e verdadeiros atrasos.”<sup>154</sup>

O Papa denuncia, pois, um “excesso antropocêntrico”<sup>155</sup> que está na raiz da crise ecológica atual, uma vez que, a análise dos problemas ambientais é inseparável dos contextos humanos: “o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se conjuntamente.”<sup>156</sup> Este “excesso antropocêntrico” gera uma mentalidade instrumentalista que faz com que nos situemos ante a

---

<sup>147</sup> *LS* 118.

<sup>148</sup> *LS* 65.

<sup>149</sup> *LS* 43.

<sup>150</sup> Cf. *LS* 15.

<sup>151</sup> *LS* 83.

<sup>152</sup> Cf. *LS* 117.

<sup>153</sup> *LS* 122.

<sup>154</sup> *LS* 79.

<sup>155</sup> *LS* 116.

<sup>156</sup> *LS* 48.

natureza como predadores, atentos ao que dela podemos retirar e nada mais. Ficamos, então, impedidos de reconhecer a natureza como “casa” e olhá-la com assombro e agradecimento.

O modo como o ser humano se entende a si próprio na relação com os outros e com Deus e entende o seu papel no seio da grande casa comum, tem um impacto direto na preservação ou degradação do ambiente. Francisco é claro a este respeito: “não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais.”<sup>157</sup> Torna-se evidente o refrão da encíclica: tudo está interligado. Os bispos de América Latina também expressam, de forma clara, o impacto, tanto na natureza como na relação com os outros e sobretudo os mais pobres, de uma forma desajustada do ser humano se entender a si próprio:

“Uma visão consumista do que significa realizar-se como ser humano gera uma fome insaciável de bens naturais e de energia, com uma voracidade perigosa, indiferente aos danos ecológicos e sociais que este estilo de vida gera, leva facilmente as pessoas a uma maneira muito egocêntrica de viver, atentas apenas aos seus interesses individualistas, sem ter em conta que tudo está relacionado e que por isso há uma responsabilidade partilhada no que se refere à nossa terra e aos outros, sobretudo relativamente às pessoas mais vulneráveis.”<sup>158</sup>

A observação da realidade, com toda a sua dramaticidade e simultaneamente potencialidade, parece não deixar margem para dúvidas: não podemos continuar como estamos. O planeta e os pobres, não suportam, por muito mais tempo, o *status quo*. É fundamental resgatar uma nova forma de compreender o mundo e a relação com ele. A *LS* percebe esta urgência e apela à construção de um novo paradigma. Convida a uma antropologia relacional: relação dos seres humanos entre si, com Deus e com a natureza.<sup>159</sup>

---

<sup>157</sup> *LS* 119.

<sup>158</sup> Carta Pastoral del Consejo Episcopal Latinoamericano (CELAM), *Discípulos misioneros custódios de la casa común, discernimiento a la luz de la encíclica Laudato Si'*, 111.

<sup>159</sup> Cf. B. PEIXOTO, “Para uma ecologia do coração. Uma viagem pela *Laudato Si'*”, *Itinerarium*, Ano LXII/ 214 (2016) 39-52.

Repare-se que favorecer, trabalhar em prol da nossa casa comum, implica uma determinada visão do ser humano e da própria vida social. Supõe entender a sociedade e o mundo como algo mais que uma mera soma de indivíduos isolados entre si. Supõe entendê-la como família, situando-se a si próprio dentro dela, todos interrelacionados, conectados por algo mais profundo que as redes sociais. Com uma visão instrumental, negativa, do ser humano, não podemos pedir a ninguém que se esforce e contribua para o bem da casa comum porque tal não tem sentido, apenas se justificando que cada um se esforce e trabalhe para o bem individual ou, quanto muito, para o bem do seu núcleo mais próximo: empresa, família, clube ou partido. Neste contexto a atitude normal será a da indiferença, o pragmatismo, a busca dos próprios interesses. Para que seja possível contrariar esta tendência, importa, pois, fomentar o sentido de pertença à grande família humana e cósmica.

Estamos ante novos desafios, aos quais a escola e a disciplina de EMRC, não podem ficar indiferentes. Num contexto de globalização, de pós-modernidade e individualismo, de “salve-se quem puder”, é fundamental transmitir não apenas conhecimento ou valores, mas contribuir ativamente para o reforço, a recriação muitas vezes, dos laços sociais, convencidos como estamos, que a comunidade humana não é apenas uma soma de interesses pessoais, uma massa ou um conjunto de consumidores. Em palavras do Cardeal Bergoglio:

“É preciso criar uma nova mentalidade, que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos e cada um [...] Uma mentalidade nascida daquele velho ensinamento da DSI, acerca da função social da propriedade ou do destino universal dos bens [...]”<sup>160</sup>

Na *LS* o Papa alerta precisamente para o perigo constante de encerrar-nos nos nossos “pequenos mundos”, acentuando assim um conjunto de problemas:

“O homem e a mulher deste mundo pós-moderno correm o risco permanente de se tornar profundamente individualistas, e muitos problemas sociais de hoje estão relacionados com a

---

<sup>160</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 71.

busca egoísta duma satisfação imediata, com as crises dos laços familiares e sociais, com as dificuldades em reconhecer o outro.”<sup>161</sup>

Somos chamados a uma participação ativa no cuidado da *polis* e da própria terra, a que a maioria dos cidadãos renuncia. O individualismo, a preocupação quase exclusiva com os interesses particulares, foi marginalizando a atenção e compromisso com o bem comum, o que tem, como vemos, consequências dramáticas. De facto, a indiferença globalizada é “a atitude oposta à misericórdia, ameaça a paz e põe em perigo o equilíbrio ecológico.”<sup>162</sup> Neste contexto surge como fundamental a proposta de superar um doentio antropocentrismo, tão próprio da nossa época. António Martins, à luz da *LS*, expressa bem o sentido em que devemos caminhar:

“O futuro do ser humano e do planeta em que habita, com a sua diversidade de ecossistemas e de culturas, passará pela prática de uma antropologia relacional (integral), que tenha em conta a reciprocidade entre todos os seres vivos, entre os seres humanos, entre estes e o meio ambiente, superando, assim, o antropocentrismo vigente a partir da modernidade.”<sup>163</sup>

Recapacitar-nos para a relação. Disso se trata. Que o outro não me seja estranho, nem indiferente. Mais que um imperativo ético, trata-se de um imperativo ontológico, de tal forma que, escusar-nos à relação tem como dramática consequência não chegar a ser aquilo que somos, verdadeiramente humanos. São iluminadoras as palavras do então Arcebispo de Buenos Aires, Jorge Bergoglio:

“Amar o próximo tornando-se próximo é o que nos constitui como seres humanos, como pessoas. Reconhecer o outro como próximo, não me traz nada em particular: constitui-me essencialmente como pessoa humana; e então, é a base sobre a qual se pode constituir uma comunidade humana [...]”.<sup>164</sup>

---

<sup>161</sup> *LS* 162.

<sup>162</sup> M. CARBAJO NÚÑEZ, “Desafios éticos globales a la luz de la encíclica *Laudato Si`* y del jubileo de la Misericordia”, *Didaskalia*, XLVI (2016) 82.

<sup>163</sup> A. MARTINS, “Para uma ecologia integral- Acentuações de *Laudato Si`*”, 177.

<sup>164</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 137.

Não somos seres isolados, não fomos criados para a solidão, mas para a comunhão. De facto, como bem refere Francisco: “quando nos ocupamos do outro complicamos menos a vida do que quando permanecemos concentrados só em nós mesmos.”<sup>165</sup> Não estamos chamados a viver solitariamente, mas com outros, constituindo algo mais que simples aglomerados, formando uma verdadeira comunidade, a qual não é algo secundário ou opcional, senão que surge como condição de possibilidade para que a pessoa humana o seja. Esta, tendo uma dimensão biológica, não se reduz a esse aspeto, sendo constitutivamente um ser comunitário. Diferenciando-se dos outros seres vivos, o ser humano, necessita a comunidade para a sua própria sobrevivência e para a construção da sua humanidade. A reflexão eclesial tem reforçado esta dimensão:

“Nenhuma pessoa como tal se acha sozinha no universo, mas é sempre constituída com os outros e chamada a formar com os outros uma comunidade. Daí se segue que os seres pessoais são também seres sociais. O ser humano é na verdade humano na medida em que atualiza o elemento essencialmente social na sua constituição enquanto pessoa no âmbito de grupos familiares, religiosos, civis, profissionais e de outros géneros, que juntos formam a sociedade circundante a que pertence.”<sup>166</sup>

A história e a realidade tornam evidente que a comunidade não surge espontaneamente. Temos a capacidade de viver lado a lado, cada vez mais confinados em espaços diminutos, com um crescente número de habitantes por metro quadrado, como indivíduos absolutamente isolados, alheios aos outros, desvinculados, indiferentes à realidade e a ela apenas conectados virtualmente.

---

<sup>165</sup> Mensagem vídeo do Papa Francisco no festival da DSI, 24 novembro de 2016, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco\\_20161124\\_videomessaggio-festival-dottrina-sociale.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20161124_videomessaggio-festival-dottrina-sociale.html) (Acedido a 13 junho 2018).

<sup>166</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus* (2004), [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20040723\\_communion-stewardship\\_po.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.htm), 41- 42 (Acedido em 12 de janeiro de 2018).

A Igreja, na sua sabedoria secular, tem sempre percebido esta dimensão social da pessoa humana, vinculando-a à construção da própria sociedade. O último concílio assim o expressou na Constituição *Gaudium et Spes*: “a natureza social do homem torna claro que o progresso da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência.”<sup>167</sup> Deste seu caráter comunitário deduz-se o compromisso de contribuir ativamente para a construção de uma sociedade mais justa e solidária, estando chamado a superar uma existência centrada nos seus próprios interesses e empenhar-se em cuidar da casa comum, em todas as suas dimensões. A *GS* alerta para a necessidade de superar uma “ética puramente individualista. O dever de justiça e caridade cumpre-se cada vez mais com o contributo de cada um em favor do bem comum”.<sup>168</sup>

Importa voltar a entender que o indivíduo concreto se alcança a si próprio e realiza na entrega, dando de si e dando-se. Subtrair-se a essa “co-laboração” (parece-nos interessante o sentido etimológico da palavra: laborar, trabalhar com) na construção da casa comum, empobrece simultaneamente a casa e a pessoa. O Papa Francisco alerta para a necessidade de revitalizar esta dimensão de compromisso com os outros e com o comum:

“É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos [...] Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento duma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente.”<sup>169</sup>

Repare-se que esta dimensão social e relacional da pessoa humana, não pode já deixar de ser entendida à luz da *Laudato Si`* e da proposta de uma ecologia integral que engloba uma antropologia integral. Quando falamos de bem comum ou de contribuir para a construção da comunidade, já não podemos deixar de incluir a dimensão ecológica, que como tem sido

---

<sup>167</sup> *GS* 25.

<sup>168</sup> *GS* 30.

<sup>169</sup> *LS* 229.



evidenciado ao longo deste Relatório Final, é inseparável da dimensão social. Na expressão de António Martins: “a partir do paradigma relacional/sistémico enunciado, o ser humano não se pode considerar separado da natureza. As questões ambientais, económicas e sociais estão interligadas;”<sup>170</sup> Neste sentido precisamos ir adquirindo, como diz García Paredes uma “nova consciência da nossa identidade”:

“A consciência ecológica diz-nos que necessitamos uma nova consciência da nossa identidade no cosmos e de uma nova praxis ética [...] Esta nova consciência começa por fazer-nos sabedores de que ninguém está desconectado dos outros; de que somos espécie humana; em consequência, como espécie vivente, estamos conectados com milhões de espécies que povoam o nosso planeta. Deriva daí uma nova expansão da nossa consciência: descobrimo-nos então como identidade planetária.”<sup>171</sup>

Pelo exposto compreendemos que o apelo a uma antropologia integral não visa apenas beneficiar cada pessoa individualmente, mas dela depende a possibilidade de construirmos um outro mundo, mais habitável, mais humano, mais bonito. Começamos a perceber que o estado atual em que nos encontramos tem a ver com a atitude tipicamente moderna de não envolver todas as nossas capacidades e dimensões, enquanto seres humanos, na organização da convivência. E assim, acabamos por construir um mundo neutro, assético, híper- funcional e desumano, capaz de debilitar ou até destruir a vida que pretende dominar.<sup>172</sup>

Ante este mundo “assético”, onde prevalece uma indiferença generalizada, o ser humano que necessitamos, como dizem Giaccardi e Magatti fazendo referência ao atual Pontífice, “não é o super-homem. Tampouco fará falta uma superinteligência para retirar-nos dos nossos problemas. Pelo contrário, o que nos salvará, diz o Papa Francisco, é o homem que não esquece

---

<sup>170</sup> A. MARTINS, “Para uma ecologia integral”, 176.

<sup>171</sup> J. GARCÍA PAREDES, “Ecología del Espíritu, Educación – espiritualidad para la conversión” ecológica”, in A. GALINDO (coord.), *Loado seas mi Señor y Ecología integral, Comentarios a la encíclica Laudato Si` del Papa Francisco*, Universidad pontificia de Salamanca, Salamanca, 2016, 160.

<sup>172</sup> Cf. C. GIACCARDI e M. MAGATTI, “Educar para el cuidado: cultivar, custodiar, cantar” in L. BOFF, A. ZANOTELLI, G. GIRAUD. C. GIACCARDI, M. MAGATTI, G. COSTA, *Cuidar de la madre tierra, comentario a la encíclica Laudato Si`*, San Pablo, Madrid, 2015, 41- 50.

estar enraizado na vida [...].”<sup>173</sup> Precisamos sim, reativar outras capacidades que temos como seres humanos e que parece ter vindo a ficar esquecidas, excluídas da nossa forma de estar, relacionar-nos e organizar-nos no mundo. Paralelamente à nossa capacidade de agir nele, de forma cada vez mais científica e tecnicamente evoluída, precisamos resgatar a capacidade tão nossa, tão humana, de atenção amorosa e de cuidado.

Leonardo Boff há anos que denuncia esta carência de cuidado no nosso mundo, a qual afeta as relações com os outros, com a natureza e a comunidade. Apresenta o cuidado como um “modo de ser-no-mundo” e não apenas como um ato ou uma atitude a adotar.<sup>174</sup> Segundo este autor está na “raiz primeira do ser humano [...] Reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial [...] É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada.”<sup>175</sup> Esta forma de situar-se na casa comum permite que vivamos com uma atitude radicalmente diferente de cara aos outros, de cara ao mundo e suas coisas. Permite que valorizemos os demais e tudo o que existe pelo seu valor intrínseco e não apenas pela utilidade que delas podemos retirar. Desvanece-se, assim, um modo de ser “predador”, “utilitarista” que, generalizado, está na raiz da crise que vivemos e que nos empobrece imensamente como pessoas humanas, impedindo-nos de reconhecer a beleza e viver a gratuidade. Insiste Leonardo Boff, referindo-se ao cuidado como modo de estar no mundo: “a partir desse valor substantivo emerge a dimensão de alteridade, de respeito, de sacralidade, de reciprocidade e de complementaridade.”<sup>176</sup>

Somos convidados a lutar contra aquilo que o mundo, dominado pelo paradigma tecnocrático, tenta fazer: aquietar-nos, anestesiá-los, deter-nos, paralisar-nos, propondo-nos um conformismo assente na posse e no consumo. Não estamos condenados à massificação, ao

---

<sup>173</sup> *Ibidem*, 43.

<sup>174</sup> Cf. L. BOFF, *Saber cuidar, Ética do humano- compaixão pela terra*, Editora Vozes, Petrópolis, 1999, 95- 97.

<sup>175</sup> *Ibidem*, 34.

<sup>176</sup> *Ibidem*, 96.

individualismo e a um modo de ser e estar “liquidificado”. Na *LS* é clara esta convicção, assente na esperança:

“Nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se [...] São capazes de se olhar a si mesmos com honestidade [...] E encetar caminhos novos rumo à verdadeira liberdade.”<sup>177</sup>

### **3.4. Dimensão socioeconómica**

A realidade social e económica está muito presente na *Laudato Si'*, sendo claramente associada, como temos vindo a ver, à degradação ambiental atual. Nesta encíclica os dados relativos ao ambiente são lidos com igual preocupação e em estrita vinculação com os dados da realidade socioeconómica, tal como requer o paradigma de ecologia integral proposto. Esta implicação mútua, como sobejamente tem sido referido, faz com que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torne uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres.”<sup>178</sup> Interpretando as palavras do Papa na *LS*, assim se expressa Gabriel Falcão:

“No nosso mundo, o problema ambiental não pode ser separado da situação de pobreza em que vivem tantos dos nossos contemporâneos. Ambas as realidades estão tragicamente relacionadas, donde não será possível a solução dos desequilíbrios ecológicos se não se enfrentarem diretamente as formas de pobreza existente no nosso planeta.”<sup>179</sup>

Sem condenar o progresso nem os avanços tecnológicos, e reconhecendo o seu contributo para a melhoria das condições de vida de muitas pessoas, o Papa assume, contudo, uma posição crítica frente ao paradigma tecnocrático, que considera dominar a política e a economia na atualidade:

---

<sup>177</sup> *LS* 205.

<sup>178</sup> *LS* 49.

<sup>179</sup> G. J. FALCÃO “Ecologia integral, ecologia do homem”, 18.

“A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente ao serviço da vida, especialmente da vida humana.”<sup>180</sup>

A crítica de fundo não se dirige, pois, ao progresso científico e económico em si, senão à absolutização de um paradigma que beneficia apenas alguns e que atenta contra as bases da subsistência de muitos: “recordemo-nos que se trata de um modelo que, com toda a sua ciência, permite que cerca de oitocentos milhões de pessoas ainda sofram a fome.”<sup>181</sup> Em linha com a categoria ecologia integral proposta pelo Papa Francisco, os bispos de América Latina vão ao fundo da questão:

“O problema está em ver a natureza apenas como um recurso útil para o consumo e não valorizá-la desde outros significados simbólicos, culturais e religiosos. Tal mentalidade é a que está na base do paradigma tecnocrático, o antropocentrismo e a crise moral que se reflete na gravidade da crise ecológica [...]”<sup>182</sup>

Um paradigma que leva a que “uma minoria se julgue com o direito de consumir numa proporção que seria impossível generalizar, porque o planeta não poderia sequer conter os resíduos de tal consumo”<sup>183</sup>, propiciando um “desenvolvimento e uma qualidade de vida que não está ao alcance da maioria da população mundial.”<sup>184</sup> Os dados relativos às desigualdades económicas e sociais são, como atrás apresentámos, enormemente fraturantes e o atual Pontífice não desvia deles o olhar, percebendo e padecendo o “grito” que deles emerge. Ao longo de todo o seu Magistério, e particularmente na *LS*, faz-se cargo desta realidade fraturante e marcada por uma desigualdade que, segundo ele próprio constata, “não afeta apenas os indivíduos, mas

---

<sup>180</sup> *LS* 189.

<sup>181</sup> Mensagem Do Papa Francisco para o Dia Mundial da Alimentação 2016, 14 de outubro 2016, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco\\_20161014\\_messaggio-giornata-alimentazione.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco_20161014_messaggio-giornata-alimentazione.html), 2 (Acedido em 13 junho 2018).

<sup>182</sup> Carta Pastoral del Consejo Episcopal Latinoamericano (CELAM), *Discípulos misioneros custódios de la casa común, discernimento a la luz de la encíclica Laudato Si'*, 27.

<sup>183</sup> *LS* 50.

<sup>184</sup> *LS* 49.

países inteiros”<sup>185</sup>, procurando fazer uma leitura à luz dos diferentes saberes e sobretudo à luz da fé em Jesus.

Ora, se fizermos também nós o exercício de analisar a realidade socioeconómica atual desde um ponto de vista moral, verificamos que não nos resta outra possibilidade senão caracterizá-la como injusta e moralmente reprovável.

Analizada apenas à luz da reta razão, tendo em conta o princípio da moral kantiana, segundo o qual o indivíduo deve agir como se a máxima de sua ação devesse tornar-se, através da sua vontade, uma lei universal, percebemos à partida que esta realidade é eticamente imoral, pois, é evidente que o nível de vida das sociedades desenvolvidas não se pode universalizar. E não se trata apenas de não ser universalizável, senão também de que apenas se pode manter, tal como constata o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) já há alguns anos atrás, na medida em que “se mantenha a desigualdade extrema, pois de outra forma, os recursos mundiais não são suficientes.”<sup>186</sup> É um dado empírico que nos leva a qualificar de moralmente reprovável o atual sistema socioeconómico.

À luz da fé judaico-cristã ainda mais evidente se torna a injustiça gerada por este sistema tecnocrático. Se tivermos em conta o Antigo Testamento não faltam passagens nas quais é claro o repúdio das injustiças e opressão dos mais pobres. Apenas a título de exemplo, vejam-se as denúncias proféticas de Amós, Miqueias, Jeremias ou Isaías<sup>187</sup> ou o Pentateuco, onde se percebe com clareza que o Deus de Israel não é alheio à vida do povo e ao seu sofrimento, o qual se reflete na organização da vida social. O Deuterónimo prescreve um conjunto de medidas para atenuar o sofrimento dos indigentes (Dt 15,1-15; 24,10-15; 26,12). O Decálogo (Ex 20; Dt 5,1-31) procura ajudar os Israelitas a perceber o seu relacionamento com Deus, mas também as

---

<sup>185</sup> LS 51.

<sup>186</sup> PNUD, *El abismo de la desigualdad. Informe sobre desarrollo humano 1992*, [https://www.cristianismeijusticia.net/sites/default/files/pdf/es50\\_0.pdf](https://www.cristianismeijusticia.net/sites/default/files/pdf/es50_0.pdf), 2 (Acedido em 03 de março de 2018).

<sup>187</sup> São várias as passagens onde encontramos a denúncia do mal e o desmascarar de situações injustas. Veja-se por exemplo: Is 10,1-4; Jr 22,13-17; Am 2,6; 4,1; Miq 2,2.

obrigações que tem para com os seus semelhantes; em Dt 16,18-18,22, nota-se a preocupação de se organizar a justiça como forma de responder às injustiças de que era alvo o indigente e que se faziam sentir a todos os níveis, no campo económico, administrativo e político.

Relativamente ao descanso sabático é interessante a reflexão de um economista cristão que tem procurado, ao longo da sua vida académica, olhar para a economia iluminado pela fé e pelos textos sagrados:

“Podemos ter ao nosso serviço outros homens durante seis dias, não no sétimo. Podemos e devemos trabalhar, mas não sempre, porque isso era o que acontecia quando éramos escravos no Egito. O animal doméstico trabalha seis dias para nós, mas no sétimo dia não é para nós. O forasteiro não é forasteiro todos os dias, no sétimo dia é gente de casa, com e como todos. Há uma parte da nossa terra e das nossas coisas que não são nossas, e que devemos deixar ao animal selvagem, ao estrangeiro, ao pobre. Aquilo que temos não é tudo e exclusivamente para nós. Pertence também aos outros, à nossa volta, que nunca são tão «outros» que estejam fora do horizonte do *nós*. Todos os verdadeiros bens são bens comuns.”<sup>188</sup>

E conclui este mesmo autor: “a cultura do pousio não é a cultura do capitalismo que experimentamos, que, pela sua natureza idolátrica, vive de um culto perene e total, que tem necessidade de consumidores-trabalhadores sete dias por semana [...]”.<sup>189</sup>

Quanto ao Novo Testamento, Jesus aparece como o Messias dos pobres (Lc 4,18-19) com a missão de levar-lhes a boa nova (Mt 11,5), fazendo da opção pelos pobres o distintivo da sua missão. Estes aparecem como os convidados para o grande banquete do Reino (Lc 14, 15- 24) e a medida da salvação encontramos-a no que fizemos ou deixarmos de fazer aos mais humildes (Mt 25,31-46).

À luz de dois princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja, o princípio do bem comum e o destino universal dos bens, também presentes na *LS*, a imoralidade do atual sistema, no qual

---

<sup>188</sup> L. BRUNI, *À procura de novas palavras para uma economia humana*, 90- 91.

<sup>189</sup> *Ibidem*, 94.

uns poucos possuem grande parte dos bens disponíveis. A Congregação para a Doutrina da Fé e o Dicastério para o Serviço do desenvolvimento Humano Integral vieram também recentemente recordar-nos:

“Nenhum ganho é realmente legítimo quando diminui o horizonte da promoção integral da pessoa humana, do destino universal dos bens e da opção preferencial pelos pobres. São estes três princípios que se implicam e se exigem reciprocamente na perspetiva da construção de um mundo que seja mais equitativo e solidário.”<sup>190</sup>

Relativamente ao princípio do destino universal dos bens verificamos que, reconhecendo e legitimando sempre a propriedade privada, nunca a Igreja a colocou como valor absoluto, mas como estando ao serviço desse outro princípio que é o bem comum. Assim o recorda o Papa Francisco na *LS*:

“O princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens e, consequentemente, o direito universal ao seu uso é uma «regra de ouro» do comportamento social e o «primeiro princípio de toda a ordem ético-social». A tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada, e salientou a função social de qualquer forma de propriedade privada.”<sup>191</sup>

Ora, ante a realidade atual, encontrando-se enormes quantidades de riqueza concentradas nas mãos de uns poucos, e sendo o desenvolvimento acessível a uma percentagem muito baixa da população mundial, entendemos que o pronunciamento corajoso da Igreja, ao seu mais alto nível, seja de reprovação e crítica acentuada do modelo que permite e gera tal situação.

Uma posição que se situa em linha de continuidade com todo o pensamento social da Igreja. Recordemos o objetivo da *Rerum Novarum* (*RN*), essa encíclica tão marcante que estabelece o

---

<sup>190</sup> Congregação para a Doutrina da Fé e Dicastério para o Serviço do desenvolvimento Humano Integral, *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones*, Considerações para um discernimento ético sobre alguns aspetos do atual sistema económico-financeiro, 10.

<sup>191</sup> *LS* 93.

início da DSI: vir “em auxílio dos homens das classes inferiores.”<sup>192</sup> A preocupação com as desigualdades e a opressão dos mais fracos por parte dos mais poderosos percorre todo o documento. Ainda no mesmo número, vemos a preocupação com a realidade de um “pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem um jugo quase servil à imensa multidão de operários.”<sup>193</sup>

O Papa Bento XVI na sua encíclica *Caritas in Veritate* à vista de que, por um lado “cresce a riqueza mundial em termos absolutos, mas aumentam as desigualdades”<sup>194</sup> e por outro “a saída do atraso económico- um dado em si mesmo positivo- não resolve a complexa problemática da promoção do homem”<sup>195</sup>, vem recordar o desenvolvimento proposto pelo Papa Paulo VI, um desenvolvimento humano integral, “do homem todo e de todos os homens”<sup>196</sup>.

Os bispos de América Latina reforçam a análise presente na *LS*, considerando que o modelo económico prevalecente “conduziu em não poucos países a que se acentuem os níveis de pobreza, desigualdade, esgotamento dos bens naturais e destruição ambiental [...] Tal modelo responde a um paradigma tecnocrático que se globalizou”.<sup>197</sup>

O reconhecimento da imoralidade do sistema, ou, em linguagem teológica, o reconhecimento deste pecado estrutural, tem que conduzir à ação. Uma ação que o Papa considera ter que ser integral e integradora, o qual implica repensar as relações entre a natureza (ecologia), o sistema de produção (economia) e as instituições encarregadas da distribuição (Estado). No fundo, o que o Papa Francisco propõe, é uma conversão integral. Conversão esta que está chamada a acontecer não apenas ao nível dos sujeitos, mas das próprias estruturas e modelos de

---

<sup>192</sup> PAPA LEÃO XIII, *Rerum Novarum*, [http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html), 2 (Acedido em 21 de dezembro de 2017). De futuro citarei por RN.

<sup>193</sup> *RN* 2.

<sup>194</sup> *CV* 22.

<sup>195</sup> *CV* 23.

<sup>196</sup> PAPA PAULO VI, Carta encíclica *Populorum Progressio*, [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html) *PP*, 42 (Acedido em 2 de abril de 2018).

<sup>197</sup> Carta Pastoral del Consejo Episcopal Latinoamericano (CELAM), Discípulos misioneros custódios de la casa común, discernimento a la luz de la encíclica *Laudato Si'*, 28.



desenvolvimento, adquirindo uma dimensão comunitária e social. A sua proposta não é, pois, de “meios-terminos”; não se trata de levar a cabo pequenas mudanças no sistema implantado, senão procurar novos modelos de desenvolvimento e sobretudo ter a coragem de ir ao fundo da questão e refletir sobre o sentido da própria economia, contribuindo a que se liberte das suas ataduras, simplificações e superficialidades e assuma o seu fim, que não é outro que estar ao serviço do bem comum da humanidade:

“Para que apareçam novos modelos de progresso, precisamos de «converter o modelo de desenvolvimento global», e isto implica refletir responsabilmente «sobre o sentido da economia e dos seus objetivos, para corrigir as suas disfunções e deturpações». Não é suficiente conciliar, a meio termo, o cuidado da natureza com o ganho financeiro, ou a preservação do meio ambiente com o progresso. Neste campo, os meios-terminos são apenas um pequeno adiamento do colapso. Trata-se simplesmente de redefinir o progresso.”<sup>198</sup>

Esta necessidade de mudança é reconhecida por várias entidades, pois, parece que começamos a tomar consciência que uma civilização incapaz de limitar a sua ânsia de bem-estar e progresso torna-se uma ameaça para si própria. O Relatório da OXFAM de janeiro de 2017 indica precisamente a urgência de criar uma nova ordem mundial, a urgência de dar uma reviravolta e desenhar uma economia cujo objetivo principal seja o de beneficiar os 99% e não o 1% mais rico. No discurso de abertura da Assembleia Geral da ONU em setembro de 2016, citado nesse mesmo documento, o ex-presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, afirmou que “um mundo no qual 1% da humanidade controla o mesmo volume de riqueza que os demais 99% nunca será estável”<sup>199</sup>.

Atravessamos tempos complexos, de muita instabilidade a nível mundial, com os equilíbrios das últimas décadas postos em causa. Um mundo maioritariamente descontente. Percebemos que os grandes vencedores da globalização são os que estão no topo da pirâmide. Geram-se maiores rendimentos e riquezas, que longe de “escorrer” para baixo e beneficiar os mais

---

<sup>198</sup> LS 194.

<sup>199</sup> Relatório da OXFAM de janeiro de 2017, 2.

necessitados são retidos pelos que mais têm. Nem os níveis de poluição, nem os níveis de insegurança e violência, são alheios à pobreza e à injustiça. A desigualdade crescente pode, de facto, desintegrar as nossas sociedades. E, como bem constata o documento *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones*, a recente crise financeira, apesar de ter suscitado alguns esforços positivos no sentido de implementar uma maior regularização e ética no mundo financeiro, não levou a uma inversão de critérios:

“Parece às vezes retornar ao auge um egoísmo míope e limitado ao curto prazo que, prescindindo do bem comum, exclui dos seus horizontes a preocupação não só de criar, mas também de distribuir a riqueza e de eliminar as desigualdades, hoje tão evidentes.”<sup>200</sup>

O Papa evidencia ao longo da *LS* a inadequação da ideia, tão em voga nos últimos séculos, de que a procura individual dos próprios interesses e a nossa capacidade técnica são suficientes para criar riqueza coletiva.<sup>201</sup> É evidente hoje a carência deste modelo, que mesmo que gere crescimento económico (o qual nem sempre acontece e as recentes crises financeiras são disso um exemplo claro), o que não gera, com toda a certeza, é equidade, revelando-se incapaz de fazer com que esse crescimento e riqueza revertam em favor de todos. As enormes e crescentes desigualdades assim o indicam com toda a claridade e “enquanto se mantenha esse afã de crescimento sem limites, qualquer projeto apenas servirá para que exista uma maior pobreza geral e uma maior riqueza concentrada nas mãos de uma minoria.”<sup>202</sup>

Em contraposição aparece na *LS* uma conceção de desenvolvimento sustentável que tem em conta tanto uma dimensão intergeracional, pondo o foco nas gerações futuras, como uma dimensão intrageracional que se centra na possibilidade de uma vida digna para todos os que hoje habitamos o planeta, especialmente os muitos pobres do nosso mundo. Em coerência com

---

<sup>200</sup> Congregação para a Doutrina da Fé e Dicastério para o Serviço do desenvolvimento Humano Integral, *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones*, Considerações para um discernimento ético sobre alguns aspetos do atual sistema económico-financeiro, 5.

<sup>201</sup> Cf. *LS* 109.

<sup>202</sup> E. LÓPEZ AZPITARTE, “Exigencias ecológicas y ética cristiana”, *Revista Selecciones de Bioética* (2008) 69.

a sua proposta de uma ecologia integral, o Papa Francisco convida a uma participação cidadã e política a diferentes níveis (desde os bairros à política internacional) que vise o cuidado da casa comum, tendo também em conta uma dimensão intergeracional. Só assim será possível desenvolver um modelo alternativo, mais integral e integrador, no qual se promova o crescimento do “homem todo e todos os homens”<sup>203</sup>, incluindo as próximas gerações.

Ainda enquanto Arcebispo de Buenos Aires, Bergoglio, alertava para a insuficiência da ação individual e do encontro cara a cara, considerando ser necessária uma “solidariedade de fundo”, um amor eficaz, capaz de analisar, refletir e perceber a relação entre o sofrimento concreto e as suas causas, isto é, detetar os discursos e práticas que produzem esse sofrimento, “a fim de juntar ao abraço, algumas soluções eficazes que ponham travão aos sofrimentos, ou pelo menos os limitem.”<sup>204</sup> Há uma “dimensão institucional do amor”<sup>205</sup> que não podemos dispensar, se queremos um mundo melhor e mais sustentável. Somos, pois, convidados a ampliar o nosso modo de entender o amor e a forma de expressá-lo, situando-o num âmbito não estritamente pessoal, mas também civil e político:

“O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também «as macrorrelações como relacionamentos sociais, económicos, políticos» [...] O amor social é a chave para um desenvolvimento autêntico [...]”<sup>206</sup>

O amor e a gratuidade estão na base de todo o acontecer humano, inclusivamente nas esferas que, pela sua “frieza”, mais nos parecem afastadas desses valores primordiais, fazendo que a vida possa acontecer. Parece-nos pertinente a constatação de Luigini Bruni:

“O mercado foi concebido e definido pela modernidade como o espaço ideal-típico da não-gratuidade. Mas, se fizéssemos a experiência de eliminar completamente a gratuidade do dia-a-

---

<sup>203</sup> CV 55.

<sup>204</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 140.

<sup>205</sup> *Ibidem*, 141.

<sup>206</sup> LS 231.

dia das questões económicas, as nossas organizações produtivas explodiriam numa única manhã.”<sup>207</sup>

A nada disto pode permanecer indiferente a escola, uma vez que dela depende, em parte, que o atual sistema socioeconómico perdure e continuem a perpetuar-se iguais ou superiores níveis de injustiça, ou seja revisto no sentido de incorporar objetivos que estejam para além do mero ganho económico. Precisamos, como escola, e sem dúvida a EMRC tem o seu contributo a dar, formar as novas gerações para um entendimento da pessoa humana na sua integralidade e não apenas como consumidor, ajudando a que cada um se descubra a si próprio como “ser em relação”, chamado à comunhão com o próprio Deus e com os seus semelhantes. Esta formação é determinante não apenas para um autoconceito de si e dos outros mais enriquecedor, mas também para a própria construção do sistema socioeconómico, como aponta o documento *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones*:

“É o reconhecimento deste carácter de comunhão, como elemento originariamente constitutivo da nossa identidade humana, que permite ver os outros não primeiramente como potenciais concorrentes, mas como possíveis aliados na construção de um bem que não é autêntico se não diz respeito a todos e a cada um ao mesmo tempo. Tal antropologia relacional ajuda o homem também a reconhecer a validade de estratégias económicas que buscam primeiramente a qualidade *global* de vida, antes ainda que o aumento indiscriminado de ganhos, que procuram um bem-estar que quer ser sempre integral, de todo o homem e de todos os homens.”<sup>208</sup>

Contributo igualmente importante por parte da escola é, como desenvolveremos mais adiante, fomentar o compromisso e participação na *res* pública. A disciplina EMRC assume essa tarefa, promovendo a dimensão civil e política do amor<sup>209</sup>, a qual se concretiza de forma clara no programa de secundário. Nos restantes ciclos esta dimensão também está presente, podendo certamente aprofundar-se e desenvolver-se uma pedagogia que favoreça a sensibilidade e

---

<sup>207</sup> L. BRUNI, *A ferida do outro. Economia e relações humanas*, Editora Cidade Nova, Abridada, 2010, 91.

<sup>208</sup> Congregação para a Doutrina da Fé e Dicastério para o Serviço do desenvolvimento Humano Integral, *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones, Considerações para um discernimento ético sobre alguns aspetos do atual sistema económico-financeiro*, 10.

<sup>209</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 141.

participação efetiva dos alunos na construção do bem comum, de forma adaptada a cada faixa etária. O que não podemos esquecer é que a escola é uma instituição determinante nos caminhos que queremos trilhar em direção ao futuro, sendo impossível sem ela operar mudanças de paradigma consistentes e de longo alcance. De facto, como bem expressa o Papa Francisco na *LS*, da sua capacidade de contribuir para as grandes transformações sociais, políticas e económicas, depende em última instância a sua eficácia:

“A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza. Caso contrário, continuará a perdurar o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e através dos mecanismos eficazes do mercado.”<sup>210</sup>

### **3.5. Conversão integral e ecologia da vida quotidiana**

A proposta presente na *LS* de uma ecologia integral afeta, como temos vindo a ver, diferentes dimensões do viver humano, uma vez que “tudo está interligado”. Neste contexto também a dimensão espiritual, o âmbito da vivência da fé, fica afetado, sendo proposta aos cristãos uma conversão ecológica.<sup>211</sup> É convicção do Santo Padre que o interior e o exterior estão absolutamente interligados, de tal modo que os profundos desajustes do nosso mundo, incluindo os ecológicos, têm a sua raiz mais profunda na desordem e vazio interior.<sup>212</sup>

No fundo, o que o Papa propõe é uma espiritualidade também ela integral. Uma vez que “tudo está interligado”, não podemos desligar a dimensão espiritual da materialidade da vida e menos ainda no contexto da fé cristã, na qual professamos a encarnação do próprio Deus. A relação com Ele reflete-se necessariamente na relação que mantemos com o mundo e suas coisas, com os outros seres e com os nossos semelhantes. A espiritualidade que vivemos e a conversão a que estamos chamados confirmam-se na vida quotidiana. Até porque a *LS* não é um documento

---

<sup>210</sup> *LS* 215.

<sup>211</sup> Cf. *LS* 216- 219.

<sup>212</sup> Cf. *LS* 217.

abstrato ou meramente teórico, de facto “não estamos habituados a uma encíclica tão concreta.”<sup>213</sup> Este caráter concreto confere-lhe a capacidade de desinstalar-nos, causar um certo incómodo e desafiar-nos à ação, fazendo-nos sentir parte do problema e da solução.

Em coerência com o paradigma de uma ecologia integral e dada a interligação de tudo, faz pleno sentido falar de uma “ecologia da vida quotidiana”<sup>214</sup>, na qual os pequenos gestos assumem um valor importante, reconhecendo-se o seu impacto e consequências na realidade global. Trata-se de pôr em prática o tão divulgado lema de pensar globalmente e agir localmente. Como observa António Martins, “a mudança, que deve ser sistémica (política, económica, social, cultural, espiritual, ética, educacional...), passa pelo concreto das atitudes quotidianas de cada um de nós [...]”<sup>215</sup>

O Papa Francisco, conhecendo bem a mentalidade atual, tão impregnada de ceticismo, previne quanto à eficácia real destes pequenos gestos: “não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo. Estas ações espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar.”<sup>216</sup> E neste mesmo número continua a sua reflexão dando um carácter ainda mais profundo a esses gestos quotidianos, os quais adquirem um sentido que está para além da sua eficácia prática: “o exercício destes comportamentos restitui-nos o sentimento da nossa dignidade, leva-nos a uma maior profundidade existencial, permite-nos experimentar que vale a pena a nossa passagem por este mundo.”<sup>217</sup>

É interessante esta profunda convicção do atual Pontífice, transmitida com uma enorme força, sobre a importância de não desvincular as pequenas coisas do dia-a-dia da nossa estrutura e solidez interior e existencial. São os pequenos gestos continuados, os hábitos, e não apenas as

---

<sup>213</sup> G. COSTA, “Acción, conversión, contemplación: una encíclica para poner en práctica”, in L. BOFF, A. ZANOTELLI, G. GIRAUD, C. GIACARDI, M. MAGATTI, G. COSTA, *Cuidar de la madre tierra, comentário a la encíclica Laudato Si`*, San Pablo, Madrid, 2015, 52.

<sup>214</sup> Cf. LS 147- 155.

<sup>215</sup> A. MARTINS, “Para uma ecologia integral- Acentuações de *Laudato Si`*”, 188.

<sup>216</sup> LS 212.

<sup>217</sup> LS 212.

grandes decisões vitais ou as nossas ideologias, que nos formam e conformam como pessoas. Trata-se de algo muito alentador para a nossa vida pessoal e de educadores. Acreditar no valor das pequenas iniciativas junto dos alunos, o valor da nossa presença quotidiana na escola, contribuindo para que os mais jovens adquiriram não apenas conhecimentos, mas hábitos encaminhados ao seu desenvolvimento integral.

Por outro lado, a insistência de Francisco numa ecologia da vida quotidiana, composta de pequenos gestos e decisões, insere-se precisamente na lógica da conversão. Como bem observam alguns autores, “não seria próprio dele limitar-se a convidar a ações pontuais [...] cada gesto deve inserir-se num processo, num caminho de «conversão ecológica».”<sup>218</sup> Dirigindo-se mais estritamente aos cristãos apela a ela, convencido que a mesma “comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus.”<sup>219</sup> Coloca, pois, a relação com a criação como algo essencial à fé e não periférico, estando convencido que a conversão ao Evangelho tem que afetar todas as áreas da vida, abarcar “as várias dimensões que compõem a nossa relacionalidade constitutiva.”<sup>220</sup> Outro autor, Leonardo Boff, situa igualmente a raiz da crise ecológica na “rutura permanente da religação básica que o ser humano introduziu, alimentou e perpetuou com o conjunto do universo e com o seu Criador”<sup>221</sup>, pelo que faz todo o sentido falar de conversão no âmbito ecológico.

Dimensão espiritual, conversão integral e vida quotidiana são, pois, apresentadas na *LS* em circularidade e estrita vinculação. Ainda enquanto Arcebispo de Buenos Aires, Bergoglio afirmava:

“Em Jesus de Nazaré, Deus ligou as difíceis questões da transcendência e do sentido último ao quotidiano dos homens e mulheres que se interrogam pelo seu pão, pelo seu amor, pelo seu teto e pela sua descendência; interrogam-se pela sua dor, pelas suas alegrias e culpas [...] Por isso não

---

<sup>218</sup> G. COSTA, “Acción, conversión, contemplación: una encíclica para poner en práctica”, 54.

<sup>219</sup> *LS* 217.

<sup>220</sup> S. TAVARES, “Evangelho da criação e ecologia integral: uma primeira receção da *Laudato Si*”, 76.

<sup>221</sup> L. BOFF, “O desafio ecológico à luz da *Laudato Si* e da COP21 de Paris”, 30.

é possível ocupar-nos das coisas do Céu sem sermos imediatamente reenviados para as da terra.”<sup>222</sup>

É-nos proposta uma conversão de hábitos, um novo estilo que, parecendo simples e quase óbvio, é extremamente exigente e requer uma conversão integral, uma vez que supõe uma mudança nas pequenas rotinas quotidianas e hábitos de consumo, bem como uma transformação de mentalidade e no modo como nos relacionamos com as coisas e com os outros. Implica no fundo uma profunda transformação interior que se reflete nas pequenas decisões do dia-a-dia, requerendo, certamente, a renúncia a algumas das imensas comodidades a que estamos habituados.

O desafio de uma conversão ecológica tem também uma dimensão comunitária<sup>223</sup>, uma vez que aprofundar e assumir o que significa e as consequências que derivam de um autêntico seguimento de Jesus tem sempre um alcance social e comunitário, havendo um modo de ser, uma ética ecológica, que deve ser assumida comunitariamente. A urgência de uma nova consciência, capaz de recuperar o sentido de pertença à enorme família humana, é aliás, reconhecida em âmbitos alheios à estrutura eclesial, como podemos observar na Carta da Terra, um documento do ano 2000, que surge da reflexão de pessoas e organizações de diferentes culturas e setores, promovida pela ONU:

“À medida que o mundo se torna cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça económica e numa cultura da paz.”<sup>224</sup>

---

<sup>222</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 124.

<sup>223</sup> Cf. LS 216.

<sup>224</sup> Carta da Terra, Haya, 29 de junho de 2000, [http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/carta\\_terra.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/carta_terra.pdf), preâmbulo (Acedido em 05 de janeiro de 2018).



A conversão ecológica de que temos vindo a falar situa-se, como vemos, no contexto mais amplo de uma conversão integral, a qual só se alcançará na medida em que se transcendam “noções de conversão ainda muito presas a situações existenciais e intersubjetivas e quem sabe até sociais, mas não sensíveis ainda à dimensão ecológica da vida quotidiana.”<sup>225</sup> O Papa Francisco recorda aos cristãos que “tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade.”<sup>226</sup> A este respeito é pertinente a observação do professor António Martins:

“Em *Laudato Si*`, o fundamento teológico da proposta de uma ecologia integral e sistémica encontra-se no mistério da comunhão trinitária, fonte amorosa de toda a realidade criada. O Deus Trindade é, no seu próprio ser, relação de pessoas, numa eterna doação e recetividade; a criação é acontecimento trinitário, enquanto expressão exteriorizada do amor trinitário [...].”<sup>227</sup>

Este mesmo autor considera que na teologia latina acentuou-se uma conceção de criação como um acontecimento inicial, tendo Deus Uno como princípio de tudo. Recuperar a dimensão trinitária, a relação entre Trindade e criação, já presente nos Padres da Igreja e na escolástica medieval, remetendo-nos para uma conceção da mesma enquanto expressão de um Deus que é em si mesmo relação, enriquece a reflexão e está muito em sintonia com o carácter relacional da criação agora acentuado pelo Papa Francisco.<sup>228</sup>

A ecologia da vida quotidiana e uma verdadeira conversão ecológica implicam atitudes como a capacidade de agradecer, a gratuidade, criatividade e sobriedade, sabendo limitar algumas necessidades, tão estimuladas pela sociedade de consumo onde nos inserimos. Viver com menos disponibiliza-nos para novas e bonitas oportunidades que a vida nos oferece, por exemplo, a nível de relação humana, de encontro cara a cara com os outros, sem excluir esses

---

<sup>225</sup> S. TAVARES, “Evangelho da criação e ecologia integral: uma primeira receção da *Laudato Si*”, 75.

<sup>226</sup> *LS* 240.

<sup>227</sup> A. MARTINS, “Para uma ecologia integral- Acentuações de *Laudato Si*”, 180.

<sup>228</sup> Cf. *Ibidem*, 181

encontros mais dolorosos, mas imensamente enriquecedores com os mais vulneráveis e fragilizados, tais como os doentes, os pobres ou os idosos.

Necessitamos, como pessoas e como sociedade, redescobrir a simplicidade, mas quase nada no nosso contexto social o facilita, marcados, como estamos, por contínuos e excessivos estímulos, apelações ao consumo e a estar permanentemente *on line*. Também aqui se situa o papel da escola e da disciplina de EMRC, como facilitadores de um caminho talvez difícil, mas enormemente promotor de vida em abundância. O Papa reconhece o desafio que, como educadores, temos entre mãos:

“Os jovens têm uma nova sensibilidade ecológica e um espírito generoso, e alguns deles lutam admiravelmente pela defesa do meio ambiente, mas cresceram num contexto de altíssimo consumo e bem-estar que torna difícil a maturação doutros hábitos. Por isso, estamos ante um desafio educativo.”<sup>229</sup>

Há um *curriculum* a cumprir, o qual na nossa disciplina não é de modo nenhum alheio a estas questões, mas como professores de EMRC, temos que assumir definitivamente que a função da disciplina se situa muito para além dos conteúdos que possa transmitir. Há um contributo específico a dar no seio da comunidade escolar e que passa por fomentar a capacidade de apreciar cada coisa e cada momento, tornando-se serenamente presente diante da realidade, evitando a continua dispersão e aceleração em que vivemos e promover o crescimento na sobriedade e na capacidade de se alegrar com pouco.<sup>230</sup>

Numa cultura hedonista, marcada por um antropocentrismo excessivo, resulta estranho propor a renúncia a alguns bens ou comodidades e uma certa dimensão ascética da vida, mas, como recorda a Carta da Terra “são necessárias mudanças fundamentais nos nossos valores, instituições e modos de vida.”<sup>231</sup> Isto porque uma ética ecológica tem sempre que incorporar

---

<sup>229</sup> LS 209.

<sup>230</sup> Cf. LS 222.

<sup>231</sup> Carta da Terra, 1.

uma dimensão de renúncia, cujos benefícios redundem em bem do planeta e sobretudo dos muitos empobrecidos desta terra e das gerações futuras. Além disso é bom recordar que “a sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário.”<sup>232</sup> Mas esta é uma verdade que precisa ser transmitida e simultaneamente comprovada, sobretudo pelos mais jovens, e a escola surge como âmbito privilegiado para fazê-lo. Trata-se de um desafio educacional lançado também à disciplina de EMRC, sobre o qual refletimos no seguinte ponto.

#### **4. Ecologia integral: desafios educacionais colocados à EMRC**

O paradigma de uma ecologia integral, tratando-se de uma proposta ambiciosa que abarca, como terminamos de ver, todas as esferas do viver humano, não se improvisa e a sua implementação não se compadece com ações e iniciativas pontuais ou isoladas, senão que requer processos longos, contínuos, certamente lentos, mas os únicos capazes de dar consistência a uma nova forma de situar-nos nesta casa comum que nos abriga a todos. É esta consciência que leva o Santo Padre a dedicar o último capítulo da *LS* à educação e à espiritualidade, convencido como está, que é a própria “humanidade que precisa de mudar”<sup>233</sup>, surgindo, assim, “um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração.”<sup>234</sup>

É este desafio que a escola e outras instituições, como a própria família, têm que assumir e nele empenhar-se definitivamente. Embora sejamos conscientes que são instituições que perderam espaço na educação e socialização dos jovens, não podem demitir-se de desempenhar um papel certamente determinante nas suas vidas, precisamente num contexto de enorme complexidade, instabilidade e crise generalizada de referências ideológicas sólidas. A proposta das sociedades de consumo de assentar a felicidade e uma pretendida autorrealização num conjunto de

---

<sup>232</sup> *LS* 223.

<sup>233</sup> *LS* 202.

<sup>234</sup> *LS* 202.

comportamentos de consumo, comunicação de massas, procura de prazer, entre outros, é manifestamente demasiado instável, escorregadia e genérica. Efetivamente, como nos recorda o Papa Francisco, “a humanidade pós-moderna não encontrou uma nova compreensão de si mesma que a possa orientar e esta falta de identidade é vivida com angústia. Temos demasiados meios para escassos e raquíticos fins.”<sup>235</sup>

Neste contexto a disciplina de EMRC tem um papel específico a desempenhar no seio da comunidade escolar. Não esqueçamos que num ambiente educativo que continua a valorizar sobretudo uma formação técnica e eficiente, o seu papel pode ser significativo, enquanto disciplina que, como afirmam os bispos portugueses, “tem como grande finalidade a formação global do aluno, permitindo o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida [...]”.<sup>236</sup> Esta atenção às diferentes dimensões da pessoa e aos grandes temas da humanidade, fomentando a abertura às grandes perguntas especificamente humanas, pode contribuir de forma efetiva para uma transformação ao nível das mentalidades e formas de agir, a qual é fundamental, pois, como transmitia o Papa Francisco aos estudantes: “na escola não só aprendemos conhecimentos, conteúdos, mas aprendemos também hábitos, valores [...] Uma via que faça crescer as três línguas, que uma pessoa madura deve saber falar: a língua da mente, a língua do coração e a língua das mãos.”<sup>237</sup>

Não podemos contentar-nos com a transmissão de uma série de conteúdos, disponíveis e acessíveis aos alunos na rede. Não é a quantidade de aprendizagens que garante a saída da mediocridade, dado que o muito conhecimento não nos liberta, e não liberta os alunos, dos lugares comuns e da pouca profundidade na análise de uma realidade cada vez mais complexa. Não nos garante a capacidade de questioná-la para melhorá-la. Impõe-se uma educação que,

---

<sup>235</sup> LS 203.

<sup>236</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica- Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 11.

<sup>237</sup> Discurso do Papa Francisco aos estudantes e professores das Escolas Italianas, 10 de Maio de 2014, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140510\\_mondo-della-scuola.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html) (Acedido em 27 de fevereiro de 2018)

ante a imensidão de dados disponíveis todos ao mesmo nível, forme para a liberdade e capacidade de pensar e analisar criticamente os acontecimentos, fomentando a construção de um pensamento próprio. Importa incentivar a disponibilidade para ouvir diferentes vozes, ajudando a estabelecer critérios valorativos. Para isso é necessário propiciar espaços para a reflexão e o diálogo.

Assim sendo, sem descuidar a dimensão cognitiva e de transmissão do saber, consideramos que o grande desafio que o paradigma de uma ecologia integral lança à disciplina de EMRC se situa ao nível do contributo para a construção de novos estilos de vida e uma mudança de mentalidade que favoreça uma verdadeira educação integral, a qual inclui, sem dúvida, a aquisição de uma cultura ecológica. O Papa alerta precisamente para a necessidade de não nos contentarmos com a mera informação e a necessidade de ajudar a maturar hábitos.<sup>238</sup> Importa cultivar o gosto pela beleza e despertar nos alunos a capacidade de espanto, de agradecimento, de receptividade, de dom, de excesso, contrariando a atitude excessivamente pragmática e eficientista que marca a nossa sociedade. A este respeito é eloquente e de uma enorme beleza o último texto de um livro recente de Tolentino Mendonça, pelo que, ainda que um pouco longo, vale a pena transcrevê-lo:

“Desconcerta-te com o esplendor inexplicável de cada amanhecer. Conserva-te sem palavras perante o mar, como aqueles que pela primeira vez o olharam; sente-te irresistivelmente atraído pela variação de cores, de volume e de odor da paisagem diurna e noturna, estremece sempre ao primeiro contacto com a água; mantém intacta a capacidade de espanto perante o modo como o vento arrasta as nossas vozes felizes na distância; olha do mesmo modo desprevenido a chuva, os campos alagados em silêncio, as coisas mínimas e amplas, o tráfico das nuvens, a disseminação das papoilas que nos campos se parecem com palavras que sonham. Saboreia o embaraço por aquilo que permanece em aberto não por insuficiência, mas por excesso, e não te apresses a catalogar, a descrever ou aprisionar. Que a tua forma de compreensão seja um outro modo de ampliar o espanto. Seja este o teu legado àqueles que amaste.”<sup>239</sup>

---

<sup>238</sup> Cf. *LS* 211.

<sup>239</sup> J. T. MENDONÇA, *O pequeno caminho das grandes perguntas*, Quetzal Editores, Lisboa, 2017, 165.

O legado dos professores de EMRC, uma disciplina que tem uma especificidade muito própria dentro do currículo escolar, não pode, pois, assentar apenas na quantidade de conteúdos transmitidos, mas no contributo para uma outra forma de ser e situar-se no mundo, até porque, como recordava o Cardeal Bergoglio aos educadores católicos de Buenos Aires, “o único motivo pelo qual temos de fazer algo no campo da educação é a esperança numa humanidade nova [...]”.<sup>240</sup> É esta uma ambição grande mas irrenunciável, sobretudo num tempo como o nosso tão carregado de desafios.

Encontramo-nos, efetivamente, no seio de uma sociedade “híper- conectada”, mas simultaneamente com pouca capacidade de comunicação e compromisso com os outros, generalizando-se e globalizando-se a indiferença, como tantas vezes tem advertido o atual Pontífice. Estamos “mais próximos dos desconhecidos e mais desconhecidos dos que nos são próximos.”<sup>241</sup> É por isso tão importante propiciar aos alunos a possibilidade de “meter-se a fazer alguma coisa no campo do bem comum”<sup>242</sup>, pois, como esperançosamente nos transmite o Papa Francisco “sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro.”<sup>243</sup> A escola é, sem dúvida, espaço privilegiado para fomentar essa saída de si e encontro com os outros, que são sempre e necessariamente diferentes, mais ainda mais nas escolas de hoje, crescentemente interculturais. Só estimulando esta capacidade de entrega podemos incentivar estilos de vida mais capazes de cuidar dos pobres e do meio ambiente, ou como diz Carbajo Núñez, “é necessário desenvolver uma ética do cuidado e da ternura, para que a conscientização sobre o problema ecológico leve a uma implicação efetiva e afetiva na sua solução.”<sup>244</sup>

---

<sup>240</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 155.

<sup>241</sup> J. T. MENDONÇA, *O pequeno caminho das grandes perguntas*, 73.

<sup>242</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 131.

<sup>243</sup> LS 208.

<sup>244</sup> M. CARBAJO NÚÑEZ, “Desafios éticos globales a la luz de la encíclica *Laudato Si`* y del jubileo de la Misericordia”, 93.

O Sumo Pontífice incentiva os educadores nesta tarefa, afirmando que “é muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas até dar forma a um estilo de vida.”<sup>245</sup> Algo que na escola se pode ir fomentando com iniciativas que levem os alunos tanto a um cuidado efetivo do meio ambiente<sup>246</sup>, como a uma aproximação aos mais necessitados. Trata-se de incentivar uma solidariedade que deve ser entendida não tanto como uma questão afetiva, mas como um modo de viver e pensar que se materializa em práticas e opções concretas que visam minorar as consequências dos desequilíbrios e desigualdades, mas também lutar contra as suas causas.

Uma educação humanista, e sobretudo a disciplina de EMRC que propõe a matriz cristã como chave de leitura da realidade, não pode deixar de fomentar essa solidariedade de fundo e a participação e compromisso social, desincentivando o encerramento nos próprios interesses, pequenos e limitados. Nesse sentido, todas as ações levadas a cabo para propiciar a aproximação à comunidade e aos mais necessitados são imprescindíveis, mas devem desenvolver-se não para apaziguar as consciências, como adverte o Papa na mensagem do I dia Mundial dos pobres, mas com o objetivo claro de “abrir a um verdadeiro encontro com os pobres e dar lugar a uma partilha que se torne estilo de vida [...]”.<sup>247</sup>

Temos por diante o enorme desafio de desenvolver práticas educativas que levem os alunos a sentir-se parte da grande família humana e cósmica e agir em consequência. Precisamos, eles assim o merecem, de contribuir para que não se sintam seres isolados, nem concebam a sociedade que os acolhe como uma mera soma de indivíduos, senão que possam “sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos.”<sup>248</sup> Esta reconstrução do laço social implica uma atitude e uma

---

<sup>245</sup> *LS* 211.

<sup>246</sup> O Papa Francisco apresenta exemplos muito concretos para levar a cabo este cuidado em *LS* 211.

<sup>247</sup> Mensagem do Santo Padre Francisco para o I Dia Mundial Dos Pobres, 19 de novembro de 2017, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco\\_20170613\\_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html), 3 (Acedido em 05 de março de 2018).

<sup>248</sup> *LS* 229.

prática efetiva de escuta, abertura, diálogo, convivência com quem pensa e é diferente. Importa abrir a mente e o coração à diversidade, sem renunciar às próprias crenças e identidade, convencidos que “podemos ser nós mesmos sem eliminar o outro.”<sup>249</sup>

Vivemos numa sociedade multicultural, em rede, com multiplicidade de locutores e interlocutores em intercomunicação contínua, caracterizada pela pluralidade, instantaneidade e acessibilidade a uma enorme diversidade e quantidade de conteúdos e informação. Um novo mundo que se implementou de forma talvez excessivamente rápida, de tal modo que nos custa ainda perceber o seu alcance e impacto antropológico e social. Falamos hoje de “pós-verdade”, indicando um terreno pantanoso, no qual algo é considerado verdade apenas porque muitos o afirmam. Ora, as redes sociais, com um “click”, possibilitam a reprodução da informação a velocidades impressionantes, permitindo inclusivamente que um só sujeito ou grupo promova a disseminação de determinada “verdade”, o qual tem consequências reais na vida das pessoas e dos povos.

Neste contexto concluímos facilmente que temos entre mãos uma irrenunciável tarefa educativa de transmissão do saber, de critérios, sentido e valores, que facilitem situar-se de forma crítica e fundamentada neste nosso “emaranhado” e complexo mundo. José Frazão Correia fala da importância de capacitar para “ler criticamente a realidade e salvaguardar a sua complexidade, pelo conhecimento justo das coisas mundanas e das coisas espirituais.”<sup>250</sup>

A disciplina de EMRC não está chamada a “estreitar” horizontes, apresentando apenas uma visão pequena e parcial da realidade, senão que, como defende José Frazão, lhe cabe “cultivar horizontes largos, modos de respirar revitalizantes. Ajudar a respirar, a cultivar o caráter poliédrico e diversificado da própria realidade. Favorecer o cultivo da complexidade das questões humanas.”<sup>251</sup> Tampouco pode ser pretensão dos docentes, e menos ainda dos docentes

---

<sup>249</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 144.

<sup>250</sup> J. FRAZÃO CORREIA, “EMRC: profecia e dom, um jeito de ser Igreja”, 100.

<sup>251</sup> *Ibidem*, 101.



desta disciplina, que os alunos apreendam o que lhes é transmitido de forma acrítica, submissa, silenciando dúvidas e questionamentos. Estamos, pelo contrário, chamados a despertar as suas perguntas, encorajar as suas buscas, inclusivamente infundir dúvidas acerca da sociedade e do sistema vigente, sabendo que “uma pergunta do aluno vale mais que mil respostas.”<sup>252</sup>

Fomentar uma abertura crítica à realidade, evitando leituras simplistas que a empobrecem, exige dos professores de EMRC, uma qualificação adequada em diferentes âmbitos, nomeadamente no campo da teologia, espiritualidade, nas artes e nas ciências, de forma a estar à altura dos grandes debates culturais, éticos, sociais.<sup>253</sup> Assim como exige que essa abertura ao mundo exista primeiramente nos próprios professores, não devendo sucumbir à tentação de fechar-se em pequenos guetos, sejam eles intelectuais, espirituais, ideológicos ou sociais. Como bem alertava o Papa Francisco dirigindo-se a alunos e docentes:

“Os professores são os primeiros que devem permanecer abertos à realidade [...] Pois, se um professor não está aberto para aprender, não é um bom professor, e nem sequer é interessante; os jovens compreendem, «farejam», e são atraídos pelos professores que têm um pensamento aberto, «incompleto», que procuram «um mais», e assim contagiam os estudantes com esta atitude.”<sup>254</sup>

Outra questão que se coloca e ante a qual, como educadores, temos que permanecer vigilantes, é a de se acreditamos efetivamente, que o melhor que podemos transmitir aos mais jovens é essa abertura de mente e coração à realidade e aos outros; se estamos convictos que merece a pena ocupar-se do bem comum, da *polis* e de toda a nossa casa comum. Acreditamos que mais importante que capacitar para ser tecnicamente melhores e mais competitivos é formar e acompanhar percursos que propiciem a bondade, a honestidade e o compromisso na construção de um mundo melhor? Estamos convencidos da importância da EMRC nas escolas? Estamos convencidos da sua importância não apenas enquanto transmissora de conhecimento e doutrina

---

<sup>252</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 65.

<sup>253</sup> Cf. J. FRAZÃO CORREIA, “EMRC: profecia e dom, um jeito de ser Igreja”, 101.

<sup>254</sup> Discurso Do Papa Francisco aos estudantes e professores das Escolas Italianas, 10 de maio de 2014.

católica, mas enquanto disciplina que aponta à transcendência, à dimensão religiosa, capaz de dar profundidade, solidez, sentido e motivação aos gestos e decisões quotidianas? A *LS* obriga-nos a uma revisão de critérios, objetivos e prioridades enquanto educadores e, mais ainda, enquanto professores de EMRC.

No âmbito da fé cristã acreditamos que a história tem um sentido e um fim. A certeza de que Deus renovará todas as coisas, impede qualquer conformismo, impede que nos acomodemos ou baixemos os braços em qualquer dimensão da vida pessoal ou comum, o qual também se aplica ao campo educativo. Acreditamos que vale a pena, como professores de EMRC, apostar numa educação integral, que não deixa de fora nenhuma dimensão do ser humano, tampouco a dimensão que nos recorda que “somos terra” e parte de uma família grande, cósmica. A fé que professamos empurra-nos a contribuir para a construção de uma humanidade renovada, contributo este que, no nosso caso específico, passa sempre pelo quotidiano, humilde, discreto, mas imprescindível trabalho na escola, “convencidos não só de que as coisas se podem mudar, como é preciso mudá-las e de que as podemos mudar.”<sup>255</sup> É por termos esta convicção que dedicamos o último capítulo deste Relatório Final a uma proposta pedagógica que visa incentivar essa mudança, a criação de *Focos de Conversão Ecológica Escolar*.

---

<sup>255</sup> J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 171.

### **CAPÍTULO III- Proposta Pedagógica: Criação de um *Foco de Conversão Ecológica Escolar***

#### **1. Focos de Conversão Ecológica Escolar. Apresentação da proposta e objetivos**

A encíclica *Laudato Si`* desafia-nos, como ao longo deste Relatório Final se tem vindo a constatar, não apenas a tomar consciência e conhecer a realidade, ou até reconhecer a necessidade de conversão e transformação, mas a dar passos concretos que propiciem, que façam efetivamente acontecer a mudança. Ora, como acabámos de ver, esse desafio coloca-se de forma particularmente pertinente a nível de educação, conscientes que é essa a via mais eficaz para o desenvolvimento e enraizamento nas gerações mais jovens de uma nova atitude, uma nova cultura cívica e ecológica.

O que se apresenta neste III Capítulo é um projeto que visa contribuir para essa mudança de mentalidade e atitude no seio da comunidade escolar. Propomos a criação de *Focos de Conversão Ecológica Escolar*, os quais têm por base a proposta da *Rede Cuidar da Casa Comum* de implementação deste tipo de *Focos* em diversos âmbitos eclesiais.

A *Rede Cuidar da Casa Comum* é constituída por pessoas a título individual, instituições, obras e movimentos da Igreja Católica, embora esteja aberta à participação ecuménica. No seu sítio na internet, [www.casacomum.pt](http://www.casacomum.pt), podemos encontrar o nome destas entidades, bem como documentação relevante e outras informações sobre a mesma. Os objetivos da *Rede*<sup>256</sup> consistem em aprofundar e difundir o pensamento da encíclica *Laudato Si`*; promover a nível eclesial a tomada de consciência para a importância das questões ecológicas; promover uma efetiva conversão ecológica; proporcionar instrumentos de análise que permitam pensar o futuro do planeta e da humanidade; aprofundar e difundir a teologia da criação e incentivar a celebração do dia da criação. Para alcançar estes objetivos, além de outras iniciativas, a *Rede*

---

<sup>256</sup> Cf. [www.casacomum.pt/Focos-de-conversao-ecologica](http://www.casacomum.pt/Focos-de-conversao-ecologica).

*Cuidar da Casa Comum* promove a criação de grupos locais, designados por *Focos de Conversão Ecológica*.

Podemos entender estes *Focos* como uma forma de concretizar a necessidade de criar redes comunitárias que façam frente ao problema ecológico. Não se trata, como veremos, apenas de lutar contra ele ou de denunciá-lo, mas também de fomentar uma consciência e um estilo de vida mais humano, e por isso mais ecológico, no contexto de uma sociedade que nos estimula continuamente em sentido contrário, fazendo por isso todo o sentido a criação destes *Focos*. A este tipo de iniciativas parece apontar o Papa Francisco:

“Para se resolver uma situação tão complexa como esta que enfrenta o mundo atual, não basta que cada um seja melhor. Os indivíduos isolados podem perder a capacidade e a liberdade de vencer a lógica da razão instrumental e acabam por sucumbir a um consumismo sem ética nem sentido social e ambiental. Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias [...] A conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária.”<sup>257</sup>

A *Rede Cuidar da Casa Comum* considera que a missão dos *Focos de Conversão Ecológica* se centra essencialmente em escutar o grito da nossa casa comum contra o mal que lhe provocamos, criando nas comunidades pontes de diálogo com vista à construção de uma ecologia integral. Ora, à luz desta missão, a qual podemos encontrar mais desenvolvidamente apresentada no seu sítio na internet<sup>258</sup>, podemos definir como objetivos específicos dos *Focos de Conversão Ecológica Escolar*:

- Conhecer os riscos ambientais, as enormes desigualdades e falta de coesão social que ameaçam a vida do planeta e da humanidade.

---

<sup>257</sup> LS 219.

<sup>258</sup> <http://casacomum.pt/Focos-de-conversao-ecologica/>.

- Identificar e denunciar na vida quotidiana, escolar, social, política e económica o uso irresponsável dos bens da terra.
- Sensibilizar e consciencializar a comunidade escolar para a adoção de estilos de vida acordes com uma ecologia integral, tanto a nível individual e familiar, como na própria escola.
- Contribuir para a implementação de práticas concretas na escola que reflitam essa conversão ecológica.

## **2. Criação de um *Foco de Conversão Ecológica Escolar* a partir da UL 1 do 6º ano**

Tendo sido a Unidade Letiva 1 do 6º ano, “A Pessoa Humana”, a UL de referência, a qual esteve na origem de toda a reflexão realizada neste Relatório Final, propomos que o *Foco de Conversão Ecológica Escolar* seja implementado a partir da lecionação dessa Unidade. Que assim seja, não significa que o mesmo não se possa implementar partindo de outras Unidades Letivas, o qual se explorará no ponto seguinte. Tampouco significa que apenas se pretenda trabalhar a questão ecológica com os alunos deste ano de escolaridade, senão que a sua implementação visa dinamizar toda a comunidade educativa e contribuir para a construção de modos de pensar, agir e viver em coerência com o paradigma de uma ecologia integral.

Ao lecionar a Unidade “A pessoa Humana” percebemos, conforme se expôs anteriormente, a possibilidade de enriquecê-la introduzindo a dimensão ecológica, na qual se evidencia “que nós mesmos somos terra”<sup>259</sup>, pertencemos a um planeta, habitando uma casa comum que temos que proteger e cuidar. Sendo esta dimensão introduzida ao longo da Unidade, tanto quando se desenvolve o tema das diferentes dimensões da pessoa humana, como no tema dos direitos humanos e da criança, consideramos que faz sentido, ao final da UL, ao lecionar o item relacionado com a promoção de condições para que todos possam ser “pessoas”, propor à turma

---

<sup>259</sup> LS 2.

a implementação de um destes *Focos* na escola. Seria esta uma forma concreta e prática de trabalhar a meta O “Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.”<sup>260</sup>

Assim pois, o processo de implementação do *Foco* poderá iniciar-se ao finalizar a lecionação da Unidade, o qual normalmente acontece ao final do primeiro período letivo. Após uma prévia apresentação da *Rede Cuidar da Casa Comum* e em concreto dos *Focos de Conversão Ecológica*, deve proporcionar-se um tempo amplo de diálogo com os elementos da turma, estimulando a partilha de ideias e sugestões, as quais devem ser tidas em conta pelo respetivo professor na concretização do Projeto. Desta forma, aquilo que aqui propomos, além de não constituir uma proposta excessivamente pormenorizada, não deve entender-se como a única, mas sim como uma das formas possíveis, e oxalá inspiradora, de implementação dos *Focos* nas escolas.

Tendo em conta o dito, o cronograma para a implementação do *Foco* poderá ser o seguinte:

	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Junho
Apresentação do Projeto à turma por parte do professor							
Formação do <i>Foco</i>							
Divulgação do projeto junto do pessoal docente e não docente							
Encontros dos membros do <i>Foco</i>							
Divulgação junto dos alunos e reflexão nas turmas							
Implementação de ações ecológicas na escola							
Divulgação e reflexão com Encarregados de Educação							

Repare-se que o cronograma apenas reflete o ano de implementação do *Foco*, não devendo isso entender-se como o seu tempo de durabilidade. Pretende-se que este tenha continuidade nos

<sup>260</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, 64.

anos seguintes, supondo sempre uma avaliação e revisão da sua forma de funcionamento e presença na escola. Os membros do *Foco* podem manter-se ou ser substituídos por outros, devendo, contudo, optar-se por uma certa estabilidade, de modo a garantir uma linha de continuidade com o trabalho realizado.

Propomos que o *Foco de Conversão Ecológica Escolar* reúna uma vez por mês e tenha a seguinte configuração: 6 alunos, 2 professores (um deles o professor de EMRC), 1 membro do pessoal não docente e 1 Encarregado de Educação. De entre eles deve ser designado um animador que será o responsável por convocar as reuniões de *Foco*, prepará-las e dinamizá-las, bem como estabelecer o contacto com a *Rede Cuidar da Casa Comum*. Sugerimos que no ano de implementação o animador seja o professor de EMRC por ser aquele que desencadeou o Projeto e teve por isso que trabalhá-lo já previamente.

### **3. Programa de EMRC e implementação de *Focos de Conversão Ecológica Escolar*<sup>261</sup>**

Ao analisar o Programa de EMRC verificamos que Os *Focos de Conversão Ecológica Escolar* podem ser implementados partindo de outras Unidades Letivas em diferentes anos de escolaridade. Tendo em conta a faixa etária dos alunos consideramos prematuro desenvolvê-los no primeiro ciclo, pelo menos com a complexidade com que aqui se entendem. No segundo ciclo parece-nos adequado fazê-lo, conforme se acaba de expor, já no 6º ano, na UL 1.

No terceiro ciclo, especialmente propícias para a implementação deste projeto encontramos duas Unidades Letivas:

- UL 1 do 7º ano- “As origens”. Os conteúdos relacionados com a teologia da criação e mais especificamente a questão colocada ao final da Unidade sobre como colaborar com Deus na

---

<sup>261</sup> Todas as metas, objetivos e conteúdos mencionados neste ponto são citados do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014.

obra da criação, a importância do cuidado, do respeito por todas as coisas e seres criados e o uso responsável dos recursos, é uma boa base de partida para propor a implementação de um *Foco* na escola. Recordemos que um dos objetivos desta Unidade é precisamente “assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação”, o qual está associado à meta O “Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.”

- UL 4 do 8º ano- “Ecologia e Valores”. É toda uma Unidade dedicada especificamente à questão ecológica, a qual pode ser certamente muito enriquecida pela perspetiva de ecologia integral da *Laudato Si`*. Nesta Unidade todos os conteúdos, e mais especificamente aqueles que sublinham a responsabilidade do ser humano em relação à natureza, o empenho pessoal em criar condições de habitabilidade no mundo, são, sem dúvida, propícios à proposta de implementação de um *Foco de Conversão Ecológica Escolar*.

No Secundário, dada a faixa etária dos alunos, é a etapa onde mais se desenvolvem as temáticas relacionadas com a Doutrina Social da Igreja. Tendo o paradigma de ecologia integral, tal como se evidenciou ao longo deste Relatório, uma forte componente política e socioeconómica, não podendo desligar-se das situações de pobreza e desigualdade que afetam o nosso mundo, consideramos que, das dez Unidades Letivas do Secundário, é especialmente pertinente e adequada para propor o projeto de criação de um *Foco* a UL 3 “Ética e Economia”. Os conteúdos relacionados com o bem comum, o desenvolvimento económico, a desigualdade e a pobreza, bem como o dever de denunciá-la e lutar contra ela, o consumismo, a atividade económica e o equilíbrio ecológico, propiciam a aposta num projeto como o que aqui se propõe, contribuindo para atingir as metas N “promover o bem comum e o cuidado do outro” e O “Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.”



Repare-se que a criação do *Foco*, não apenas se converte numa mais-valia para a escola e toda a sua comunidade, senão que enriquece as Unidades a partir das quais este se implementa, contribuindo para que se alcancem os seus objetivos e metas.

Apresentamos seguidamente a proposta de um itinerário de implementação dos *Focos* na escola, bem como os textos que podem servir de apoio aos encontros.

#### 4. Itinerário de implementação e Textos de Apoio para Encontros de *Foco*

A proposta de itinerário para o ano de implementação dos *Focos de Conversão Ecológica Escolar* que agora apresentamos parte da lecionação da Unidade Letiva 1 do 6º ano. Uma vez que esta Unidade normalmente termina quase ao final do 1º período escolar, propõe-se que o projeto seja lançado em dezembro, iniciando-se os encontros de *Foco* apenas em janeiro, tendo estes uma periodicidade mensal. Assim, prevemos a realização de seis encontros ao longo deste primeiro ano, cujo principal objetivo será a sensibilização de toda a comunidade escolar para a necessidade de fomentar práticas mais acordes com o paradigma de ecologia integral proposto pelo Papa Francisco, bem como o início de implementação de algumas dessas práticas. Na tabela seguinte encontramos, então, o itinerário proposto, especificando-se os objetivos de cada um dos encontros de *Foco*, bem como os recursos necessários para os mesmos.

Encontro e Data	Tema do Encontro	Objetivos	Recursos
I Encontro Janeiro	Caminhando em comunidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação dos membros do <i>Foco</i>.</li> <li>- Apresentação da <i>Rede Cuidar da Casa Comum</i>.</li> <li>- Dar a conhecer os objetivos dos <i>Focos de Conversão Ecológica Escolar</i> e sua dinâmica de funcionamento.</li> <li>- Apresentação da encíclica <i>Laudato Si'</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador</li> <li>- Projetor</li> <li>- Novelo de lã</li> <li>- Encíclica <i>LS</i></li> <li>- Fotocópias com “Quadro de observação da realidade”.</li> </ul>

<b>Encontro e Data</b>	<b>Tema do Encontro</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Recursos</b>
II Encontro Fevereiro	Fazendo <i>zoom</i> sobre a realidade da nossa casa comum	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observar a realidade que nos circunda.</li> <li>- Tomar consciência dos aspetos que favorecem e contradizem uma ecologia integral, particularmente no seio da escola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador</li> <li>- Projetor</li> <li>- Encíclica <i>LS</i></li> <li>- Vídeo sobre impacto da ação humana na natureza</li> <li>- Cartolina com “Quadro de observação da realidade”</li> <li>- Slide para projetar com a “Oração pela nossa terra”.</li> </ul>
III Encontro Março	Fazendo <i>zoom</i> sobre o ser humano que habita a casa comum	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar as raízes antropológicas da crise ecológica.</li> <li>- Identificar atitudes e hábitos sociais, pessoais e na própria escola que contribuem para essa crise ecológica.</li> <li>- Descobrir gestos e atitudes que contribuem para viver numa dinâmica de ecologia integral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encíclica <i>LS</i></li> <li>- “Cebola”</li> </ul>
IV Encontro Abril	Ecologia da vida quotidiana na escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tomar consciência da importância dos gestos e hábitos do dia-a-dia no cuidado da criação.</li> <li>- Identificar formas concretas de sermos mais ecológicos na vida quotidiana.</li> <li>- Elaborar um projeto de sensibilização dos alunos para a temática da ecologia integral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encíclica <i>LS</i></li> <li>- Fotocópias com Oração de São Francisco</li> </ul>
V Encontro Maio	Ecologia da vida quotidiana nas famílias	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tomar consciência da importância dos gestos e hábitos do dia-a-dia no cuidado da criação.</li> <li>- Elaborar um projeto de sensibilização dos Encarregados de Educação para a temática da ecologia integral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador</li> <li>- Projetor</li> <li>- Encíclica <i>LS</i></li> <li>- Fotocópias com nº 222 e 223 da <i>LS</i></li> <li>- Slide para projetar com a “Oração cristã com a criação”.</li> </ul>
VI Encontro Junho	Avaliação do caminho percorrido	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar os aspetos positivos e a melhorar nos encontros de <i>Foco</i>.</li> <li>- Avaliar as ações realizadas junto dos alunos.</li> <li>- Avaliar as ações realizadas com os Encarregados de Educação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encíclica <i>LS</i></li> <li>- “Pegadas” em papel</li> </ul>

Seguidamente apresentam-se os seis Textos de Apoio para os encontros. A estrutura é similar para todos; é sempre feita uma proposta de trabalho pessoal para o mês, iniciando-se o encontro seguinte com a partilha acerca desse trabalho realizado por cada membro, o qual entendemos contribuir para estabelecer um fio condutor na reflexão que se vai realizando. Para terminar os

encontros sugerem-se duas propostas alternativas, uma de oração, caso o *Foco* se implemente no contexto de uma escola católica, e outra de reflexão, caso estejamos no contexto de uma escola não católica, pública ou privada. Fazemo-lo por considerar fundamental abordar estes temas com abertura de mente e coração, criando um “espaço interno” que fomente a profundidade nos diálogos e debates realizados. O documento que serve de base a todos os encontros é a encíclica *Laudato Si’*. Somos conscientes que a mesma pode comportar um certo grau de complexidade para alunos de 6º ano, mas optamos ainda assim, dada a relevância da mesma para o tema que nos ocupa, por não prescindir dela, tendo, contudo, o cuidado de propor a leitura de números não excessivamente complexos e contando sempre com a possibilidade de uma breve explicação por parte do animador no sentido de facilitar a sua compreensão.

## FOCO DE CONVERSÃO ECOLÓGICA ESCOLAR

### TEXTO DE APOIO I

#### *Caminhando em comunidade*

##### **Objetivos do I Encontro:**

- Apresentação dos membros do *Foco*.
- Apresentação da *Rede Cuidar da Casa Comum*.
- Dar a conhecer os objetivos dos *Focos de Conversão Ecológica Escolar* e sua dinâmica de funcionamento.
- Apresentação da encíclica *Laudato Si'*.

1 - **Apresentação dos membros do *Foco*** através da dinâmica do novelo. Colocados de pé e em círculo um dos membros começa a apresentar-se dizendo o nome, motivação e expectativas em relação ao *Foco*. Seguidamente passa o novelo a outro membro do grupo e assim seguidamente até todos se terem apresentado, tendo-se formado uma rede com o fio do novelo.

2 - **Breve reflexão sobre a rede criada** entre todos os membros presentes. Sublinhar a importância de juntos, em rede, contribuirmos para melhorar o mundo, a sociedade, a escola.

3 - **Leitura de LS 219**, reforçando a partilha que acaba de ser feita sobre a importância de criar redes e não empenhar-nos apenas numa conversão ecológica individual.

LS 219: “Para se resolver uma situação tão complexa como esta que enfrenta o mundo atual, não basta que cada um seja melhor. Os indivíduos isolados podem perder a capacidade e a liberdade de vencer a lógica da razão instrumental e acabam por sucumbir a um consumismo sem ética nem sentido social e ambiental. Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias: «As exigências desta obra serão tão grandes, que as possibilidades das iniciativas individuais e a cooperação dos particulares, formados de maneira individualista, não serão capazes de lhes dar resposta. Será necessária uma união de forças e uma unidade de contribuições». A conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária.”

4 - **Apresentação da Rede Cuidar da Casa Comum** (apresentar o site: [www.casacomum.pt](http://www.casacomum.pt)), de modo a que todos percebam que fazemos parte de uma rede bem maior que o nosso pequeno *Foco*.

5 - **Apresentação e diálogo sobre os objetivos deste *Foco de Conversão Ecológica Escolar*:**

- Conhecer os riscos ambientais, as enormes desigualdades e falta de coesão social que ameaçam a vida do planeta e da humanidade.
- Identificar e denunciar na vida quotidiana, escolar, social, política e económica o uso irresponsável dos bens da terra.
- Sensibilizar e consciencializar a comunidade escolar para a adoção de estilos de vida acordes com uma ecologia integral, tanto a nível individual e familiar, como na própria escola.
- Contribuir para a implementação de práticas concretas na escola que reflitam essa conversão ecológica.

6 - **Apresentação da encíclica *Laudato Si'***, que servirá de base à reflexão e trabalho desenvolvido pelo *Foco*:

- “Chuva de ideias” sobre o que dela conhecemos.
- Leitura comentada do nº 16 da *LS*, apresentando os seus núcleos temáticos:
  - A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta
  - A convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo
  - A crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia
  - O convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso
  - O valor próprio de cada criatura e o sentido humano da ecologia
  - A necessidade de debates sinceros e honestos

- A grave responsabilidade da política internacional e local
- A cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida

O animador sublinha a importância do documento, destacando a convicção do Papa de que tudo está interligado e a sua visão ampla do problema ecológico, o qual envolve questões económicas, políticas, sociais, antropológicas, espirituais e uma ecologia da vida quotidiana, especialmente pertinente para o trabalho a desenvolver neste *Foco*.

## 7 - Proposta para o mês:

Estar atentos à realidade que nos circunda, na nossa vida quotidiana e através dos diversos meios de comunicação social, tomando nota das situações e acontecimentos que mais nos despertam a atenção no sentido de beneficiar ou contradizer uma ecologia integral, observando com particular atenção a vida na escola. Para facilitar esta observação podemos recorrer ao seguinte quadro:

### OBSERVAÇÃO DA REALIDADE

	Aspetos que favorecem uma ecologia integral	Aspetos que contradizem uma ecologia integral
<b>Realidade social e natural:</b> desigualdades; poluição; clima...		
<b>Estilos de vida:</b> consumo; cultura do descarte,...		
<b>Escola:</b>  - Cantina  - Salas de Aula  - Espaços Exteriores		
Outros		

## 8 - Momento de oração ou silêncio reflexivo

### Proposta de oração

- Convite a, em silêncio, apresentar a Deus, Aquele que cria por amor, tudo o que neste encontro foi falado, debatido, pensado, para que os passos que dermos sejam sempre conformes à Sua vontade e coração de Pai amoroso de todas as criaturas.
- Preces espontâneas, pedindo por esta nossa casa comum.
- Pedimos a Deus a capacidade de “viver olhos abertos”, atentos à realidade que nos envolve, evitando toda e qualquer atitude de indiferença. Pedimos a capacidade de olhar o mundo à luz do Evangelho e da mensagem de Jesus.
- Pai Nosso

### Proposta de reflexão

- Momento de silêncio, permitindo que o que foi dito ao longo do encontro tenha eco em nós.
- Reler individualmente o nº 219 da *LS*. Cada um partilha uma frase que lhe pareça particularmente significativa.
- Conclusão por parte do animador.

## FOCO DE CONVERSÃO ECOLÓGICA ESCOLAR

### TEXTO DE APOIO II

#### *Fazendo zoom sobre a realidade da nossa casa comum*

##### **Objetivos do II Encontro:**

- Observar a realidade que nos circunda.
- Tomar consciência dos aspetos que favorecem e contradizem uma ecologia integral, particularmente no seio da escola.

#### **1 - Leitura dos números 18 e 19 da LS:**

LS 18: “A contínua aceleração das mudanças na humanidade e no planeta junta-se, hoje, à intensificação dos ritmos de vida e trabalho, que alguns, em espanhol, designam por «rapidación». Embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as acções humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica. A isto vem juntar-se o problema de que os objectivos desta mudança rápida e constante não estão necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral. A mudança é algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade.”

LS 19: “Depois dum tempo de confiança irracional no progresso e nas capacidades humanas, uma parte da sociedade está a entrar numa etapa de maior consciencialização. Nota-se uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza, e cresce uma sincera e sentida preocupação pelo que está a acontecer ao nosso planeta. Façamos uma resenha, certamente incompleta, das questões que hoje nos causam inquietação e já não se podem esconder debaixo do tapete. O objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar.”

2 - **Partilha** das situações que mais nos despertaram a atenção no último mês, de forma a, como diz o Papa neste último número que acabamos de ler, não só “recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal



aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar”  
(LS 19).

Cada um dos participantes escreve, de forma sintética, no quadro desenhado em cartolina, um aspecto dos observados durante o mês em cada um dos itens, explicando-os oralmente.

### OBSERVAÇÃO DA REALIDADE

	Aspetos que favorecem uma ecologia integral	Aspetos que contradizem uma ecologia integral
<b>Realidade social e natural:</b> desigualdades; poluição; clima...		
<b>Estilos de vida:</b> consumo; cultura do descarte,...		
<b>Escola:</b>		
- Cantina		
- Salas de Aula		
- Espaços Exteriores		
Outros		

3 - O dinamizador convida a **completar alguns aspetos** que possam ter ficado mais incompletos e faz um breve resumo sobre os principais elementos observados. Sublinha a importância de habituar-nos a estar atentos e cultivar um olhar crítico sobre a realidade. Um olhar que ajude o coração a sentir, pois, “olhos que não veem, coração que não sente” e nos ajude a deixar afetar, comover pela realidade, levando-nos a comprometer-nos com ela e colaborar no cuidado da nossa casa comum.

4 - O Papa Francisco alerta para a **importância de percebermos as causas e raízes dos problemas** que nos afetam, incentivando-nos a uma reflexão mais profunda. Na encíclica *Laudato Si'*, o pontífice reconhece “a raiz humana da crise ecológica” (LS 101). São os comportamentos humanos, a forma como a pessoa humana se entende a si própria, se situa e relaciona com a natureza e todos os seus elementos que estão na raiz da crise ecológica que atravessamos. O Papa deteta um “modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano” (LS 101).

#### **Leitura do número 122 da LS e visualização de um pequeno vídeo:**

LS 122: “Um antropocentrismo desordenado gera um estilo de vida desordenado. Na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, referi-me ao relativismo prático que caracteriza a nossa época e que é «ainda mais perigoso que o doutrinal». Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, juntamente com a onnipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante. Nisto, há uma lógica que permite compreender como se alimentam mutuamente diferentes atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social.”

<https://www.youtube.com/watch?v=4OoUVp1eJGk&feature=youtu.be>: Vídeo de 1 min., adequado para os mais jovens. Reflete como a ação humana, ao agredir a natureza, desencadeia um processo de degradação do planeta que afeta tanto os restantes seres vivos como o próprio ser humano, sofrendo este as consequências dos seus próprios atos.

#### **5 - Proposta para o mês**

Refletir sobre as seguintes questões:

- Que atitudes e hábitos deteto em mim e nos outros que exemplifiquem o que o Papa denomina um “estilo de vida desordenado”?

- O Papa fala de um “relativismo prático”, no qual “tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante”. Também nós vivemos este relativismo e o primeiro passo para sair dele é reconhecê-lo. Identifica atitudes na sociedade, na escola e em ti próprio, que o exemplifiquem.

## **6 - Momento de oração ou silêncio reflexivo**

### Proposta de oração

- Convite a, em silêncio, apresentar a Deus, Aquele que cria por amor, tudo o que neste encontro foi falado, debatido, pensado, para que os passos que dermos sejam sempre conformes à Sua vontade e coração de Pai amoroso de todas as criaturas.

- Oração pela nossa terra (proposta pelo Papa Francisco ao final da *LS*):

#### **Oração pela nossa terra**

Deus Onipotente,  
que estais presente em todo o universo  
e na mais pequenina das vossas criaturas,  
Vós que envolveis com a vossa ternura  
tudo o que existe,  
derramai em nós a força do vosso amor  
para cuidarmos da vida e da beleza.  
Inundai-nos de paz,  
para que vivamos como irmãos e irmãs  
sem prejudicar ninguém.  
Ó Deus dos pobres,  
ajudai-nos a resgatar  
os abandonados e esquecidos desta terra  
que valem tanto aos vossos olhos.  
Curai a nossa vida,  
para que protejamos o mundo  
e não o depredemos,  
para que semeemos beleza  
e não poluição nem destruição.  
Tocai os corações  
daqueles que buscam apenas benefícios  
à custa dos pobres e da terra.  
Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,  
a contemplar com encanto,  
a reconhecer que estamos profundamente unidos  
com todas as criaturas  
no nosso caminho para a vossa luz infinita.  
Obrigado porque estais connosco todos os dias.  
Sustentai-nos, por favor, na nossa luta  
pela justiça, o amor e a paz.

- Ressonância da Oração: cada um repete a frase que é para si mais significativa.

- Pai Nosso

### Proposta de reflexão

- Momento de silêncio, permitindo que o que foi dito ao longo do encontro tenha eco em nós.

- Num quadro, cada um escreve a palavra que melhor resume o que foi partilhado neste encontro.

- Conclusão por parte do animador.

## FOCO DE CONVERSÃO ECOLÓGICA ESCOLAR

### TEXTO DE APOIO III

#### **Fazendo *zoom* sobre o ser humano que habita a casa comum**

##### **Objetivos do III Encontro:**

- Identificar as raízes antropológicas da crise ecológica.
- Identificar atitudes e hábitos sociais, pessoais e na própria escola que contribuem para essa crise ecológica.
- Descobrir gestos e atitudes que contribuem para viver numa dinâmica de ecologia integral.

**1 - Leitura do número 118 da *LS* e partilha das questões propostas para a reflexão no último encontro**, no contexto da estreita vinculação entre ecologia e antropologia, conscientes de que “não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo” (*LS* 118):

*LS* 118: “[...] não se pode prescindir da humanidade. Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia. Quando a pessoa humana é considerada apenas mais um ser entre outros, que provém de jogos do acaso ou dum determinismo físico, «corre o risco de atenuar-se, nas consciências, a noção da responsabilidade». Um antropocentrismo desordenado não deve necessariamente ser substituído por um «biocentrismo», porque isto implicaria introduzir um novo desequilíbrio que não só não resolverá os problemas existentes, mas acrescentará outros. Não se pode exigir do ser humano um compromisso para com o mundo, se ao mesmo tempo não se reconhecem e valorizam as suas peculiares capacidades de conhecimento, vontade, liberdade e responsabilidade.”

O dinamizador recolhe as partilhas, fazendo uma pequena síntese e sublinhando a importância de sermos conscientes destas raízes profundas da crise ecológica.

**2 - O Papa Francisco apela a uma conversão integral**, pois, a fé cristã afeta todas as dimensões da pessoa humana. Os cristãos são chamados a deixar que a mensagem de Jesus tenha consequências em todas as dimensões da vida, incluindo na forma como nos situamos na nossa

casa comum. Mas aquilo de que o Papa fala é verdade não apenas para os cristãos, mas para todos. Há atitudes como a gratidão, a gratuidade, generosidade, a comunhão com todos os seres, que devemos cultivar como seres humanos que somos. **Leitura do número 220 da LS:**

*LS 220:* “Esta conversão comporta várias atitudes que se conjugam para activar um cuidado generoso e cheio de ternura. Em primeiro lugar, implica gratidão e gratuidade, ou seja, um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem agradeça. «Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita (...); e teu Pai, que vê o oculto, há-de premiar-te» (Mt 6, 3-4). Implica ainda a consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas, mas de formar com os outros seres do universo uma estupenda comunhão universal. O crente contempla o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres.”

**3 - Dinâmica da cebola.** Com papel de jornal constrói-se uma “cebola”; entre cada capa encontra-se uma questão. A cebola vai sendo passada entre os diferentes elementos do grupo e quem a recebe tem que responder à questão que lhe corresponde. Questões:

- Recorda uma passagem bíblica ou um ensinamento de uma das grandes religiões que confirme o respeito e cuidado que devemos ter com a nossa casa comum.
- O Papa convida a fazer o bem, sem o apregoar. Achas isso importante? Partilha a tua opinião com o grupo.
- Partilha com o grupo dois gestos de gratidão que tenhas visto recentemente.
- Partilha com o grupo dois gestos de gratuidade que tenhas visto recentemente.
- Propõe um gesto de gratidão e outro de gratuidade a realizar no próximo mês por parte dos elementos do grupo.
- Exemplifica gestos generosos que possamos levar a cabo.
- Exemplifica duas formas de cuidar da nossa casa comum.

- Identifica dois aspetos da nossa vida em sociedade que necessitam conversão, contribuindo assim, para um maior cuidado da casa comum.

- Identifica dois aspetos da vida escolar que necessitam conversão, contribuindo assim, para um maior cuidado da casa comum.

- Identifica dois aspetos da vida familiar ou pessoal que necessitam conversão, contribuindo para estilos de vida mais ecológicos.

#### **4 - Redigir uma síntese do que foi dito**

#### **5 - Proposta para o mês:**

Tendo em conta a partilha do encontro de hoje, ir ensaiando pequenas alterações nos hábitos pessoais, familiares e escolares.

#### **6 - Momento de oração ou silêncio reflexivo**

##### Proposta de oração

- Convite a, em silêncio, apresentar a Deus, Aquele que cria por amor, tudo o que neste encontro foi falado, debatido, pensado, para que os passos que dermos sejam sempre conformes à Sua vontade e coração de Pai amoroso de todas as criaturas.

- Leitura do número 217 da *LS*

*LS* 217: “Se «os desertos exteriores se multiplicam no mundo, porque os desertos interiores se tornaram tão amplos», a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior. Entretanto temos de reconhecer também que alguns cristãos, até comprometidos e piedosos, com o pretexto do realismo pragmático frequentemente se burlam das preocupações pelo meio ambiente. Outros são passivos, não se decidem a mudar os seus hábitos e tornam-se incoerentes. Falta-lhes, pois, uma **conversão ecológica**, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspeto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa.”

- Convite a que espontaneamente, cada um dos membros presentes partilhe um aspeto da nossa vida de cristãos que precisa de entrar numa lógica de conversão ecológica.

- Pai Nosso

#### Proposta de reflexão

- Momento de silêncio, permitindo que o que foi dito ao longo do encontro tenha eco em nós.
- Cada membro do grupo partilha o sentimento que melhor exprime a forma como viveu este encontro e o que significou para si.
- Conclusão por parte do animador.



## FOCO DE CONVERSÃO ECOLÓGICA ESCOLAR

### TEXTO DE APOIO IV

#### *Ecologia da vida quotidiana na escola*

##### **Objetivos do IV Encontro:**

- Tomar consciência da importância dos gestos e hábitos do dia-a-dia no cuidado da criação.
- Identificar formas concretas de sermos mais ecológicos na vida quotidiana.
- Elaborar um projeto de sensibilização dos alunos para a temática da ecologia integral.

**1 - Partilha sobre as pequenas mudanças ensaiadas ao longo do mês,** à luz do dinamismo de mudança proposto pelo Papa Francisco.

2 - O Papa alerta para a importância dos pequenos gestos, hábitos e opções do dia-a-dia no sentido de encontrar soluções aos grandes problemas. A forma como nós próprios vivemos, as pequenas iniciativas que podemos desenvolver para que outros tomem consciência da grave situação ecológica que atravessamos são muito importantes.

##### **Leitura e partilha sobre os números 211 e 212 da LS:**

LS 211: “Às vezes, porém, esta educação, chamada a criar uma «cidadania ecológica», limita-se a informar e não consegue fazer maturar hábitos. A existência de leis e normas não é suficiente, a longo prazo, para limitar os maus comportamentos, mesmo que haja um válido controle. Para a norma jurídica produzir efeitos importantes e duradouros, é preciso que a maior parte dos membros da sociedade a tenha acolhido, com base em motivações adequadas, e reaja com uma transformação pessoal. A doação de si mesmo num compromisso ecológico só é possível a partir do cultivo de virtudes sólidas. Se uma pessoa habitualmente se resguarda um pouco mais em vez de ligar o aquecimento, embora as suas economias lhe permitam consumir e gastar mais, isso supõe que adquiriu convicções e modos de sentir favoráveis ao cuidado do ambiente. É muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas acções diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas até dar forma a um estilo de vida. A educação na responsabilidade ambiental pode incentivar vários comportamentos que têm incidência directa e importante no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá

comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias... Tudo isto faz parte duma criatividade generosa e dignificante, que põe a descoberto o melhor do ser humano. Voltar – com base em motivações profundas – a utilizar algo em vez de o desperdiçar rapidamente pode ser um acto de amor que exprime a nossa dignidade.”

*LS 212:* “E não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo. Estas acções espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar; provocam, no seio desta terra, um bem que sempre tende a difundir-se, por vezes invisivelmente. Além disso, o exercício destes comportamentos restitui-nos o sentimento da nossa dignidade, leva-nos a uma maior profundidade existencial, permite-nos experimentar que vale a pena a nossa passagem por este mundo.”

### 3 - **Reflexão e partilha** sobre as seguintes questões:

- Que propostas concretas podemos apresentar às turmas no sentido de implementar hábitos mais ecológicos na escola (ecologia entendida sempre na sua dimensão integral)?
- Elaboração de uma tabela onde sejam contempladas algumas dimensões a não esquecer e que contribua para uma reflexão concreta por parte as turmas, nomeadamente: resíduos; água; energia; espaços exteriores; ruído; alimentação.<sup>262</sup>

### 4 - **Proposta para o mês**

- Continuar a consolidar e aprofundar os novos hábitos pessoais adquiridos no mês anterior.
- Promover no nosso círculo de familiares, colegas e amigos a importância dos pequenos gestos quotidianos na implementação de estilos de vida mais saudáveis e amigos do ambiente.

---

<sup>262</sup> Estes elementos são alguns dos propostos pelo Programa Eco- Escolas, na sua Guia Eco- escolas, <https://ecoescolas.abae.pt/wp-content/uploads/sites/3/2014/09/Guia-do-professor1.pdf> . O Programa Eco- Escolas é um programa vocacionado para a educação ambiental, sustentabilidade e cidadania, implementado pela Fundação para a Educação Ambiental (FEE) e ao qual as escolas podem aderir.

## 5 - Momento de oração ou silêncio reflexivo

### Proposta de oração

- Convite a, em silêncio, apresentar a Deus, Aquele que cria por amor, tudo o que neste encontro foi falado, debatido, pensado, para que os passos que dermos sejam sempre conformes à Sua vontade e coração de Pai amoroso de todas as criaturas.

- Oração de São Francisco

Louvado sejas, meu Senhor,  
com todas as tuas criaturas,  
especialmente o meu senhor irmão sol,  
o qual faz o dia e por ele nos alumia.  
E ele é belo e radiante com grande esplendor:  
de Ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.  
Louvado sejas, meu Senhor,  
pela irmã lua e pelas estrelas,  
que no céu formaste claras, preciosas e belas.  
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento  
pelo ar, pela nuvem, pelo sereno, e todo o tempo,  
com o qual, às tuas criaturas, dás o sustento.  
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água,  
que é tão útil e humilde, e preciosa e casta.  
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo,  
pelo qual iluminas a noite:  
ele é belo e alegre, vigoroso e forte.

- Ressonância da Oração: cada um repete a frase que é para si mais significativa.

- Pai Nosso

### Proposta de reflexão

- Momento de silêncio, permitindo que o que foi dito ao longo do encontro tenha eco em nós.

- O animador convida a um momento de relaxação, numa posição confortável, tomando consciência da própria respiração. Convite a que cada um se sinta interligado e em profunda

comunhão com todos os outros seres humanos e elementos da natureza (pode colocar-se música de fundo).

- Partilha breve da experiência vivida.

- Conclusão por parte do animador.

## FOCO DE CONVERSÃO ECOLÓGICA ESCOLAR

### TEXTO DE APOIO V

#### *Ecologia da vida quotidiana nas famílias*

##### **Objetivos do V Encontro:**

- Tomar consciência da importância dos gestos e hábitos do dia-a-dia no cuidado da criação.
- Elaborar um projeto de sensibilização dos Encarregados de Educação para a temática da ecologia integral.

**1 - Partilha sobre a implementação de novos hábitos pessoais.** Levámo-los a cabo? Que resistências, dificuldades e vantagens encontrámos?

#### **2 - Leitura comentada dos números 222 e 223**

LS 222: “A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo. É importante adoptar um antigo ensinamento, presente em distintas tradições religiosas e também na Bíblia. Trata-se da convicção de que «quanto menos, tanto mais». Com efeito, a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento. Pelo contrário, tornar-se serenamente presente diante de cada realidade, por mais pequena que seja, abre-nos muitas mais possibilidades de compreensão e realização pessoal. A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres.”

LS 223: “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contacto

com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece.”

### 3 - À luz destes números da *LS*, refletir e partilhar sobre as seguintes questões:

- O que entendemos pela expressão utilizada pelo Papa “quanto menos, tanto mais”?
- Acreditamos que é possível viver melhor consumindo menos?
- Que propostas concretas podemos lançar às famílias nas reuniões de Encarregados de Educação de final de ano letivo, no sentido de promover um estilo de vida familiar mais acorde com um paradigma de ecologia integral?
- Elaboração de uma tabela onde sejam contempladas algumas dimensões que contribuam para uma reflexão concreta a realizar com os Encarregados de Educação, nomeadamente: hábitos de consumo (como consumir menos?); formas de poupança energética; reciclagem; formas de festejar; como dar prioridade aos valores não quantificáveis (amizade, alegria e capacidade de desfrutar dos bons momentos, sinceridade...).

### 4 - Proposta para o próximo mês

Refletir sobre o caminho realizado pelo *Foco* ao longo destes meses: aspetos positivos e aspetos a melhorar.

### 5 - Momento de oração ou silêncio reflexivo

#### Proposta de oração

- Convite a, em silêncio, apresentar a Deus, Aquele que cria por amor, tudo o que neste encontro foi falado, debatido, pensado, para que os passos que dermos sejam sempre conformes à Sua vontade e coração de Pai amoroso de todas as criaturas.
- Oração com a criação (proposta pelo Papa Francisco ao final da *LS*):

### **Oração cristã com a criação**

Nós Vos louvamos, Pai,  
com todas as vossas criaturas,  
que saíram da vossa mão poderosa.  
São vossas e estão repletas da vossa presença  
e da vossa ternura.  
Louvado sejais!

Filho de Deus, Jesus,  
por Vós foram criadas todas as coisas.  
Fostes formado no seio materno de Maria,  
fizestes-Vos parte desta terra,  
e contemplastes este mundo  
com olhos humanos.  
Hoje estais vivo em cada criatura  
com a vossa glória de ressuscitado.  
Louvado sejais!

Espírito Santo, que, com a vossa luz,  
guiais este mundo para o amor do Pai  
e acompanhais o gemido da criação,  
Vós viveis também nos nossos corações  
a fim de nos impelir para o bem.  
Louvado sejais!

Senhor Deus, Uno e Trino,  
comunidade estupenda de amor infinito,  
ensinai-nos a contemplar-Vos  
na beleza do universo, onde tudo nos fala de Vós.

Despertai o nosso louvor e a nossa gratidão  
por cada ser que criastes.  
Dai-nos a graça de nos sentirmos  
intimamente unidos a tudo o que existe.

Deus de amor,  
mostrai-nos o nosso lugar neste mundo  
como instrumentos do vosso carinho  
por todos os seres desta terra,  
porque nem um deles sequer é esquecido por Vós.

Iluminai os donos do poder e do dinheiro  
para que não caiam no pecado da indiferença,  
amem o bem comum, promovam os fracos,  
e cuidem deste mundo que habitamos.

Os pobres e a terra estão bradando:  
Senhor, tomai-nos  
sob o vosso poder e a vossa luz,  
para proteger cada vida,  
para preparar um futuro melhor,  
para que venha o vosso Reino  
de justiça, paz, amor e beleza.  
Louvado sejais!

Ámen.

- Ressonância da Oração: cada um repete a frase que é para si mais significativa.

- Pai Nosso

#### Proposta de reflexão

- Momento de silêncio, permitindo que o que foi dito ao longo do encontro tenha eco em nós.

- Leitura individual dos dois números, 222 e 223, da *LS* trabalhados neste encontro. Partilha da frase mais significativa para cada um.

- Conclusão por parte do animador.



# FOCO DE CONVERSÃO ECOLÓGICA ESCOLAR

## TEXTO DE APOIO VI

### *Avaliação do caminho percorrido*

#### **Objetivos do VI Encontro:**

- Identificar os aspetos positivos e a melhorar nos encontros de *Foco*.
- Avaliar as ações realizadas junto dos alunos.
- Avaliar as ações realizadas com os Encarregados de Educação.

#### **1 - Leitura e partilha sobre os números 64 e 65:**

LS 64: “[...] Se pelo simples facto de ser humanas, as pessoas se sentem movidas a cuidar do ambiente de que fazem parte, «os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e os seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte da sua fé». Por isso é bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções.”

LS 65: “[...] A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que «não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas». São João Paulo II recordou que o amor muito especial que o Criador tem por cada ser humano «confere-lhe uma dignidade infinita». Todos aqueles que estão empenhados na defesa da dignidade das pessoas podem encontrar, na fé cristã, as razões mais profundas para tal compromisso. Como é maravilhosa a certeza de que a vida de cada pessoa não se perde num caos desesperador, num mundo regido pelo puro acaso ou por ciclos que se repetem sem sentido! O Criador pode dizer a cada um de nós: «Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia» (Jr 1, 5). Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, «cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário».”

#### **2 - Avaliação do caminho percorrido pelo *Foco*:**

- Avaliação do caminho de conversão ecológica percorrido por cada elemento do grupo.

- Como grupo, foi positiva a dinâmica realizada? Aspectos positivos e a melhorar nos encontros de *Foco*.

- Avaliação das ações realizadas junto dos alunos: aspectos positivos e aspectos a melhorar.

- Avaliação das ações realizadas junto dos Encarregados de Educação: aspectos positivos e aspectos a melhorar.

### **3 - Proposta para o período de férias letivas**

Refletir sobre o caminho a realizar pelo *Foco de Conversão Ecológica* no próximo ano letivo, tendo em conta a avaliação realizada.

### **4 - Momento de oração ou silêncio reflexivo**

#### Proposta de oração

- Convite a, em silêncio, apresentar a Deus, Aquele que cria por amor, tudo o que neste encontro foi falado, debatido, pensado, para que os passos que dermos sejam sempre conformes à Sua vontade e coração de Pai amoroso de todas as criaturas.

- Escrever uma ou duas palavras que resuma o sentido do caminho realizado como *Foco* numa pegada previamente repartida pelos presentes. Os mesmos são convidados a colocá-la ao centro, de forma a que o conjunto de todas as pegadas vá formando um caminho.

- Pai Nosso

- Terminamos rezando a Maria, “a mãe que cuidou de Jesus e agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido [...] A Mãe e Rainha de toda a criação” (LS 241):  
Ave Maria

### Proposta de reflexão

- Momento de silêncio, permitindo que o que foi dito ao longo do encontro tenha eco em nós.
- Escrever uma ou duas palavras que resuma o sentido do caminho realizado como *Foco* numa pegada previamente repartida pelos presentes. Os mesmos são convidados a colocá-la ao centro, de forma a que o conjunto de todas as pegadas vá formando um caminho.
- Conclusão por parte do animador.

## CONCLUSÃO

A reflexão apresentada ao longo deste Relatório Final acerca da questão ecológica e os desafios educacionais que ela coloca à disciplina de EMRC permite-nos concluir a pertinência do tema aqui desenvolvido. Não se trata de um assunto secundário que possamos relegar para outros âmbitos que não a escola e em concreto a disciplina que nos ocupa; tampouco é, como vimos, uma questão secundária para a fé cristã, senão que esta deve ter as suas consequências no modo como nos situamos no mundo e nos relacionamos com ele e com tudo e todos o que nele habitam.

O Papa Francisco, em absoluta sintonia com o seu Magistério, apresenta a questão ecológica na encíclica *Laudato Si'* com um enfoque integral, reconhecendo-se nele os temas centrais do seu pontificado. Destaca-se neste documento a íntima relação entre o problema ambiental e a injustiça socioeconómica, a interligação entre todas as coisas, a necessidade de superar um desajustado paradigma tecnocrático e antropocêntrico e a proposta de uma ecologia integral, que envolve diferentes estamentos, desde o quotidiano ao nível internacional, no contexto de um necessário cuidado da nossa casa comum.

Um tema que não sendo novo na Doutrina Social da Igreja, é agora alvo de uma reflexão sistemática e abrangente por parte do Magistério Papal, fazendo convergir nela diferentes saberes. Francisco apela ao diálogo entre as diversas ciências e tradições culturais e religiosas a fim de se encontrarem caminhos de solução para um problema complexo e de enorme relevância para toda a humanidade. O próprio documento constitui já por si um contributo inestimável nesse sentido. Isabel Varanda considera esta encíclica um verdadeiro evangelho da criação, uma boa notícia:

“Vem dizer que há mais vida e possibilidade de melhor vida fora da engrenagem deste lado *Abominável do Mundo Novo*. Vem dizer que há um bem maior – o bem comum (§93-95) – e que deve ser o princípio do bem comum que deve presidir e inspirar o nosso modo de habitar o

mundo. **Evangelho da criação**, ainda, porque comporta também o anúncio feliz da confiança no humano, no universo e em Deus [...].”<sup>263</sup>

A tradição cristã sempre se ocupou das questões fundamentais que o ser humano se coloca, entre elas o enigma do universo e o seu sentido. Também hoje, em pleno século XXI, no contexto de uma sociedade marcada pelo desenvolvimento científico e técnico, continua a ser pertinente a reflexão teológica e crente acerca destas questões. Nela não podemos prescindir da leitura atenta e adequada dos textos bíblicos, a qual enriquece a nossa perspetiva sobre a realidade, abrindo-nos a dimensões que de outra forma permaneceriam veladas. Naturalmente que essa riqueza se amplia se o leitor for uma pessoa ou uma comunidade crente, mas também àqueles que não aderem à fé judaico-cristã, transmitem estes relatos uma profunda sabedoria. Daí o nosso convencimento de que a perspetiva e leitura cristã dos acontecimentos e da realidade deva ser oferecida não apenas aos crentes, mas a todos, com a humildade de saber que a nossa voz não é a única a ser ouvida, mas que há uma palavra que só nós podemos pronunciar apoiados na fé em Jesus e se não a pronunciarmos todos ficaremos mais pobres.

No que respeita à questão ecológica assim acontece e a palavra que o Papa Francisco ofereceu através da sua encíclica *Laudato Si* é disso uma prova. Documento amplamente bem acolhido, tanto entre crentes como não crentes, na comunidade científica e fora dela, entre a classe política e os cidadãos, veio sem dúvida, enriquecer o debate, contribuindo para a procura de soluções. Palavras do Papa expressam bem aquilo que, fundamentados nos textos bíblicos, podemos afirmar com toda a claridade:

“Precisamente pela sua dignidade única e por ser dotado de inteligência, o ser humano é chamado a respeitar a criação com as suas leis internas, já que «o Senhor fundou a terra com sabedoria» (Pr 3, 19). Hoje, a Igreja não diz, de forma simplicista, que as outras criaturas estão totalmente

---

<sup>263</sup> I. VARANDA, “Laudato Si. «Não Somos Deus. A Terra Existe Antes De Nós E Foi-Nos Dada» (Ls 67),” *Semanário Ecclesia* 1485 (2015) 36-41, <http://www.agencia.ecclesia.pt/semanario/mrevista/121>, 41 (Acedido em 26 de junho de 2018).

subordinadas ao bem do ser humano, como se não tivessem um valor em si mesmas e fosse possível dispor delas à nossa vontade.”<sup>264</sup>

Reavivar a consciência que todas as criaturas têm valor em si mesmas, não existindo apenas em função das necessidades do ser humano, é hoje mais importante que nunca, numa época marcada por um antropocentrismo exagerado que pode dificultar esta percepção. Daí a relevância de ter em conta, no âmbito de uma ecologia integral, as diferentes dimensões, antropológica, socioeconómica, espiritual e ecologia da vida quotidiana assinaladas pelo Papa e desenvolvidas nesta reflexão. Elas evidenciam a abrangência que requer uma abordagem ecológica séria e simultaneamente tornam evidente que se trata de uma questão que nos diz respeito a todos.

A escola tem neste contexto um importante papel a desempenhar, o qual consideramos ter sido suficientemente sublinhado nesse Relatório. Educar para o cuidado da nossa casa comum, fomentar a análise crítica da realidade e o compromisso com ela, estimular a adoção de estilos de vida mais sóbrios, mais solidários e comprometidos com a natureza e com os outros, é todo um desafio educacional, estando a disciplina de EMRC chamada a dar o seu contributo específico. Procurámos aqui assinalar caminhos concretos para que esse contributo seja efetivamente dado através da introdução do tema ecológico na Unidade Letiva 1 do 6º ano e da criação de *Focos de Conversão Ecológica Escolares*.

Reafirmamos a nossa convicção de estar chamados a não acomodar-nos ao atual estado de coisas, não resignar-nos ante um mundo fragilizado e ferido, senão sentir-nos capazes de, juntamente com tantos outros homens e mulheres de boa vontade, contribuir para humanizá-lo e por isso torna-lo mais de Deus. Estamos chamados a caminhar sempre, sem lamúrias nem desânimos, com a esperança de quem acredita que o mundo pode ser diferente e melhor. Nesse sentido são eloquentes as palavras do Papa Francisco e com elas terminamos: “caminhemos

---

<sup>264</sup> LS 69.

cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança.”<sup>265</sup>

---

<sup>265</sup> *LS* 244.

## BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA DE JERUSALÉM, Paulus, São Paulo, 2002.

## MAGISTÉRIO DA IGREJA

BENTO XVI, Papa, *Caridade na Verdade*, Paulinas, Prior Velho, 2009.

CARTA PASTORAL DEL CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM), *Discípulos misioneros custódios de la casa común, discernimento a la luz de la encíclica Laudato Si*, Bogotá, 2018, <http://iglesiasymineria.org/wp-content/uploads/2018/03/CARTA-PASTORAL-CELAM-2018.pdf>.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, 2004, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20040723\\_communion-stewardship\\_po.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.htm)

FRANCISCO, Papa, *Louvado Sejas, Carta Encíclica Laudato Si`*, sobre o cuidado da casa comum, Paulinas, Prior Velho, 2015.

CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 345- 418.

CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração sobre a Educação Cristã (Gravissimum Educationis)*, Editorial A. O., Braga, 1987, 203- 212.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica- Um valioso contributo para a formação da personalidade*, 2006, <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ E DICASTÉRIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL, *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones, Considerações para um discernimento ético sobre alguns aspetos do atual sistema económico-financeiro*, 6 de janeiro 2018, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20180106\\_oeconomicae-et-pecuniariae\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180106_oeconomicae-et-pecuniariae_po.html).

FRANCISCO, Papa, *Evangelii Gaudium*, Paulinas, Prior Velho, 2013.



FRANCISCO, Papa, *Louvado Sejas, Carta Encíclica Laudato Si`, sobre o cuidado da casa comum*, Paulinas, Prior Velho, 2015.

FRANCISCO, Papa, Discurso aos estudantes e professores das Escolas Italianas, 10 de Maio de 2014, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco\\_20140510\\_mondo-della-scuola.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140510_mondo-della-scuola.html).

FRANCISCO, Papa, Mensagem no festival da DSI, 24 novembro de 2016, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco\\_20161124\\_videomessaggio-festival-dottrina-sociale.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20161124_videomessaggio-festival-dottrina-sociale.html).

FRANCISCO, Papa, Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação 2016, 14 de outubro 2016, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco\\_20161014\\_messaggio-giornata-alimentazione.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco_20161014_messaggio-giornata-alimentazione.html).

FRANCISCO, Papa, Mensagem para o I Dia Mundial Dos Pobres, 19 de novembro de 2017, [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco\\_20170613\\_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html).

JOÃO PAULO II, Papa, *Mensagem para o dia mundial da Paz, Paz com Deus Criador, paz com toda a Criação*, 1 janeiro 1990, [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_19891208\\_xxiii-world-day-for-peace.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19891208_xxiii-world-day-for-peace.html).

LEÃO XIII, Papa, *Rerum Novarum*, [http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html).

PAULO VI, Papa, Carta encíclica *Populorum Progressio*, [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html).

## DOCUMENTOS CURRICULARES

OFM, Ide e Ensinaí, Diretrizes Gerais para a Educação Franciscana, Roma, 2009, <http://externatodaluz.com/site/ficheiros/direcao/educazionePOR1.pdf>.

Projeto Educativo do Externato da Luz 2016- 2019, [http://externatodaluz.com/site/ficheiros/direcao/projecto\\_educativo.pdf](http://externatodaluz.com/site/ficheiros/direcao/projecto_educativo.pdf).

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Estou Contigo! Manual Do 6º ANO – EMRC*, SNEC, Lisboa, 2017.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, SNEC, Lisboa, 2014.

## LEGISLAÇÃO

Decreto-lei nº 553/80 de 21 de novembro, [https://dre.pt/pesquisa/-/search/458182/details/normal?p\\_auth=sojSk7IV](https://dre.pt/pesquisa/-/search/458182/details/normal?p_auth=sojSk7IV).

Portaria nº 59/2014 de 7 de março, [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Legislacao/portaria\\_59\\_2014\\_7\\_marco.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Legislacao/portaria_59_2014_7_marco.pdf).

## RELATÓRIOS

Banco Credit Suisse, *Global Wealth Report 2015* (Relatório da Riqueza Global), Switzerland, 2015, <https://publications.credit-suisse.com/tasks/render/file/?fileID=F2425415-DCA7-80B8-EAD989AF9341D47E>.

Carta da Terra, Haya, 29 de junho de 2000, [http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/\\_arquivos/carta\\_terra.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf).

DELORS, J., (Coord.), *Educação um tesouro a descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, UNESCO, Brasília, 1998, [http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a\\_pdf/r\\_unesco\\_educ\\_tesouro\\_descobrir.pdf](http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf).

OSCE/ODIHR, *Principios Orientadores de Toledo sobre la Enseñanza acerca de las Religiones y Creencias en las Escuelas Públicas*, Varsóvia, 2008, <https://www.osce.org/es/odihr/29155?download=true>.

Oxford Committee for Famine Relief (OXFAM), Relatório de janeiro de 2017, [https://d1tn3vj7xz9fdh.cloudfront.net/s3fs-public/file\\_attachments/bp-economy-for-99-percent-160117-es.pdf](https://d1tn3vj7xz9fdh.cloudfront.net/s3fs-public/file_attachments/bp-economy-for-99-percent-160117-es.pdf)

PNUD, *El abismo de la desigualdad. Informe sobre desarrollo humano 1992*, [https://www.cristianismeijusticia.net/sites/default/files/pdf/es50\\_0.pdf](https://www.cristianismeijusticia.net/sites/default/files/pdf/es50_0.pdf).

## ESTUDOS E MONOGRAFIAS

ARENDTS, R., *Aprender a Ensinar*, Mc Graw-Hill, Madrid, 2008.

BAUMAN, Z., *Vida líquida*, Paidós, Barcelona, 2006

BERGOGLIO, J., *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho, 2015.

BOFF L., “La Magna Charta de la ecología integral: el grito de la tierra y el grito de los pobres”, in BOFF L., ZANOTELLI A., GIRAUD G., GIACARDI C., MAGATTI M., COSTA G., *Cuidar de la madre tierra, comentário a la encíclica Laudato Si*, San Pablo, Madrid, 2015, 5-18.

BOFF L., *Saber cuidar, Ética do humano- compaixão pela terra*, Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

BRUNI, L., *A ferida do outro. Economia e relações humanas*, Editora Cidade Nova, Abrigada, 2010.

BRUNI L., *À procura de novas palavras para uma economia humana*, Editora Cidade Nova, Abrigada, 2017.

CAAMAÑO LÓPEZ, J., “La encíclica Laudato Si y la teología moral”, in H. SANZ (ed.), *Cuidar de la tierra, cuidar de los pobres, Laudato Si desde la teología y con la ciencia, Sal Terrae, Cantabria*, 2015, 141- 168.

COUTO, A., *Pentateuco, caminho da vida agraciada*, Coleção de Estudos Teológicos, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003.

COSTA, G., “Acción, conversión, contemplación: una encíclica para poner en práctica”, in BOFF L., ZANOTELLI A., GIRAUD G., GIACARDI C., MAGATTI M., COSTA G., *Cuidar de la madre tierra, comentário a la encíclica Laudato Si*, San Pablo, Madrid, 2015, 51- 60.

GARCÍA PAREDES, J., “Ecología del Espíritu, Educación – espiritualidad para la “conversión” ecológica”, in GALINDO, A. (coord.), *Loado seas mi Señor y Ecología integral, Comentarios a la encíclica Laudato Si del Papa Francisco*, Universidad pontificia de Salamanca, Salamanca, 2016, 153- 179.

GIACCARDI, C. e MAGATTI, M., “Educarse para el cuidado: cultivar, custodiar, cantar” in BOFF L., ZANOTELLI A., GIRAUD G., GIACARDI C., MAGATTI M., COSTA G., *Cuidar de la madre tierra, comentário a la encíclica Laudato Si*, San Pablo, Madrid, 2015, 41- 50.

GIRAUD, G., “Laudato Si’: Un llamamiento decisivo” in BOFF L., ZANOTELLI A., GIRAUD G., GIACARDI C., MAGATTI M., COSTA G., *Cuidar de la madre tierra, comentário a la encíclica Laudato Si*, San Pablo, Madrid, 2015, 31- 39.

MARTINS, A., “Para uma ecologia integral- Acentuações de Laudato Si` in PINHO, J. (Coord.), *Eu vim para que tenham vida. A vida que brota de Deus no acontecer da História*, Coleção Fátima Estudos, Volume 10, Santuário de Fátima, 2017, 167- 194.

MENDONÇA, J., *O pequeno caminho das grandes perguntas*, Quetzal Editores, Lisboa, 2017.

RUIZ DE LA PEÑA, J., *Imagen de Dios, Antropología Teológica Fundamental*, Sal Terrae, Cantabria, 1998.

SANCHEZ- ROMERO, J., ARROYO, M., “La teología de la encíclica Laudato si”, in GALINDO, A. (coord.), *Lado seas mi Señor y Ecología integral, Comentarios a la encíclica Laudato Si del Papa Francisco*, Universidad pontificia de Salamanca, Salamanca, 2016, 49-68.

SANNA, I., *L'Identità aperta, il cristiano e la questione antropologica*, Queriniana, Brescia, 2006.

TATAY NIETO, J., “De la cuestión social a la cuestión socio- ambiental, Implicaciones de Laudato Si para la DSI”, in SANZ, H. (ed.), *Cuidar de la tierra, cuidar de los pobres, Laudato Si desde la teología y con la ciencia*, Sal Terrae, Cantabria, 2015, 169- 184.

TEDESCO, J., *O novo pacto Educativo*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 1999.

VAZ, A., *Em vez de «história de Adão e Eva»: o sentido último da vida projetado nas origens*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2011.

VAZ, A., “A Bíblia e as origens” in *As origens da vida*, Semanas de Estudos Teológicos, Faculdade de Teologia, UCP, Rei dos Livros, Lisboa, 1997, 101- 159.

## ARTIGOS

BOFF, L., “O desafio ecológico à luz da Laudato Si e da COP21 de Paris”, *Revista Eclesiástica Brasileira- Ecoteologia* 76 (2016) 24- 43.

CANTERAS MURILLO, A., “Los nuevos modos de creer de los jóvenes: una interpretación sociológica”, *Estudios de Juventud* 53 (2001) 9- 18.

CARBAJO NÚÑEZ, M., “Desafíos éticos globales a la luz de la encíclica Laudato Si` y del jubileo de la Misericordia”, *Didaskalia* XLVI (2016) 73- 100.

CARVALHO, C., “Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em EMRC, edição de 2014”, *Revista Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 29- 61.

FALCÃO, G., “Ecologia integral, ecologia do homem”, *Itinerarium* 214 (2016) 5- 25.

CORREIA, J., “EMRC: profecia e dom, um jeito de ser Igreja”, *Revista Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 95- 105.

LOURENÇO, J., “Dimensão profética da EMRC, A escola, o docente, o educando. Sinais proféticos da EMRC”, *Revista Pastoral Catequética* 31- 32 (2015) 121- 131.

LÓPEZ AZPITARTE, E., “Exigencias ecológicas y ética cristiana”, *Revista Selecciones de Bioética* (2008) 64- 71.

MESSIAS, T., “Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis”, *Communio-Revista Internacional Católica* 1 (2012) 113- 128.

PEIXOTO, B., “Para uma ecologia do coração. Uma viagem pela Laudato Si”, *Itinerarium*, 214 (2016) 39-52.

SOBRINO, J., “Humanizar una civilización enferma”, *Concilium* 329 (2009) 79- 89.

TAVARES, S., “Evangelho da criação e ecologia integral: uma primeira receção da Laudato Si”, *Perspectiva Teológica* 48 (2016) 59- 80.

VARANDA, I., “A salvação ecológica”, *Instituto São Tomás de Aquino, Cadernos* 11 (2001) 107- 119.

VARANDA, I., “A ecologia como chave hermenêutica da criação e da evolução”, *Theologica* 45 (2010) 453- 464.

VARANDA, I., “Laudato Si. «Não Somos Deus. A Terra Existe Antes De Nós E Foi-Nos Dada» (Ls §67),” *Semanário Ecclesia* 1485 (2015) 36-41.

VAZ, A., “Ecologia integral a partir de Gn1”, *Theologica* 51 (2016) 51-67.

VAZ, A., “Espiritualidade bíblica da criação para uma ecologia integral: desafios da *Laudato Si*”, <http://casacomum.pt/wp-content/uploads/2018/03/EcologiaBiblia-Macau-pArmVaz.pdf>.

## SITIOS CONSULTADOS

[www.casacomum.pt](http://www.casacomum.pt)

[www.cartaeducacao.com.br/carta-capital/desigualdade-sem-limites/](http://www.cartaeducacao.com.br/carta-capital/desigualdade-sem-limites/)